



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

JARBAS MICHAEL FREITAS DAMASCENO

GÊNEROS ORAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: O SEMINÁRIO ESCOLAR COMO
OBJETO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

FORTALEZA

2026

JARBAS MICHAEL FREITAS DAMASCENO

GÊNEROS ORAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: O SEMINÁRIO ESCOLAR COMO
OBJETO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Dissertação apresentada ao Programa Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Meire Celedonio da Silva.

FORTALEZA

2026

JARBAS MICHAEL FREITAS DAMASCENO

GÊNEROS ORAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: O SEMINÁRIO ESCOLAR COMO
OBJETO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Dissertação apresentada ao Programa Mestrado
Profissional em Letras - PROFLETRAS da
Universidade Federal do Ceará, como requisito
para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em 11/05/2026

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Meire Celedonio da Silva (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Fábio Delano Vidal Carneiro
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Carlos Heric Silva Oliveira
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
(UNILAB)

A Deus, a minha esposa Rute,
a minha filha Lidia e ao meu filho Samuel.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, minha gratidão a Deus, pelo sopro de vida e pela força concedida para vencer os desafios enfrentados durante o processo, a Quem dedico esta conquista.

À minha querida esposa, Rute Sobreira, por todo seu amor e companheirismo, principalmente nos momentos de aflições.

Aos meus amados filhos, Lídia, minha primogênita, e Samuel cujo nascimento se deu no meio desse processo, pelos momentos de brincadeiras que me serviram de combustível para continuar.

Aquela cujo ventre serviu-me de abrigo nos meus primeiros nove meses de vida, minha querida mãe, Elenilda. Minha gratidão pela formação exemplar que me deste.

Ao meu pai, José Casseiro, a quem sou eternamente grato pelo exemplo de Homem repassado para mim.

Aos meus queridos irmãos, Kedma e Jardel, que sempre me deram forças para continuar.

Agradeço de modo especial, à minha orientadora, Professora Doutora Meire da Silva Celedonio, por sua orientação gentil, paciente e acolhedora. Creio ter sido a boa mão de Deus que a colocou em meu caminho.

Aos nobres Professores Doutores do Departamento do Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS/UFC que me ajudaram a aprofundar os meus conhecimentos acadêmicos. Em especial às professoras: Áurea Zavam, Eulália Leurquin, Alexandra Araújo e aos professores Leite Júnior, Fábio Delano e Antonio Duarte pelas maravilhosas aulas ministradas.

À E.E.F Dona Conceição, pela compreensão com a minha pesquisa acadêmica, em especial às gestoras Rosimeire Feitosa e Rejane Bessa pelo companheirismo e aos colegas professores, pelos diálogos que mais pareciam terapias.

Aos estimados colegas da turma 10 do PROFLETRAS, pelos diálogos e brincadeiras no momento do cafezinho da tarde e pelo companheirismo nas atividades realizadas durante as disciplinas.

Aos alunos da escola Dona Conceição, minha gratidão por terem aceitado participar da pesquisa.

À CAPES, pelo apoio financeiro e toda fomentação à pesquisa e ao conhecimento.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para o êxito deste trabalho.

Porque desde a antiguidade não se ouviu,
nem com ouvidos se percebeu, nem com os
olhos se viu um Deus além de ti que
trabalha para aquele que nele espera.

Isaías 64:4

RESUMO

O número de pesquisas referentes ao Ensino e Aprendizagem dos gêneros orais tem aumentado nas últimas décadas influenciadas por pesquisadores como Joaquim Dolz, Bernard Schneuwly, Luis Antônio Marcuschi, Luzia Bueno, entre outros e também pelas prescrições normativas da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018), muito embora ainda seja um número inferior, se comparado ao número de pesquisas voltadas para o ensino da Leitura e da Escrita. Considerando esse cenário e a necessidade de se aperfeiçoar o trabalho com a oralidade dos nossos alunos, a pesquisa tem como objetivo analisar o desenvolvimento das capacidades de linguagem (Dolz; Pasquier; Bronckart, 2017) com foco nas capacidades de ação, capacidade discursiva e capacidade multissemiótica necessárias à produção do gênero de texto Seminário Escolar. Esta pesquisa, de natureza majoritariamente qualitativa, foi realizada em uma turma de 8º ano de uma escola de Ensino Fundamental no município de Itaitinga – CE e teve como metodologia os procedimentos da pesquisa-ação (Thiollent, 2011), entendida como um tipo de pesquisa que busca relacionar bases empíricas a ações práticas, visando a resolução de problemas coletivos. Como fundamentação teórica, tomou como base os estudos do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 2023), com ênfase no Contexto de Produção e nas Capacidades de Linguagem, além de adotar como dispositivo de ensino a sequência didática (Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004). Ao final da investigação, com base na análise dos dados, chegou-se à conclusão de que o trabalho sistemático com o gênero oral Seminário Escolar, contribuiu significativamente para o desenvolvimento das capacidades de linguagem dos educandos participantes da pesquisa. Com resultado desse estudo, foi elaborado um caderno pedagógico com as atividades desenvolvidas nos módulos da sequência didática e disponibilizado como sugestão para outros professores do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: seminário escolar; capacidades de linguagem; interacionismo sociodiscursivo; oralidade.

ABSTRACT

The number of studies related to the teaching and learning of oral genres has increased in recent decades, influenced by researchers such as Joaquim Dolz, Bernard Schneuwly, Luis Antônio Marcuschi, Luzia Bueno, among others, and also by the normative prescriptions of the National Common Curricular Base - BNCC (2018), although it is still a smaller number compared to the number of studies focused on the teaching of reading and writing. Considering this scenario and the need to improve work with the orality of our students, this research aims to analyze the development of the language capabilities (Dolz; Pasquier; Bronckart, 2017) focusing on the action capacity, discursive capacity, and multisemiotic capacity necessary for the production of the School Seminar text genre. This research, predominantly qualitative in nature, was conducted in an 8th-grade class at a primary school in the municipality of Itaitinga – CE, and its methodology employed action research procedures (Thiollent, 2011), understood as a type of research that seeks to relate empirical bases to practical actions, aiming at the resolution of collective problems. The theoretical framework was based on studies of Sociodiscursive Interactionism (Bronckart, 2023), with an emphasis on the Context of Production and Language Capabilities, and adopted the didactic sequence as a teaching tool (Dolz, Noverraz and Schneuwly, 2004). At the end of the investigation, based on data analysis, it was concluded that systematic work with the oral genre of the School Seminar significantly contributed to the development of the language abilities of the students participating in the research. As a result of this study, a teaching guide was created with the activities developed in the modules of the teaching sequence and made available as a suggestion for other elementary school teachers.

Keywords: school seminar; language capabilities; sociodiscursive interactionism; orality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema da Sequência Didática	36
Figura 2 - Tabela dos elementos não-linguísticos	39
Figura 3 - Registro fotográfico da Oficina 01	41
Figura 4 - Registro fotográfico da Oficina 02	44
Figura 5 - Registro fotográfico da Oficina 03	46
Figura 6 - Registro fotográfico da Oficina 04	48
Figura 7 - Registro fotográfico da Oficina 05	50
Figura 8 - Registro fotográfico da Oficina 06	53
Figura 9 - Gráfico da primeira pergunta do formulário	55
Figura 10 - Gráfico da segunda pergunta do formulário	56
Figura 11 - Gráfico da terceira pergunta do formulário	56
Figura 12 - Gráfico da quarta pergunta do formulário	57
Figura 13 - Gráfico da quinta pergunta do formulário	58
Figura 14 - Imagem da Produção Inicial (PI) da Equipe 1	63
Figura 15 - Imagem da Produção Inicial (PI) da Equipe 2	70
Figura 16 - Imagens da Produção Inicial (PI) da Equipe 1	84
Figura 17 - Imagens da Produção Final (PF) da Equipe 1	84
Figura 18 - Imagens da Produção Final (PF) da Equipe 2	94
Figura 19 - Imagens da Produção Inicial (PI) da Equipe 2, Aluna B	95
Figura 20 - Imagens da Produção Final (PF) da Equipe 2, Aluna B	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Esquematização dos níveis e das unidades linguísticas para a análise de um texto.....	22
Quadro 2 - Habilidades do eixo da oralidade - BNCC	32
Quadro 3 - Oficina 01: Análise da Produção Inicial	41
Quadro 4 - Oficina 02: As fases internas do Seminário Escolar	43
Quadro 5 - Oficina 03: As fases internas do Seminário Escolar (Continuação)	45
Quadro 6 - Oficina 04: Leitura e preparação para a Produção Final (PF).....	48
Quadro 7 - Oficina 05: Produção dos Slides	50
Quadro 8 - Oficina 06: Ensaio para a Produção Final (PF).....	52
Quadro 9 - Categorias de análise: Capacidade de ação	59
Quadro 10 - Categorias de análise: Capacidade discursiva	59
Quadro 11 - Categorias de análise: Capacidade multissemiótica.....	60
Quadro 12 - Normas para transcrição - NURC/SP	60
Quadro 13 - Produção Inicial (PI) da Equipe 1: Capacidade de ação	64
Quadro 14 - Produção Inicial (PI) da Equipe 1: Capacidade discursiva	65
Quadro 15 - Produção Inicial (PI) da Equipe 1: Capacidade multissemiótica	67
Quadro 16 - Produção Inicial (PI) da Equipe 2: Capacidade de ação	70
Quadro 17 - Produção Inicial (PI) da Equipe 2: Capacidade discursiva	72
Quadro 18 - Produção Inicial (PI) da Equipe 2: Capacidade multissemiótica	73
Quadro 19 - Produção Final (PF) da Equipe 1: Capacidade de ação	77
Quadro 20 - Produção Final (PF) da Equipe 1: Capacidade discursiva	79
Quadro 21 - Produção Final (PF) da Equipe 1: Capacidade multissemiótica	83
Quadro 22 - Produção Final (PF) da Equipe 2: Capacidade de ação	88
Quadro 23 - Produção Final (PF) da Equipe 2: Capacidade discursiva	90
Quadro 24 - Produção Final (PF) da Equipe 2: Capacidade multissemiótica	93

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
2.1	Interacionismo Sociodiscursivo (ISD).....	19
2.2	Conceitos do quadro teórico-metodológico do ISD	20
2.2.1	<i>Contexto de Produção</i>	20
2.2.2	<i>Capacidades de Linguagem.....</i>	23
2.2.2.1	<i>Capacidade de ação</i>	23
2.2.2.2	<i>Capacidade discursiva</i>	25
2.2.2.3	<i>Capacidade linguístico-discursiva</i>	25
2.2.2.4	<i>Capacidade multissemiótica.....</i>	26
3	CARACTERIZAÇÃO DO GÊNERO SEMINÁRIO ESCOLAR	28
3.1	Considerações e definições.....	28
3.1.1	<i>Seminário: breve histórico</i>	28
3.2	As modalidades oral e escrita como faces de uma mesma moeda.....	30
3.3	O eixo da oralidade na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).....	31
4	METODOLOGIA.....	34
4.1	Contexto da pesquisa.....	34
4.2	Participantes	35
4.3	Procedimentos de geração de dados	35
4.4	Modelo didático do gênero Seminário Escolar	38
4.5	Aplicação das oficinas	39
4.5.1	<i>Oficina 01.....</i>	40
4.5.2	<i>Oficina 02.....</i>	42
4.5.3	<i>Oficina 03.....</i>	44
4.5.4	<i>Oficina 04.....</i>	46

4.5.5	<i>Oficina 05</i>	49
4.5.6	<i>Oficina 06</i>	51
5	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS	54
5.1	Análise do formulário: “Minhas vivências com o Seminário Escolar”	54
5.2	Produção Inicial	59
5.2.1	<i>Regras e símbolos de transcrição do corpus</i>	60
5.2.2	<i>Equipe 1:</i>	62
5.2.3	<i>Equipe 2:</i>	68
5.3	Produção Final	74
5.3.1	<i>Equipe 1:</i>	75
5.3.1.1	<i>Análise da Capacidade de Ação da Equipe 1</i>	77
5.3.1.2	<i>Análise da Capacidade Discursiva da Equipe 1</i>	79
5.3.1.2	<i>Análise da Capacidade Multissemiótica da Equipe 1</i>	82
5.3.2	<i>Equipe 2</i>	85
5.3.2.1	<i>Análise da Capacidade de Ação da Equipe 2</i>	87
5.3.2.2	<i>Análise da Capacidade Discursiva da Equipe 2</i>	90
5.3.2.3	<i>Análise da Capacidade Multissemiótica da Equipe 2</i>	92
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
	REFERÊNCIAS	101
	ANEXO A - FORMULÁRIO “MINHAS VIVÊNCIAS COM O SEMINÁRIO ESCOLAR”	104
	ANEXO B - TEXTO “AS DORES DO CRESCIMENTO”, DE GIULIA VIDALE E NATÁLIA CUMINALE	106
	ANEXO C - MODELO DE PLANO DE APRESENTAÇÃO	108
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE	112
	APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE	114

APÊNDICE C - AUTORIZAÇÃO DA PLATAFORMA BRASIL	116
APÊNDICE D - AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA	117
APÊNDICE E - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	118
APÊNDICE F – CADERNO PEDAGÓGICO	120

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema o “Gênero Seminário Escolar na Educação Básica” e visa analisar o desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental da escola Dona Conceição (onde leciono), pertencente à rede pública do município de Itaitinga-CE. O foco da pesquisa está centrado nas capacidades de ação, capacidade discursiva e capacidade multissemiótica, postuladas por Dolz (2015) e Dolz, Pasquier e Bronckart (2017), necessárias à produção do gênero em análise.

A oralidade é algo extremamente necessário e importante para o desenvolvimento do ser humano. Dessa forma, a comunicação oral é essencial para a interação do sujeito tanto em família quanto em comunidade. A partir disso, posso enfatizar que este trabalho tem uma relevância pessoal bastante significativa, pois em toda a minha vida estudantil, fui um discente que apresentou dificuldades quando precisava expor algum trabalho na escola. A maioria das experiências com o gênero de texto Seminário Escolar foi bem negativa, ao ponto de desenvolver uma espécie de ansiedade quando o professor anunciava que a turma seria avaliada pelos seminários apresentados.

No contexto do Ensino Fundamental na rede pública de ensino, não me recordo de algum professor ter proposto apresentações orais em sala de aula, muito menos um trabalho didático e sistemático a respeito das características desse gênero de texto. No Ensino Médio, por outro lado, os professores utilizavam o gênero Seminário como instrumento de avaliação, no entanto sem um trabalho prévio acerca de suas características e atribuições. As orientações basicamente resumiam-se à divisão da turma em equipes, ao sorteio dos temas propostos e à data das apresentações. Em seguida, cada equipe se responsabilizaria por pesquisar acerca do tema sorteado e dividir as respectivas falas, as quais resumiam-se a trechos de cópias que eram simplesmente oralizados no dia da apresentação. Ao ingressar no Ensino Superior, no curso de licenciatura em Letras-Português, veio o choque de realidade, pois na grande maioria das disciplinas os professores utilizavam, além de outras atividades, um Seminário como pré-requisito para a aprovação, assim como no Ensino Médio, sem uma proposição didática prévia a respeito do gênero.

Dessa forma, ao relembrar minha trajetória estudantil, percebo que se este trabalho didático-pedagógico voltado para o eixo da oralidade tivesse sido realizado durante o meu Ensino Fundamental, eu, enquanto aluno, teria tido menos dificuldades nas etapas subsequentes.

Portanto, atualmente, como professor de Língua Portuguesa de uma escola pública da rede municipal de ensino, constato a necessidade e a importância de pesquisas como esta cujo foco é desenvolver no contexto do Ensino Fundamental um trabalho sistemático com o gênero Seminário Escolar, visando ajudar os educandos a vencerem o desafio de fazerem boas apresentações orais, sentindo-se seguros para isso ao desenvolverem suas capacidades de linguagem.

De fato, a capacidade de se expressar oralmente em público constitui-se, muitas vezes, como um grande desafio para muitas pessoas. No contexto escolar, isso fica bastante evidente quando se propõe uma apresentação de seminários para os alunos e estes não conseguem realizá-la de maneira satisfatória. Isso é discutido, por exemplo, por Bueno (2008, p.1) quando afirma: “[...] como o seminário em si, enquanto um gênero textual, não é tomado como um instrumento a ser ensinado, o resultado das apresentações dos alunos nem sempre satisfaz a eles e ao professor.”

Assim, como pontua a autora, o gênero Seminário não é tomado como objeto de ensino, mesmo sendo, muitas vezes, utilizado como instrumento de avaliação por parte dos professores. Dessa maneira, é comum ouvirmos no ambiente escolar os professores comentarem o baixo desempenho de seus alunos em situação de apresentações orais, sem que antes tenha sido feito um trabalho didático e sistemático a respeito do gênero Seminário Escolar. Portanto, a tendência, geralmente, é que os alunos se limitem ao suporte escrito, fazendo apenas a leitura do conteúdo a ser apresentado, sem acrescentarem informações adicionais que demonstrem domínio e segurança acerca do tema estudado.

Vale destacar também o que menciona a autora sobre a forma como os discentes se portam quando estão expostos à situação comunicativa do seminário, geralmente não sabem como agir diante da turma e do professor: “[...] como não dominam o gênero, é comum os alunos em uma situação de seminário irem para a parte da frente da sala de aula, ficarem parados diante dos colegas sem saberem como falar, como gesticular, como se posicionar, como olhar para as pessoas, etc.” (Bueno, 2008, p. 2). Assim, entende-se que esses alunos precisam compreender melhor a situação em que estão inseridos, percebendo-se como especialistas dos temas propostos, conscientes do propósito de suas apresentações e para quem irão fazer suas exposições.

Por perceber, de fato, esta lacuna nas turmas do Ensino Fundamental, em específico com os discentes do 8º ano, esta pesquisa analisa o desenvolvimento das capacidades de linguagem (Dolz-Mestre, J.; Pasquier, A.; & Bronckart, J. P., 2017) necessárias para a produção do Seminário Escolar. São elas: a capacidade de ação, que está justamente relacionada à

questão do comportamento assumido pelos alunos no momento da exposição, bem como ao propósito comunicativo que é o de repassar um conhecimento previamente estudado; a capacidade discursiva, que diz respeito à composição textual (abertura, desenvolvimento, finalização) e a capacidade multissemiótica Dolz (2015), que diz respeito aos mecanismos não verbais, como postura corporal, qualidade da voz, ocupação do espaço, dentre outros critérios.

Portanto, diante das problemáticas levantadas, ratifica-se a necessidade e a importância não apenas de se ensinar o gênero Seminário Escolar para os alunos, desenvolvendo as capacidades de linguagem pertinentes para a sua realização, mas também a de desenvolver pesquisas como esta que foquem na temática da oralidade. Por entender que a habilidade de se expressar oralmente é importante em todo o período da vida escolar, acadêmica e social dos educandos, justifica-se a relevância deste estudo pelo fato de que, seguindo os propósitos do PROFLETRAS, visa relacionar os estudos teóricos acerca do gênero Seminário Escolar às práticas desenvolvidas em sala de aula, resultando em um material didático (Caderno Pedagógico) que ficará disponível para auxiliar outros professores que queiram aprimorar suas práticas docentes.

Um fato que é comum de acontecer é uma maior cobrança das habilidades com o gênero Seminário no nível do Ensino Superior, pois espera-se que os alunos nesta etapa já tenham consolidado as capacidades de linguagem necessárias para apresentações orais por já terem passado pelas etapas anteriores de ensino. Contudo, não é bem isso que acontece, pois percebe-se que muitos alunos do nível superior apresentam dificuldades em desenvolver a oralidade nos momentos de exposição dos seus trabalhos (Lima; Cordeiro; Amorim Lima, 2023).

Inclusive, esta problemática pode contribuir para o aumento da evasão de alunos universitários, pois, como é discutido no artigo de Bueno, Zani e Jacob (2021), embora a evasão seja um fenômeno que apresenta várias motivações, as dificuldades com a produção das comunicações orais também têm influenciado nesse fenômeno. Por isso, as autoras defendem que “se o trabalho com tais gêneros ou similares **pudesse ser iniciado já na Educação Básica**, ao menos alguns aspectos transversais deles já teriam sido apropriados pelos estudantes, o que poderia auxiliá-los nas interações comunicativas na universidade.” (Bueno; Zani; Jacob, 2021, p. 1501, grifo nosso).

Com isso, a presente pesquisa contribui não apenas para que quando o aluno ingresse no Ensino Médio e no Ensino Superior tenha de fato consolidado as capacidades de linguagem que o ajudarão a cumprir adequadamente os trabalhos de apresentações orais que lhe serão exigidos, mas também para que este aluno adquira estas capacidades e as utilize durante toda sua trajetória estudantil e também em outros contextos sociais, como em entrevistas de

emprego, palestras, programas jornalísticos, audiências jurídicas, etc.

A presente pesquisa está inserida no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), e situada nos estudos de linguística aplicada, tendo como principal aporte teórico o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) (Bronckart, 2023), além de abordar a Sequência Didática (Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004) na utilização de módulos de produção do gênero Seminário e a noção de capacidades de linguagem (Dolz, Pasquier e Bronckart, 2017).

Esta pesquisa contribui para o aumento do número de trabalhos que abordam a questão da oralidade. Pois, como atestam diferentes pesquisadores (Dolz; Schneuwly; Haller, 2004; Storto; Costa-Maciel; Magalhães, 2023; Bueno et al., 2024), a modalidade oral em relação à escrita usufrui de bem menos atenção no contexto da pesquisa e no contexto de sala de aula. No artigo de Uchoa, Braga, Daher et al (2023, p. 107), os autores também refletem sobre a problemática: “Observa-se que o ensino da língua portuguesa nas escolas está direcionado mais especificamente para a escrita. [...] Não se pode desprestigiar e desconsiderar as modalidades orais que estão em uso nos diversos segmentos da sociedade, em todos os seus níveis.”

De fato, é perceptível que há uma “supremacia” da modalidade escrita sobre a oral no ambiente escolar e isso precisa ser revisto. Evidente que o ensino da escrita é essencial e requer bastante atenção, porém não se pode deixar o trabalho com a oralidade à margem ou em segundo plano, visto que se trata de uma modalidade que está presente desde a infância e que é fundamental para o bom desempenho do estudante tanto em sua vida estudantil quanto em sociedade de uma maneira geral.

Além disso, sabe-se que o ensino dos gêneros orais é prescrito pelos documentos normativos, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que estabelece a oralidade como um dos quatro eixos de ensino de Língua Portuguesa juntamente com Leitura, Produção Textual e Análise Linguística/Semiótica, estabelecendo assim que “o Eixo da Oralidade compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face” (Brasil, 2018, p. 78).

Referente ao estado da arte, no campo da pesquisa, além dos artigos já citados, é possível mencionar algumas dissertações que dialogam com o presente trabalho. Félix (2009) se propõe a descrever e analisar a aplicação da exposição oral ao contexto do Ensino Médio em duas escolas estaduais da cidade de Patrocínio-MG. Embora esta dissertação esteja inserida no âmbito de um mestrado acadêmico e não tenha como objetivo fazer uma intervenção pedagógica, faz-se interessante como uma referência para este trabalho por trazer o gênero exposição oral como objeto de pesquisa. Vale salientar que se identificam duas significativas diferenças em relação ao estudo que aqui desenvolvemos: na pesquisa de Félix, o foco é o

Ensino Médio e as análises são feitas em duas escolas estaduais, enquanto nosso objeto de estudo está direcionado para uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental.

Outra pesquisa desenvolvida em um mestrado acadêmico, mas que se mostra relevante para este trabalho, principalmente por utilizar a mesma abordagem teórica, é a de Dantas (2019). Neste trabalho, o autor busca desenvolver também as capacidades de linguagem, com foco na capacidade de ação, porém no contexto escolar socio-educativo na Fundação Casa com jovens em regime de internação, na cidade de Iaras no sudoeste paulista.

A dissertação de Siqueira (2021) tem por objetivo geral levantar reflexões acerca da oralidade e do gênero Seminário para destacar a importância da fala no desenvolvimento social da língua e no aprimoramento das competências linguísticas. Sua pesquisa, no entanto, não pôde ser aplicada, por conta da pandemia da Covid-19, mesmo assim traz importantes discussões teóricas e um modelo didático que pode ser testado em pesquisas atuais.

Outros trabalhos que dialogam com a presente pesquisa e que foram desenvolvidas no contexto do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) são os seguintes: Rodrigues (2016); Almeida (2017); Andrade (2018); Silva (2018); Silva (2019) e Lucena (2020).

Com isso, é possível perceber que já existem alguns trabalhos de pesquisa voltados para a questão da oralidade e para o gênero Seminário, o que reforça a importância deste tema, visto que, comparado a pesquisas voltadas para outras modalidades como leitura e escrita, ainda aparece de forma mais tímida.

Visando contribuir com estes estudos voltados para a investigação acerca da oralidade, a presente dissertação está dividida em cinco capítulos:

No capítulo 2, apresenta-se a fundamentação teórica do trabalho, que está ancorada principalmente nos conceitos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), que tem Jean-Paul Bronckart como seu principal teórico. Faz-se uma abordagem e uma definição especialmente dos conceitos presentes no quadro teórico-metodológico do ISD: Contexto de Produção e Capacidades de Linguagem, que norteiam a investigação desenvolvida por esta pesquisa.

No capítulo 3, faz-se uma caracterização do gênero Seminário Escolar, enfatizando que este pertence ao gênero exposição oral e que se manifesta de maneira pública e formal com o objetivo de repassar certo conhecimento para determinado público. No primeiro subponto, são apresentadas algumas considerações e um breve histórico acerca do surgimento e das definições do gênero em estudo; no segundo, aborda-se a questão da escrita x oralidade; e no terceiro, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o gênero Seminário Escolar.

No capítulo 4, explana-se a metodologia adotada para a realização do trabalho. Neste

capítulo é apresentado o contexto da pesquisa, quem são os participantes, quais os procedimentos da geração de dados e qual o modelo didático do gênero Seminário Escolar adotado. Tem-se, portanto, um panorama geral de como foi empreendida a pesquisa, visto que é mostrado como se deu o passo a passo para a realização de toda a sequência didática. No último tópico do capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos que foram utilizados nas seis oficinas realizadas com a turma. Além do texto descritivo, tem-se os quadros dos planos de aula e uma imagem desfocada referente a cada oficina.

No capítulo 5, apresenta-se os procedimentos de análise dos dados e os critérios que foram adotados para que os participantes pudessem ser avaliados em todo o processo. Os procedimentos tiveram início por meio da análise do formulário: “Minhas vivências com o Seminário Escolar”, que gerou alguns gráficos que permitiram verificar os conhecimentos prévios dos alunos acerca do gênero. Na sequência, pontua-se, por meio de quadros, quais as categorias utilizadas para analisar as produções orais dos discentes: capacidade de ação, capacidade discursiva e capacidade multissemiótica. Antes de apresentar como foram realizadas as produções iniciais (PI) das duas equipes, tem-se um tópico com um quadro referente às regras e símbolos da transcrição do *corpus* (falas e gestos dos alunos), baseado nas normas de transcrição do projeto NURC/SP. No tópico referente à apresentação das produções iniciais, são feitas as transcrições das falas e das ações dos discentes; a análise das capacidades de linguagem por meio de quadros e é inserida uma foto desfocada da equipe para ilustrar. Estes mesmos procedimentos são utilizados para analisar a Produção Final das duas equipes, o que possibilita, a partir de então, comparar a PI e a PF, verificando os resultados positivos alcançados, bem como as lacunas que ainda restaram e precisarão ser trabalhadas.

Feitas estas sínteses de cada capítulo, dá-se, na sequência, início ao desenvolvimento do trabalho por meio das discussões e considerações acerca do ensino e aprendizagem do gênero Seminário Escolar em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A investigação acerca do gênero Seminário Escolar, bem como da questão do ensino e aprendizagem deste gênero oral, não se constitui como algo novo, visto que já existem trabalhos voltados para essa temática. Contudo, neste campo investigativo ainda há muito o que se observar, pois nas diferentes instituições e nos diferentes níveis de ensino surgem particularidades que contribuem para ampliar os estudos referentes ao tema.

É importante salientar que algumas perspectivas teóricas são basilares para as pesquisas voltadas para a oralidade e, portanto, direcionam os estudos de diversos pesquisadores. A abordagem teórica utilizada por nós no presente trabalho é uma delas. Neste capítulo, portanto, para fundamentar as análises e discussões, apresentaremos a seguir os conceitos do quadro teórico-metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD): Contexto de Produção e Capacidades de Linguagem, que norteiam esta investigação.

2.1 Interacionismo Sociodiscursivo (ISD)

O Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) tem como principal teórico Jean-Paul-Bronckart¹. Para o estudioso “A expressão interacionismo social designa uma posição epistemológica geral na qual podem ser reconhecidas várias correntes da filosofia e das ciências humanas.” (Bronckart, 2023, p. 17). Além da psicologia, a sociologia, a filosofia e a linguística, dentre outras disciplinas, fornecem elementos teóricos para o ISD com o objetivo de estabelecer metodologias de análise de texto e discurso, visando o desenvolvimento humano. Dessa forma, para Bronckart (2023, p. 23): “essas correntes têm em comum aderir à tese segundo a qual as propriedades específicas das condutas humanas constituem o resultado de um processo histórico de socialização”.

Na dissertação de Nascimento (2019, p. 51), o autor, remontando ao surgimento dos estudos nesta área, afirma que “O quadro teórico-metodológico do ISD, sob a coordenação de Jean Paul Bronckart, começa a ser desenvolvido por volta de 1980, juntamente com o grupo de pesquisadores: Bernard Schneuwly, Daniel Bain, Joaquim Dolz, Itziar Plazaola e outros.” Esses pesquisadores atuavam na Unidade de Didáticas de Línguas da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra.

¹ Jean-Paul Bronckart é professor de Didática de Línguas na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação na Universidade de Genebra. Desenvolveu diversos programas de pesquisa sobre epistemologia das ciências humanas e sociais, Análise do Discurso, processos de aquisição da linguagem e didática das línguas.

No que se refere à noção de texto, Bronckart (2023, p. 61) o entende como “unidade de produção verbal que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e visando a produzir em seu destinatário um efeito de coerência”. Nesse sentido, dependendo da situação de comunicação – contexto em que ocorre a interação verbal entre os agentes –, o texto pode assumir formas diferentes. Para o teórico “Em uma primeira acepção, mais geral, a noção de texto pode se aplicar a qualquer produção verbal situada, seja oral ou escrita.” (Bronckart, 2023, p. 61).

Em síntese, o ISD é uma corrente teórica dos estudos da linguagem. Essa abordagem entende a linguagem como uma forma de ação/interação social e vê o seu uso como central para o desenvolvimento humano e para a construção do conhecimento e da identidade. Com base nesta teoria, a presente pesquisa se torna útil para analisar a situação de produção, os papéis sociais envolvidos e a estrutura discursiva do gênero de texto Seminário Escolar.

2.2 Conceitos do quadro teórico-metodológico do ISD

Na sequência, abordaremos os seguintes conceitos do quadro teórico-metodológico do ISD: O contexto de produção, que está inserido no aspecto social, folheado textual, e os conceitos das diferentes capacidades de linguagem.

2.2.1 Contexto de Produção

Bronckart (2023, p. 79) define o contexto de produção como “o conjunto dos parâmetros suscetíveis de exercer uma influência sobre a maneira como um texto é organizado.” Dessa forma, para o teórico, diversos aspectos de uma situação de ação podem ser apontados, como as condições climáticas, a refeição anterior do produtor, seu estado emocional etc. Contudo, o autor reagrupa tais fatores em dois conjuntos: os referentes ao mundo físico e os referentes aos mundos social e subjetivo.

Quanto ao primeiro, por considerar que todo texto é constituído por um agente que atua em um determinado tempo e espaço, o subdivide e o define por meio de quatro parâmetros:

- (1) O **lugar de produção**: o lugar físico onde o texto é produzido.
- (2) O **momento de produção**: a extensão do tempo durante a qual o texto é produzido.
- (3) O **emissor** (ou **produtor**, ou **locutor**): a pessoa (ou a máquina) que produz fisicamente o texto, podendo essa produção se efetuar na modalidade oral ou escrita.

(4) O **receptor**: a ou as pessoas que são suscetíveis de perceber (ou de receber) concretamente o texto.

Com isso, mobilizamos estes parâmetros para investigar a ampliação da capacidade de ação dos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental durante as apresentações de seus seminários.

Quanto ao contexto sociossubjetivo, também está subdividido em quatro parâmetros principais:

(1) O **lugar social**: no quadro de qual formação social, de qual instituição ou, de forma mais geral, em que modo de interação o texto é produzido; escola, família, mídia, exército, interação comercial, interação informal etc.?

(2) A **posição social do emissor** (quem lhe confere seu estatuto de enunciador); qual é o papel social que o emissor desempenha na interação em curso: papel de professor, de pai, de cliente, de superior hierárquico, de amigo etc.?

(3) A **posição social do receptor** (quem lhe confere seu estatuto de destinatário); qual é o papel social atribuído ao receptor do texto: papel de aluno, de filho, de colega, de subordinado, de amigo etc.?

(4) O **objetivo** (ou os objetivos) **da interação**: qual é, do ponto de vista do enunciador, o efeito (ou os efeitos) que o texto pode produzir sobre o destinatário?

Este segundo plano do contexto de produção também é significativo para esta pesquisa, pois refere-se à questão do lugar e dos papéis sociais que os alunos irão assumir no momento de suas exposições orais.

No que concerne à organização de um texto, o ISD evoca importantes conceitos como: a infraestrutura geral do texto, a qual se constitui do plano geral do texto, dos tipos de discurso, dos tipos de sequência e das formas de planificação; os mecanismos de textualização, os quais Bronckart (2023) subdivide em três (conexão, coesão nominal e coesão verbal) e os mecanismos enunciativos, por meio dos quais são identificadas as vozes e as modalizações. Esses conceitos funcionam como uma espécie de camadas textuais que se sobrepõe. Bronckart denomina essa organização por camadas do texto de folheado textual, cuja assimilação vai contribuir para a compreensão do texto.

De acordo com Machado e Bronckart (2009), essas camadas são tratadas dentro dos três níveis pertinentes à análise textual/discursiva, de acordo com o nível de textualidade destacado para o ensino. Vejamos, a seguir, um quadro com a organização dos níveis e das unidades linguísticas para a análise de um texto:

Quadro 1 - Esquematização dos níveis e das unidades linguísticas para a análise de um texto

Nível	Elementos de análise	Unidades linguísticas
Nível organizacional dos textos	Identificação do plano geral dos textos e das sequências	Os macro-organizadores textuais.
	Identificação dos tipos de discursos e de sua articulação	Subconjunto de termos verbais, determinados pronomes, determinados organizadores etc.
	Mecanismos de coesão nominal e de conexão ⁷⁹	Anáforas nominais – SN demonstrativos; SN indefinidos; SN definidos e anáforas pronominais – pronomes pessoais, pronomes possessivos, pronomes relativos; Organizadores textuais.
Nível enunciativo	As marcas de pessoa	Pronomes pessoais: eu, nós, a gente.
	Os índices de inserção de Vozes	Verbos introdutórios de discursos relatados.
	Os modalizadores do enunciado	Os tempos verbais do modo condicional; auxiliares de modo; advérbios ou locuções verbais.
	Os modalizadores Pragmáticos	Verbos de intenções: querer, buscar + infinitivo.
	Outras diferentes marcas de subjetividade	Unidades do léxico e das diferentes classes de palavras (baseada em Kerbrat-Orecchioni, 1998, que atesta a subjetividade nessas classes).
Nível semântico	Tipos de agir Figuras de ação	Séries coesivas, unidades lexicais, marcadores de pessoa, modalizações, semântica dos verbos etc.

Fonte: Silva (2020), baseado em Machado e Bronckart (2009); Bronckart (2012, 2006, 2008)

Como podemos perceber, o ISD traz uma abordagem muito rica para análise dos textos, relacionada ao contexto de produção e ao folheado textual. Assim, relacionando essa abordagem teórica à presente pesquisa, em razão do gênero escolhido, o Seminário escolar, devido a sua natureza formal e estrutural, eleamos mobilizar os parâmetros do contexto de produção relacionando-o à capacidade de ação e, do folheado textual, a infraestrutura, especificamente, o plano geral do texto, cuja análise inside no nível organizacional.

A seguir, abordaremos as Capacidades de linguagem cujos conceitos são caros para a presente pesquisa.

2.2.2 Capacidades de Linguagem

Nos apoiaremos em Dolz, Pasquier e Bronckart (2017) para trazer a noção das *capacidades de linguagem*:

[...] propomos distinguir três ordens de “capacidades de linguagem”, ou aptidões requeridas para a realização de um texto em uma situação de interação determinada: capacidades de ação, isto é, aptidões para adaptar a produção de linguagem às características do contexto e do referente; capacidades discursivas, ou aptidões para mobilizar os modelos discursivos pertinentes a uma ação determinada; por fim, capacidades linguístico-discursivas ou capacidades de domínio das múltiplas operações psicolinguísticas exigidas para a produção de um discurso singular. (Dolz; Pasquier; Bronckart, 2017, n.p).

Conforme os autores, as capacidades de linguagem estão relacionadas à produção de um gênero, seja ele na modalidade escrita ou oral. Também como afirmam Zani, Bueno e Dolz (2020, p. 354) “As capacidades de linguagem funcionam de forma articulada e interligada, contribuindo, assim, para a apropriação de um gênero textual escrito ou oral de forma global.” Portanto, constata-se que as três capacidades estão bastante concatenadas.

Com o avanço da teoria, Dolz (2015) acrescentou a capacidade multissemiótica, a qual diz respeito aos aspectos não-linguísticos, como, no caso dos Seminários Escolares, os gestos, a posição corporal, as expressões faciais, a ocupação dos lugares, etc.

A título de organização metodológica, faz-se necessário descrevermos um pouco mais acerca das especificidades de cada capacidade.

2.2.2.1 Capacidade de ação

A capacidade de ação permite aos autores relacionar o gênero de texto à situação de comunicação à qual está inserido, relacionando-se, assim, ao contexto de produção. Logo, será

mobilizada a noção de espaço físico, de locutor/destinatário, momento de produção, conhecimento de mundo e outras noções relacionadas ao contexto para que seja atingido o objetivo da comunicação.

Em Dolz, Pasquier e Bronckart (2017), os autores apresentam a Capacidade de ação refletindo acerca do desenvolvimento das capacidades comunicativas desde a infância e, com base em estudos de diversos psicólogos, compreendem que a interação social é imprescindível para a assimilação e redefinição dessas capacidades, pois a criança, nos seus primeiros meses de vida já apresenta um conjunto de ações como atenção conjunta, pedido, ordem, interação etc. E no decorrer de sua vida vai ampliando essas capacidades:

À custa de uma longa aprendizagem, ela desenvolve capacidades de produzir ações de linguagem adaptadas às diversas exigências de seu meio social. Como os professores sabem, e conforme algumas de nossas pesquisas experimentais confirmaram (ver Bronckart e Bourdin, 1993; Dolz, 1990; de Weck, 1991), entre 10 e 14 anos, muitos alunos experimentam uma grande dificuldade para produzir um texto adaptado a uma ordem que define completamente o tipo de ação de linguagem a ser efetuada. (Dolz, Pasquier e Bronckart, 2017, n.p).

De fato, nessa faixa etária, os alunos apresentam dificuldades para desenvolver esta capacidade de ação, por isso precisam ser orientados e incentivados a trabalharem com os gêneros tanto escritos quanto orais de modo que venham a aprimorá-los.

Luzia Bueno, em seu artigo “Gêneros orais: elementos linguísticos e não-linguísticos”, define essa capacidade da seguinte maneira:

A capacidade de ação permitiria a adaptação da produção às restrições impostas pela situação de comunicação, implicando a mobilização de três tipos de representações: sobre o meio físico onde se realiza a ação, sobre o tipo de interação comunicativa (estatuto social dos participantes — papéis do enunciador e do destinatário —, instituição social — academia, imprensa, publicidade, ciência, etc — em que o texto é produzido e objetivos da interação) e sobre os conhecimentos de mundo que podem ser mobilizados na produção de um texto como seus conteúdos. (Bueno, 2008, p. 5).

Esta capacidade é importante para esta pesquisa, uma vez que permite analisar o posicionamento dos alunos frente a uma situação em que precisam agir por meio da linguagem. Nosso intuito foi investigar e promover a ampliação da capacidade de ação a partir da mobilização dos parâmetros do contexto de produção dos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental em prol da produção do gênero Seminário Escolar. Ao ser desenvolvida esta capacidade, possibilita-se aos discentes se posicionarem com segurança, compreendendo o

papel social dos sujeitos envolvidos, o espaço físico e social onde serão realizadas as apresentações, bem como o propósito comunicativo “que podem auxiliar o estudante a elaborar uma representação da atividade de linguagem que será realizada” (Lima, G.; Cordeiro; Lima, 2023, p. 153).

2.2.2.2 Capacidade discursiva

Referente à segunda capacidade, Dolz, Pasquier e Bronckart (2017, n.p) a definem como “aptidões para mobilizar os modelos discursivos pertinentes a uma ação determinada”, ou seja, é a capacidade de selecionar, utilizar e organizar os tipos de discursos apropriados aos diferentes gêneros de textos.

Corroborando com esta definição, Luzia Bueno afirma que:

A capacidade discursiva é aquela que permite gerenciar a infraestrutura textual, isto é, a seleção que se faz de uma variante discursiva (ou várias), de uma forma de sequenciamento textual, de um conteúdo e da elaboração deste conteúdo na construção de um texto de um dado gênero textual. (Bueno, 2008, p. 5).

Sendo assim, esta capacidade se caracteriza pela mobilização dos diferentes modelos discursivos como o teórico, narrativo, expositivo e do modo como o conteúdo elaborado é organizado. Dessa forma, as diferentes variantes discursivas podem ser acionadas no momento da elaboração do texto, que precisa ser planejado para apresentar uma sequência adequada e bem elaborada acerca do conteúdo a ser apresentado.

Entende-se, portanto, que a capacidade discursiva é a habilidade do sujeito de usar a linguagem de forma eficaz e adequada às situações de comunicação, sabendo “estabelecer um plano global para o texto, escolher um determinado posicionamento enunciativo, selecionar tipos de organização adequadas à situação de comunicação, optar por conexões mais adequadas, definir o léxico pertinente ao conteúdo temático.” (Bueno; Zani; Jacob, 2021, p. 1510).

Assim, em relação à presente pesquisa, cujo objeto de estudo é o gênero Seminário escolar, analisamos como os discentes estruturam o plano geral da exposição, que é a organização de conjunto do conteúdo temático, de modo a corresponder às exigências das fases da exposição oral.

2.2.2.3 Capacidade linguístico-discursiva

No que se refere à capacidade linguístico-discursiva, Dolz, Pasquier e Bronckart (2017,

n.p) também a definem como “capacidades de domínio das múltiplas operações psicolinguísticas exigidas para a produção de um discurso singular.” Dessa forma, entende-se que é a capacidade de mobilização dos diferentes recursos linguísticos presentes em uma dada língua, visando uma sistematização adequada do texto, de forma a torná-lo coeso e coerente.

Conforme Bueno, Zani e Jacob (2021, p. 1510), os alunos precisam saber:

Dominar as operações psicolinguísticas e as unidades linguísticas próprias para dar coerência ao texto, em outros termos, no estabelecimento e domínio: i. da coesão para sustentar um posicionamento enunciativo coerente, com a utilização de diferentes vozes e de modalizações, e ii. do domínio de mecanismos sintáticos.

Conforme estas considerações, compreende-se a capacidade linguístico-discursiva como sendo pertinente para articular os diferentes elementos linguísticos, como os mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos que permitem ao sujeito responsável pela ação de linguagem estabelecer as ligações micro e macro textuais, garantindo a coerência e a coesão textual. Trata-se de uma capacidade múltipla e imbricada, visto que o desenvolvimento da capacidade linguística resulta na produção articulada dos diferentes tipos de discursos.

No presente trabalho, nos pautamos principalmente na capacidade de ação e na capacidade discursiva, visto que nos propomos a investigar como os alunos se comportam no contexto de produção do gênero seminário, por meio da capacidade de ação, e a auxiliá-los no desenvolvimento de sua capacidade discursiva, focando no planejamento e estruturação do gênero de texto Seminário Escolar.

2.2.2.4 Capacidade multissemiótica

Esta capacidade foi acrescentada às três capacidades anteriores por Joaquim Dolz (2015) e segundo Barbosa e Magalhães (2024) “se referem aos vários ‘modos’ ou modalidades de significação que constituem gêneros textuais, evidenciando a relação entre texto verbal, imagem, som, potencializada pelas tecnologias digitais”. Tem-se, portanto, uma definição mais geral dessa capacidade que engloba várias semioses.

Aproximando-se mais do nosso objeto de estudo, para Bueno, Zani e Jacob (2021, p.1509), a definição dessa capacidade é:

Saber mobilizar e implementar na ação de linguagem os mecanismos não verbais para a produção de sentidos. No caso dos gêneros orais: os meios paralinguísticos (qualidade de voz, melodia, elocução e pausas, respiração, risos, suspiros), os meios cinésicos (atitudes corporais, movimentos, gestos, troca de olhares, mímicas faciais), a posição dos locutores (ocupação dos lugares, espaço pessoal, distâncias, contato

físico), o aspecto exterior (roupas, disfarces, penteado, óculos, limpeza), e a disposição dos lugares (lugares, disposição iluminação, disposição de cadeiras, ordem, ventilação, decoração).

Dessa forma, a capacidade multissemiótica torna-se significativa para as categorias de análise deste trabalho. Considerando que o gênero de texto Seminário Escolar é composto de aspectos verbais e não-verbais, além das capacidades de ação e discursiva, analisamos os meios paralinguísticos, cinésicos e posição dos locutores no ato da apresentação dos Seminários.

3 CARACTERIZAÇÃO DO GÊNERO SEMINÁRIO ESCOLAR

Nesta pesquisa, partimos da concepção do gênero exposição oral, o qual, para Dolz e Schneuwly (2004, p. 215), tem a mesma função que o seminário: “Parece-nos evidente que a exposição deva ser tratada como objeto de ensino de expressão oral: ‘fazer uma exposição’ – ou, segundo a terminologia frequentemente utilizada na escola, um *seminário*.”

Ainda para Dolz e Schneuwly (2004, p. 218) a exposição oral é definida “como um gênero textual público, relativamente formal e específico, no qual um expositor especialista dirige-se a um auditório, de maneira (explicitamente) estruturada, para lhe transmitir informações, descrever-lhe ou lhe explicar alguma coisa.”

Com isso, o gênero Seminário Escolar constitui-se como uma atividade que permite a realização de uma exposição oral pública e formal acerca de determinado tema com o objetivo de repassar conteúdos específicos, geralmente determinados com antecedência pelo professor. É considerado por Bueno (2008, p. 8) “um gênero oral bastante complexo na medida em que demanda, para ser bem realizado, não só domínio dos meios linguísticos que lhe são subjacentes, mas também de meios não-linguísticos.”

3.1 Considerações e definições

No presente trabalho, embora existam outras nomenclaturas aplicáveis ao gênero em estudo como “Exposição oral”, “Comunicação oral” ou unicamente “Seminário”, adotamos a terminologia “Seminário Escolar”, visto que nos parece corresponder melhor aos propósitos desta pesquisa que está inserida no próprio âmbito da escola.

3.1.1 *Seminário: breve histórico*

A palavra Seminário deriva do Latim *seminarium* e significa “semente”, “viveiro de plantas”, conforme o *Dicio - Dicionário Online de Português*. Embora sua etimologia esteja relacionada primeiramente aos estudos da botânica, como um local de cultivo e florescimento de plantas, relaciona-se, metaforicamente, ao Seminário como objeto de estudo da linguagem, se considerarmos como um meio de propagação e multiplicação de saberes e ideias por parte dos seres humanos.

Historicamente, na Idade Média o termo Seminário é utilizado inicialmente no âmbito religioso, como um local de preparação para formar sacerdotes católicos ou protestantes.

Conforme os pesquisadores Balcells e Martin (1985, p.82-84), foi, contudo, na Alemanha, por volta do século XVII que o Seminário passou a fazer parte dos ambientes universitários, cuja finalidade era, a princípio, a formação de mestres. Destarte, somente no século XIX é consolidado como um importante instrumento de formação universitária. Segundo os autores, metodologicamente, o Seminário consistia em “uma reunião de estudantes em volta de uma mesa, coordenada pelo professor. Onde realizavam a leitura e os comentários sobre os textos escolhidos e, durante a reunião, surgiam divergências de interpretação dos textos, bem como opiniões e réplicas” (Balcells; Martin, 1985, p. 84).

No contexto brasileiro, Nascimento (2019) esclarece que o Seminário passa a fazer parte do contexto universitário como técnica de ensino na década de 1950, com o surgimento das concepções pedagógicas da Escola Nova. Este modelo educacional, em oposição à pedagogia tradicional a qual vigorou nas décadas anteriores, passa a ver a figura do professor como mediador e não como o único detentor do conhecimento e o aluno como sujeito ativo da construção do saber, e não mais como sujeito passivo. Segundo o pesquisador, é “Nesse contexto da educação brasileira que emergem as práticas de seminário: primeiro, no Ensino Superior e, posteriormente, na Educação Básica” (Nascimento, 2019, p. 82).

No entanto, com os estudos dos gêneros textuais, diversos pesquisadores passam a considerar o Seminário como gênero textual/discursivo. Segundo Bezerra (apud Lucena, 2020, p. 66):

O seminário é mais um gênero discursivo, pois sua composição (discussão oral, apoiada em textos escritos, estruturada em apresentação do tema, discussão e avaliação final, ou seja, envolvendo sequências textuais expositivas, descritivas, argumentativas e/ou narrativas) estrutura-se de acordo com necessidades comunicativas dos membros de um grupo social (no caso, alunos e professores), usando estruturas linguísticas semiformais, com o objetivo de estudar e refletir sobre certo tema.

Dessa forma, como evidencia a autora, o gênero Seminário atinge determinados objetivos sociais, principalmente no contexto escolar por meio de sua composição temática e estrutural, ampliando, assim, a concepção tecnicista de ensino. Portanto, como afirma Lucena (2020, p. 66):

Nessa teorização, o seminário vai se configurar como um gênero pertencente à esfera escolar/acadêmica, apresentando conteúdo temático relacionado com os conteúdos referenciais desenvolvidos na escola, realizado pela fala e de concepção escrita, e, portanto, um gênero secundário, ligado às instâncias públicas de uso da língua.

Em síntese, o Seminário foi ganhando novas conotações no decorrer da história, tendo iniciado como um gênero de viés religioso até chegar ao caráter educacional que tem hoje.

Indubitavelmente, se tornou um dos instrumentos pedagógicos mais eficientes para se trabalhar com a oralidade, com as capacidades de linguagem e com a criticidade dos estudantes.

3.2 As modalidades oral e escrita como faces de uma mesma moeda

Neste tópico, refletimos acerca da “hegemonia” que a escrita tem sobre a oralidade no âmbito das atividades escolares e também no âmbito dos trabalhos acadêmicos voltados para a pesquisa da Língua Portuguesa. Geralmente, em sala de aula, as provas ou trabalhos escritos são bastante recorrentes e apresentam um “peso” maior no quesito avaliativo dos discentes. Dessa forma, o(a) professor(a) tem a incumbência de, em seu plano de aula, priorizar o trabalho com a escrita. Referente às pesquisas acadêmicas, embora muitos trabalhos também se destinem a investigar a oralidade, o número de TCCs, dissertações e teses que versam sobre os elementos da linguagem escrita (classes gramaticais, ortografia, fonologia, morfologia, sintaxe, pontuação etc.), indubitavelmente é majoritário.

Segundo Marcuschi (2010, p. 17), “sob o ponto de vista mais central da realidade humana, seria possível definir o homem como um *ser que fala* e não como um *ser que escreve*.” Em seu livro *Da fala para a escrita: atividades de retextualização* (2010), o pesquisador reflete acerca das duas modalidades da língua e procura desconstruir as dicotomias, os preconceitos e a primazia da escrita em relação à oralidade.

Mesmo considerando a enorme e inegável importância que a escrita tem nos povos e nas civilizações “letradas”, continuamos, como bem observou Ong [1982], povos orais. A oralidade jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de expressão e de atividade comunicativa. A oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia. Ela será sempre a porta de nossa iniciação à racionalidade e fator de identidade social, regional, grupal dos indivíduos. Isso se dá de modo particular porque a língua é socialmente moldada e desenvolvida, não obstante seu provável caráter filogeneticamente universal, como postulam muitos linguistas e psicólogos. (Marcuschi, 2010, p. 36).

A intenção do estudioso não é afirmar que uma modalidade seja mais necessária de ser ensinada do que a outra, mas refletir que não é interessante priorizar a escrita, esquecendo-se de trabalhar também a oralidade com os alunos, pois, segundo o autor “*Na sociedade atual, tanto a oralidade quanto a escrita são imprescindíveis. Trata-se, pois, de não confundir seus papéis e seus contextos de uso, e de não discriminar seus usuários.*” (Marcuschi, 2010, p. 22, grifo do autor).

Siqueira (2021), em sua dissertação de mestrado, seguindo o pensamento de Marcuschi, afirma que:

A fala e a escrita devem ser integradas, também a oralidade deve ocorrer paralelamente à escrita, em razão do *continuum* e não de um fenômeno com diferenças estanques. Ademais, assim como adequamos a escrita para atender os infindáveis repertórios de gêneros, também moldamos nossa fala para obter êxito em práticas sociais diversas. (Siqueira, 2021, p. 22,23).

Com isso, pode-se entender que as duas modalidades são como faces de uma mesma moeda e atuam como esse *continuum* que estabelece uma relação entre a oralidade e a escrita que se diferenciam principalmente pelas tipologias “*das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos.*” (Marcuschi, 2010, p. 37, grifo do autor).

Sabemos que, cronologicamente, a escrita surgiu depois da oralidade, mas seu surgimento contribuiu significativamente para certos avanços da humanidade, como o advento da imprensa, por exemplo. Contudo, como afirma Marcuschi (2010, p. 28) “A perspectiva da dicotomia estrita tem o inconveniente de considerar a fala como o lugar do erro e do caos gramatical, tomando a escrita como o lugar da norma e do bom uso da língua.” Entendendo-se a fala como fazendo parte do campo da oralidade, percebe-se que o privilégio que a escrita detém surge, principalmente, dessa visão preconceituosa. No ambiente escolar, isso não é diferente, por isso, o mais comum é que o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa estejam mais pautados na modalidade escrita.

Sousa (2020), em sua dissertação de mestrado, também reflete acerca dessa questão:

Ao falar sobre fala e escrita, é importante entender as suas particularidades, sem, contudo, privilegiar uma ou outra. É a partir de compreensões equivocadas que se constroem ideias preconceituosas que se perpetuam e acabam por favorecer um ensino equivocado. Haja vista, que há uma série de recursos na fala, como também na escrita, que enriquecem seus usos e colaboram para a comunicação linguística. Nesse sentido, faz-se necessário não alimentar o tratamento hegemônico dado à escrita em relação à fala e que, respeitando a conexão que deve haver entre ambas, tende a ampliar a capacidade de comunicação. (Sousa, 2020, p. 26).

Com isso, ao trabalharmos com o gênero oral Seminário Escolar no presente trabalho, acreditamos estar contribuindo para o desenvolvimento das capacidades de linguagem dos discentes, de modo que passem a utilizar a oralidade com mais segurança e autonomia.

3.3 O eixo da oralidade na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), atual documento normativo que detém as diretrizes curriculares e norteadoras da Educação Básica para o nosso país, dialoga com este trabalho por dois fatores principais: 1. pela perspectiva teórica adotada e 2. pela relevância dada ao ensino da oralidade, colocando-o no mesmo patamar do ensino da leitura e da escrita.

Acerca do primeiro fator, o mesmo é ratificado na dissertação de Lucena (2020) que afirma o seguinte:

Como os documentos normativos anteriores, a BNCC adota a perspectiva sociointeracionista de linguagem e assume a centralidade do texto como unidade de trabalho relacionando-o a seu contexto de produção, e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos que circulam nos diversos campos da atividade humana. (Lucena, 2020, p. 21).

Dessa forma, a perspectiva de ensino da Base Nacional, cuja centralidade é o texto, também é sociointeracionista, portanto está associada ao quadro teórico-metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo que vincula a produção dos textos, sejam eles na modalidade oral ou na modalidade escrita, ao contexto social, físico e subjetivo, bem como às capacidades que podem ser desenvolvidas para o aprimoramento do uso da linguagem.

Referente ao segundo fator, um diferencial importante da BNCC é que, em relação ao componente Língua Portuguesa, garante ao ensino da oralidade um espaço significativo ao lado do ensino da leitura, da escrita e da análise linguística. Isso pode ser observado pela presença do quadro das habilidades estabelecidas no eixo da oralidade.

A título de exemplo, transcrevemos quatro destas habilidades que ajudam a nortear o presente trabalho:

Quadro 2 - Habilidades do eixo da oralidade - BNCC

HABILIDADES	DESCRIÇÃO
EF69LP12	Desenvolver estratégias de planejamento , elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign (esses três últimos quando não for situação ao vivo) e avaliação de textos orais , áudio e/ou vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos , à forma composicional e estilo de gêneros, a clareza, progressão temática e variedade linguística empregada, os elementos relacionados à fala, tais como modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc., os elementos cinésicos , tais como postura corporal , movimentos e gestualidade significativa , expressão facial, contato de olho com plateia etc.
EF89LP27	Tecer considerações e formular problematizações pertinentes, em momentos

	oportunos, em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc
EF89LP28	Tomar nota de videoaulas, aulas digitais, apresentações multimídias, vídeos de divulgação científica, documentários e afins, identificando, em função dos objetivos, informações principais para apoio ao estudo e realizando, quando necessário, uma síntese final que destaque e reorganize os pontos ou conceitos centrais e suas relações e que, em alguns casos, seja acompanhada de reflexões pessoais, que podem conter dúvidas, questionamentos, considerações etc.
EF69LP38	Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou slides de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero apresentação oral, a multissemiose, as mídias e tecnologias que serão utilizadas, ensaiar a apresentação, considerando também elementos paralinguísticos e cinésicos e proceder à exposição oral de resultados de estudos e pesquisas, no tempo determinado, a partir do planejamento e da definição de diferentes formas de uso da fala – memorizada, com apoio da leitura ou fala espontânea.

Fonte: *Base Nacional Comum Curricular*, 2018, grifo nosso.

Essas quatro habilidades selecionadas exemplificam como a Base Nacional aborda a maneira como oralidade pode ser trabalhada no ensino fundamental. No presente trabalho, mobilizamos algumas dessas abordagens, principalmente as que foram destacadas, como as estratégias de planejamento, a utilização de videoaulas durante as oficinas, o incentivo à fala espontânea dos estudantes no momento das apresentações e a mediação referente à busca de aprimoramento dos elementos paralinguísticos e cinésicos.

Com isso, percebe-se que, de fato, o presente trabalho está alinhado com as diretrizes postuladas pelo documento normativo vigente para a educação básica de nosso país, uma vez que contribui com a perspectiva do ensino da oralidade por meio de uma pesquisa que visa associar princípios teóricos de análise à concretização da prática pedagógica a partir do ensino do gênero de texto Seminário Escolar.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa está inserida no vasto campo da Linguística Aplicada (LA), que busca investigar problemas relacionados à linguagem, refletindo teoricamente acerca de seu uso nos diferentes contextos sociais. A questão da oralidade e das dificuldades com o gênero Seminário constituem-se como um exemplo de problemáticas do contexto educacional e social, visto que ultrapassam os muros da escola e repercutem em outros setores da vida em sociedade. Assim, por seguir as diretrizes do PROFLETRAS que visam propor uma intervenção prática com base teórica no âmbito das dificuldades identificadas na escola, esta pesquisa toma por base os procedimentos da pesquisa-ação, que segundo Michel Thiollent é entendida como um tipo de

[...] pesquisa social com base empírica que é concebida em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (Thiollent, 1986, p. 14).

Quanto à abordagem, a presente pesquisa é majoritariamente de natureza qualitativa. Conforme Prodanov e Freitas (2013, p. 70), “esse tipo de pesquisa não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas”, pois, ainda segundo os autores “O ambiente natural é fonte direta para coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuição de significados” (p. 128). Com isso, o ambiente da sala de aula se torna um campo de estudo propício para a investigação qualitativa acerca da problemática da oralidade e do gênero Seminário Escolar e, a posteriori, uma intervenção acerca do problema.

Para isso, tomamos por base o dispositivo de ensino sequência didática. De acordo com Dolz e Schneuwly (2004, p. 97) “Uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.”

A seguir, mais informações acerca do contexto da pesquisa e de como se procedeu a investigação.

4.1 Contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada na Escola de Ensino Fundamental Dona Conceição, situada na cidade de Itaitinga – CE. A escola, que pertence à rede pública de ensino, trabalha com turmas do 6º ao 9º ano nos períodos da manhã e da tarde. No contexto da pesquisa, a escola contava com 12 turmas regulares: 6ºA, B e C; 7º A, B e C; 8º A, B e C e 9º A, B e C, sendo que as turmas A e B estudavam no período da manhã e as turmas C, no período da tarde. A escola

tinha ainda 6 turmas em tempo integral, que eram as turmas de 8º e 9º ano. Os alunos pertencentes ao tempo integral passavam o dia na escola, onde faziam três refeições diárias: merenda no turno da manhã, almoço e merenda no turno da tarde. Além das aulas do tempo regular, recebiam aulas de reforço em Língua Portuguesa e Matemática no contraturno, além de outras atividades lúdicas. A escola recebe alunos de pelo menos três bairros da cidade: Ocupação, Angorá e Parque Genezaré, bairro no qual está localizada.

Em relação à parte física, a escola possui 8 salas de aula, todas climatizadas, uma quadra esportiva, um banheiro masculino e outro feminino, uma cantina escolar, um pátio amplo e arborizado, uma pequena sala de professores interligada com a secretaria e direção-coordenação escolar e banheiros masculino e feminino para os funcionários. A escola não possui sala de informática nem biblioteca, há apenas uma sala próxima aos banheiros dos alunos na qual os livros são depositados.

4.2 Participantes

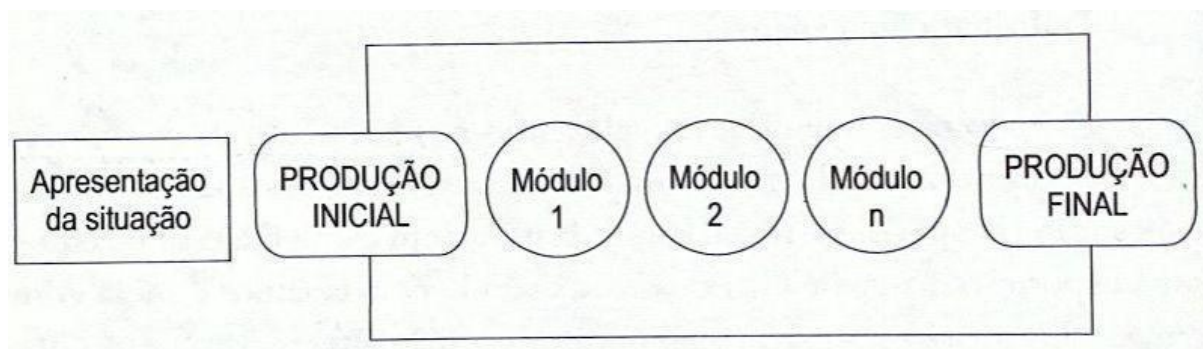
O público-alvo desta pesquisa foi a turma do 8º ano B, da qual eu era professor efetivo de Língua Portuguesa do tempo regular. A turma tinha 30 alunos matriculados, sendo 15 do gênero masculino e 15 do gênero feminino. A faixa etária dos discentes era de 13 a 14 anos de idade. Infelizmente, a realidade social da maioria das famílias desses alunos é marcada pela violência, desemprego e falta de estrutura familiar. Essas mazelas sociais refletem significativamente no desempenho escolar desses estudantes, pois a maioria deles apresentavam deficiência na leitura, na escrita e em outras áreas do saber. Além disso, muitos deles tinham ainda dificuldade de socializar-se com a comunidade escolar, apresentando problemas comportamentais, como indisciplina e falta de concentração durante as aulas.

4.3 Procedimentos de geração de dados

Inicialmente, foi aplicado um questionário on-line (Conferir em ANEXO A), gerado pelo google forms, contendo cinco perguntas objetivas e uma subjetiva acerca das vivências ou não dos alunos com o gênero Seminário Escolar, visando antever como se dá a relação dos educandos com a questão da exposição oral.

Como procedimento de intervenção foi utilizada a sequência didática, representada pelo seguinte esquema:

Figura 1 - Esquema da Sequência Didática



Fonte: Dolz; Noverraz e Schneuwly (2004, p. 98).

Seguindo este esquema da sequência didática, postulado por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 98), foi realizada uma conversa com os participantes da pesquisa para cumprir esta primeira etapa, que é a “Apresentação da situação”, a qual, segundo os autores, tem por finalidade “expor aos alunos um projeto de comunicação que será realizado ‘verdadeiramente’ na produção final” (Dolz; Noverraz e Schneuwly, 2004, p. 99). Dessa forma, foi explicado para os discentes que eles estariam fazendo parte de um projeto de pesquisa, cuja finalidade é a produção de um gênero de texto. Logo após foram dadas aos alunos indicações que respondem às seguintes indagações: “Qual é o gênero que será abordado? A quem se dirige a produção? Que forma assumirá a produção? Quem participará da produção?” (Dolz; Noverraz e Schneuwly, 2004, p. 99-100). Ou seja, os estudantes foram informados de que: iriam trabalhar com o gênero Seminário; as apresentações seriam dirigidas para os alunos da turma e para o professor-pesquisador; elas se dariam por meio de exposições orais, podendo utilizar cartazes ou slides; e participariam da produção todos os alunos da turma que demonstrassem interesse.

Ainda no contexto da “Apresentação da situação”, os alunos foram divididos em cinco grupos de 6 alunos e cada grupo sorteou um subtópico relacionado ao tema “Tecnologia e Sociedade” para apresentar. Os subtópicos eram os seguintes: 1. Vantagens e desvantagens das redes sociais; 2. Excesso de telas e o impacto na saúde; 3. Influenciadores digitais: impacto na vida dos adolescentes; 4. Inteligência artificial: o que é e como afeta nosso futuro? e 5. Cyberbullying: o bullying virtual e suas consequências. A escolha desse tema e subtemas foi decidido em conjunto com os alunos a partir de uma aula de leitura, na qual discutimos essas temáticas, motivadas a partir do texto “as dores do crescimento”, presente no PNLD “Português Linguagens”, de Cereja e Vianna (2022). (Conferir texto em ANEXO B).

Divididos os subtemas entre as cinco equipes, foram repassadas orientações de como eles deveriam preparar suas apresentações. Poderiam utilizar cartazes ou slides, teriam a possibilidade de pesquisar em sites, todos os componentes precisariam apresentar. O tempo de

duração das exposições deveria ser de 20 minutos por equipe e a data para as apresentações seria agendada para duas semanas após a divisão das equipes e sorteio dos subtópicos.

Concluída esta etapa, chegou o momento da realização da Produção Inicial (PI), que ocorreu no dia das apresentações dos Seminários preparados pelas equipes. Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 102) “Para o professor, essas primeiras produções[...] constituem momentos privilegiados de observação, que permitem refinar a sequência, moldá-la e adaptá-la de maneira mais precisa às capacidades reais dos alunos de uma dada turma.” Com isso, nos momentos das apresentações, foi observado de que forma as capacidades de linguagem foram articuladas, ou seja, no contexto da capacidade de ação: Os alunos se adequaram à situação de comunicação? Em que medida se portaram como expositores especialistas daqueles temas que pesquisaram? Que elementos de suas vivências relacionaram ao conteúdo compartilhado? Cumpriram o propósito comunicativo proposto pelo gênero? E no contexto da capacidade discursiva: Os estudantes seguiram adequadamente os elementos da fase interna do Seminário Escolar: Abertura, introdução ao tema, apresentação do plano, desenvolvimento, recapitulação e síntese, conclusão e encerramento? E referente à capacidade multissemiótica: Como os alunos utilizaram o espaço para a apresentação? Como foram suas atitudes corporais e trocas de olhares com o público? E como estava a tonalidade e clareza da voz ao se apresentarem?

Os dados foram gerados por meio de gravações em áudio e vídeo das apresentações dos Seminários realizados em sala de aula. Na sessão das análises dos dados, fizemos a transcrição das apresentações orais, atentando para o conteúdo verbal e também comportamental dos alunos.

A partir das observações referentes à PI, foram iniciados os trabalhos com os módulos. Um destes módulos esteve voltado para uma conversa individual do professor-pesquisador com cada uma das equipes que concordaram em participar para que realizassem uma autoavaliação concernente ao primeiro seminário que apresentaram, e os demais módulos foram constituídos por oficinas formativas com base no aporte teórico do ISD.

Após a conclusão dos módulos, foi proposta a realização da Produção Final (PF). Como a pesquisa-ação propicia uma integração entre o professor-pesquisador e os participantes da pesquisa, foi decidido em conjunto com os estudantes o tema e os subtemas da PF. Durante esta etapa, esperava-se que os alunos colocassem em prática o que aprenderam durante a realização dos módulos e dessa forma ampliassem suas capacidades de linguagem para a execução de suas próximas exposições orais.

A comparação entre a PI e a PF permitiu observar avanços e dificuldades, bem como

avaliar o progresso obtido por meio do processo pedagógico realizado através do dispositivo didático adotado na presente pesquisa. A observação atenta, a organização, a descrição e interpretação dos dados que foram reunidos auxiliaram na conclusão acerca de quais foram os pontos positivos, bem como das lacunas que ficaram e precisam ser preenchidas no que se refere à produção do gênero Seminário Escolar por alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II.

Ao final da pesquisa, foi elaborado um caderno pedagógico com propostas metodológicas baseadas nas teorias aqui estudadas com o objetivo principal de ofertar um material que sirva de apoio para outros professores de Língua Portuguesa que atuam no Ensino Fundamental II, mais especificamente nas aulas que contemplem o eixo da oralidade. O intuito é que essa proposta possa contribuir para o desenvolvimento das capacidades de linguagens dos nossos estudantes, ajudando-os a exercer seus papéis sociais com protagonismo.

4.4 Modelo didático do gênero Seminário Escolar

Para se elaborar um modelo didático de um determinado gênero, faz-se necessário o levantamento de suas características, a fim de se chegar às suas dimensões ensináveis. No que se refere a tais dimensões, Dolz e Schneuwly (2004) estabelecem três níveis que permitem sistematizar o que precisa tornar-se objeto de ensino, são eles: a situação de comunicação, a organização interna da exposição e as características linguísticas. Quanto ao primeiro, é importante salientar que os alunos expositores precisam se portar como especialistas do tema que ficaram incumbidos de apresentar para que o público (demais alunos e professor) possam compreender bem o que está sendo repassado.

No nível da organização interna da exposição, os autores a subdividem em sete fases, que Bueno (2008, p. 8), sintetiza da seguinte maneira:

- fase de abertura: na qual o primeiro apresentador saúda o público;
- fase de introdução ao tema do seminário;
- fase de apresentação do plano do seminário e dos integrantes do grupo;
- fase de desenvolvimento e encadeamento dos diferentes subtemas tratados por cada um dos participantes;
- fase de recapitulação e síntese do que foi apresentado pelo grupo;
- fase da conclusão e/ou abertura para questões e/ou debate ;
- fase do encerramento do seminário: em que se agradece ao público.

Quanto ao terceiro nível, referente às características linguísticas, Dolz e Schneuwly

(2004, p. 222) afirmam que “O trabalho didático sobre o gênero exposição deve fornecer ao aluno um repertório de formas que permitam (e necessitem) construir operações linguísticas (mais ou menos) específicas a esse gênero de texto.”

Para a realização do gênero, além dos elementos linguísticos, os elementos não-linguísticos também são bastante significativos. Quanto a estes, é interessante observar a seguinte tabela elaborada por Dolz, Schneuwly e Haller (2004, p. 160):

Figura 2 - Tabela dos elementos não-linguísticos

MEIOS NÃO-LINGÜÍSTICOS DA COMUNICAÇÃO ORAL				
MEIOS PARA-LINGÜÍSTICOS	MEIOS CINÉSICOS	POSIÇÃO DOS LOCUTORES	ASPECTO EXTERIOR	DISPOSIÇÃO DOS LUGARES
qualidade da voz	atitudes corporais	ocupação de lugares	roupas	lugares
melodia	movimentos	espaço pessoal	disfarces	disposição
elocução e pausas	gestos	distâncias	penteado	iluminação
respiração	troca de olhares	contato físico	óculos	disposição das cadeiras
risos	mímicas faciais		limpeza	ordem
suspiros				ventilação
				decoração

Fonte: Dolz, Schneuwly e Haller (2004, p. 160).

Para a presente pesquisa, os meios paralinguísticos (qualidade da voz e risos), meios cinésicos (atitudes corporais e troca de olhares) e posição dos locutores (ocupação dos lugares) foram inseridos como objeto de ensino do gênero Seminário Escolar e entraram no rol das categorias a serem analisadas.

4.5 Aplicação das oficinas

Após a realização da Produção Inicial (PI), observando as principais dificuldades demonstradas pelos participantes da pesquisa com o gênero Seminário Escolar, foram elaborados os módulos para serem aplicados em seis oficinas, entre os meses de novembro e dezembro de 2025, com o objetivo de ampliar as Capacidades de Linguagem necessárias dos discentes. Vale salientar que as oficinas não foram realizadas em um horário extra ou no contraturno, mas nos horários regulares das aulas de Língua Portuguesa da turma, assim, embora uma parte dos discentes não tenham participado de todas as etapas desta pesquisa, ao menos tiveram a oportunidade de participar das oficinas. Na sequência, tem-se as descrições acerca da realização das atividades propostas.

4.5.1 Oficina 01

A primeira oficina aconteceu numa segunda-feira, no dia 17 de novembro, nos horários das duas primeiras aulas da manhã. Toda a turma foi contemplada com a aplicação do primeiro módulo que tinha como objetivo trazer uma reflexão sobre os gráficos do questionário online e sobre a Produção Inicial. Nessa primeira atividade, mostramos via apresentação de slides, numa televisão, os gráficos gerados a partir do formulário que eles haviam respondido pelo Google forms. Foram apresentadas cada uma das perguntas, bem como o percentual das respostas, dando à turma um *feed back* referente ao contato que já tinham previamente com o gênero.

No segundo momento, foram exibidas as apresentações que as equipes tinham feito durante a Produção Inicial, com o intuito de que eles próprios pudessem fazer uma autoavaliação e uma autocrítica acerca de suas exposições. Neste momento, houve uma maior interação da turma e uma certa agitação, visto que ao observarem a si próprios e aos colegas nos vídeos, alguns riram, gostaram de se ver, outros ficaram mais tímidos, porém com a intervenção do professor pesquisador, foram compreendendo a necessidade de se analisar os pontos positivos e negativos de suas apresentações e a importância das oficinas para lhes ajudarem a melhorar a prática do Seminário Escolar. Após a exibição dos vídeos, os alunos tiveram a oportunidade de se expressar sobre suas impressões, dúvidas e reflexões acerca de seu próprio desempenho. Esse momento foi importante, pois além da interação, eles próprios foram apontando em que aspectos poderiam melhorar. Por exemplo, observaram que precisavam melhorar a postura, a organização da equipe e a questão emocional, visto que alguns estavam nervosos durante a apresentação.

Após esse momento reflexivo, foi exibido o vídeo “Show de Apresentação de Seminário Turma 1º ano A - Tecnologia”², postado na conta do youtube do Colégio Estadual de Jardim Santa Felicidade, para exemplificar um modelo de apresentação de Seminário. Os alunos acharam interessante e observaram que de fato precisam melhorar sua prática. Foi importante a exibição do vídeo para a turma, uma vez que puderam ir tomando por base um modelo de realização, de postura e de unidade da equipe, sendo importante ressaltar que deixamos claro que o gênero pode ser efetivado de diversas maneiras, sendo aquele apenas um exemplo.

Em síntese, temos o quadro da primeira oficina:

² <https://youtu.be/XRa4hh4CQOg?si=oiIseDGJfXlop88R>

Quadro 3 - Oficina 01: Análise da Produção Inicial

Oficina 01	Objetivos	Atividades	Material	Duração
Análise da Produção Inicial	- Apresentar e refletir juntamente com os alunos acerca dos resultados do questionário on-line; - Proporcionar uma autoavaliação e uma autocrítica dos discentes ao assistirem seus próprios vídeos; - Exemplificar um modelo de apresentação de Seminário Escolar, através de um vídeo do Youtube.	- Exposição dos gráficos do formulário on-line; - Apresentação em vídeo da Produção Inicial; - Exibição de um modelo de seminário (Vídeo do Youtube).	- Data Show; - Notebook; - Slides; - Arquivos de vídeo.	- 2 h/a

Fonte: Elaborado pelo autor.

E uma imagem da turma para ilustrar o momento:

Figura 3 - Registro fotográfico da Oficina 01



Fonte: Registro feito pelo autor.

4.5.2 Oficina 02

Na segunda-feira seguinte, dia 24 de novembro, também nas duas primeiras aulas da manhã, foi aplicado o módulo da segunda oficina. No primeiro momento, mostramos as fases internas da exposição oral elencadas por Dolz *et al.* (2004, p. 220 e 221), para isso utilizamos o quadro onde foram feitas as anotações e depois seguiu-se uma aula expositiva e dialogada.

As fases internas apresentadas foram as seguintes: I. *Fase de abertura*: Em que os alunos se apresentam, dando legitimidade às suas falas como expositores especialistas do tema a ser transmitido para a plateia. II. *Fase de introdução ao tema*: momento em que a equipe anuncia o tema, ao passo que justifica a sua importância e as razões para a escolha do mesmo. III. *Apresentação do plano*: Nesta fase, os expositores mostram para os ouvintes os caminhos que serão seguidos na apresentação, conforme o planejamento feito pela equipe. IV. *O desenvolvimento e o encadeamento dos diferentes temas*: nesta fase, os comunicadores expõem os conteúdos apresentados na fase de apresentação do plano. V. *Fase de recapitulação e síntese*: momento em que é retomado os principais pontos da exposição. VI. *Conclusão*: Os comunicadores encerram a exposição dos conteúdos, abrindo espaço para que os ouvintes possam interagir com perguntas ou comentários a respeito do que foi abordado. VII. *O encerramento*: Nesta fase, os alunos agradecem à plateia pela atenção e encerram sua apresentação.

Esse momento foi bastante produtivo, pois os alunos fizeram suas anotações e se mostraram interessados em assimilar cada uma das fases. Foram indagados se tinham alguma dúvida referente ao conteúdo e no primeiro momento demonstraram ter entendido.

Na sequência, anotamos no quadro os temas que foram sugeridos pelos próprios discentes quando questionados no formulário on-line sobre quais assuntos gostariam de pesquisar para apresentarem em um Seminário Escolar. Os temas sugeridos foram os seguintes: Saúde mental e bem-estar digital; Cultura de outros países; Problemas na sociedade; Bullying; Bullying na escola; Relações familiares; Violência contra mulher e Esporte. Neste momento, observamos que, na medida em que os temas iam sendo expostos, os alunos iam se identificando e se inclinando a escolher determinadas propostas.

Aproveitamos a ocasião para refletirmos sobre a importância de cada um dos temas e instigá-los a expressarem suas ideias, fazendo uso da fala espontânea. Para isso, perguntamos a eles por qual motivo gostariam de pesquisar tais assuntos. Um dos alunos respondeu que gostava muito de esportes, em especial do futebol; outra estudante disse que já presenciou violência contra a mulher na comunidade onde mora; outro falou que tinha o sonho de conhecer

as culturas de outros países, dentre outras colocações feitas pelos discentes. Assim, apesar de alguns alunos não terem participado da interação, esse momento da oficina tornou-se bem produtivo, pois uma parte da turma contribuiu com suas intervenções.

Por fim, abrimos espaço para que fossem divididos os grupos para a apresentação do Seminário Escolar final. Optamos por deixar livre para que eles próprios pudessem formar suas equipes. Os alunos preferiram manter os grupos que haviam feito a Produção Inicial desta sequência didática. Logo após, concedemos a oportunidade para que as equipes já formadas escolhessem os temas de suas apresentações.

Em síntese, temos o quadro da segunda oficina:

Quadro 4 - Oficina 02: As fases internas do Seminário Escolar

Oficina 02	Objetivos	Atividades	Material	Duração
As fases internas do Seminário Escolar	- Apresentar e refletir, juntamente com a turma, acerca das fases internas que compõem o Seminário Escolar; - Dialogar com os alunos acerca dos temas que eles próprios sugeriram; - Realizar a divisão das equipes e dos temas para a Produção Final (PF).	- Aula expositiva e dialogada referente às partes que compõem as fases internas do S.E; - Compartilhamento os temas sugeridos pelos alunos na pesquisa; - Divisão das equipes e escolha do tema para a Produção Final (PF).	- Quadro; - Pincel; -Data Show; - Notebook.	- 2 h/a

Fonte: Elaborado pelo autor.

E uma imagem da turma para ilustrar o momento:

Figura 4 - Registro fotográfico da Oficina 02



Fonte: Registro feito pelo autor.

4.5.3 Oficina 03

Esta oficina ocorreu na terça-feira, dia 25 de novembro, durante as duas últimas aulas da manhã. Iniciamos fazendo uma revisão das sete fases internas que estruturam o Seminário Escolar, expostas na oficina anterior. Nesta feita, de maneira interativa, fomos perguntando à turma o que era esperado em cada uma das etapas, para identificarmos quais fases foram melhor entendidas e quais precisariam de explicações reforçadas.

Notamos, pelas respostas, que os alunos tiveram mais dúvidas sobre a fase de exposição do plano e as fases de recapitulação e síntese. Por isso, revisamos de maneira mais enfática os conceitos e as características destas etapas. Após a revisão, foi proposta uma atividade para que os estudantes pudessem verificar em uma apresentação de Seminário se todas as fases internas foram cumpridas e de que maneira foram realizadas. Para isso, foi exibido novamente o vídeo “Show de Apresentação de Seminário Turma 1º ano A - Tecnologia”, pedimos que assistissem com atenção no intuito de observarem a estruturação da exposição.

Assim, como forma de incentivar a estarem fazendo uso da fala, fizemos um questionário para que fosse respondido oralmente. As questões eram as seguintes: A fase de abertura foi desenvolvida pela equipe? Qual ou quais expositores trabalharam nesta etapa? Você acha que o grupo se colocou como alunos especialistas, responsáveis por transmitir um conhecimento para um auditório? Em relação à fase de introdução ao tema, a equipe cumpre esta etapa? Qual é o tema da apresentação? O grupo justificou a escolha do tema ou falou de sua importância? A equipe mostrou um roteiro da apresentação, cumprindo a fase da

apresentação do plano? Você se recorda de algum subtópico anunciado no plano de exposição? Quanto à fase de desenvolvimento, a equipe desenvolveu os tópicos anunciados no plano da exposição? Quantos alunos participaram desta fase? Após o desenvolvimento dos tópicos, a equipe retomou os principais pontos abordados? No que se refere à fase da conclusão, os comunicadores interagiram com o público, trazendo alguma questão ou abrindo espaço para perguntas? A equipe cumpriu a fase de encerramento? Como foi feito?

Após esse momento de partilha, finalizamos a oficina, reforçando para os discentes acerca da importância que o planejamento de cada uma das etapas tem para o bom desenvolvimento e organização das apresentações dos Seminários Escolares.

Em síntese, temos o quadro da terceira oficina:

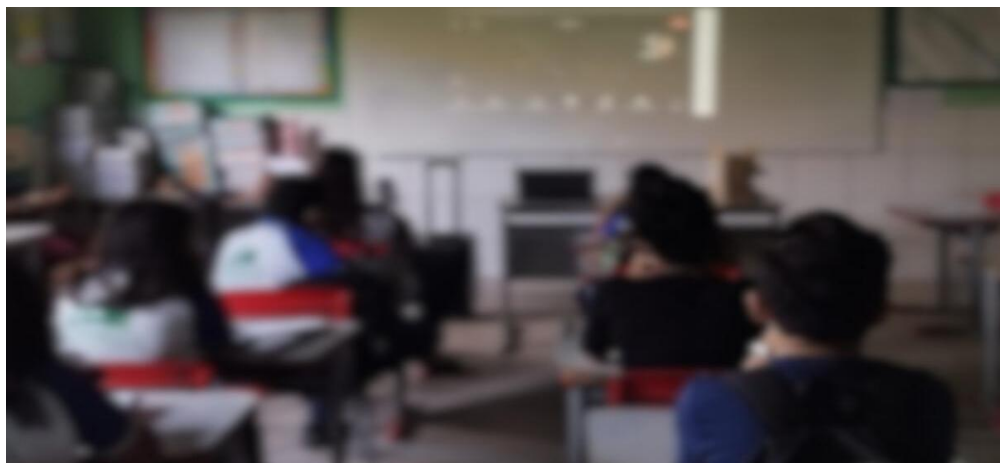
Quadro 5 - Oficina 03: As fases internas do Seminário Escolar (Continuação)

Oficina 03	Objetivos	Atividades	Material	Duração
As fases internas do Seminário Escolar (Continuação)	- Fixar com os alunos os conceitos e a importância das fases internas que compõem o Seminário Escolar;	- Recapitulação das fases internas do Seminário Escolar; - Assistir a um vídeo de um Seminário Escolar, observando se todas as fases foram cumpridas.	- Quadro; - Pincel; -Data Show; - Notebook.	- 2 h/a

Fonte: Elaborado pelo autor.

E uma imagem da turma para ilustrar o momento:

Figura 5 - Registro fotográfico da Oficina 03



Fonte: Registro feito pelo autor.

4.5.4 Oficina 04

A quarta oficina foi realizada no dia 01 de dezembro, numa segunda-feira, nas duas primeiras aulas da manhã. Nesse dia, iniciamos a aula fazendo uma reflexão com os alunos sobre o cuidado que precisamos ter ao fazermos pesquisas na internet para não correremos os riscos de colhermos informações em sites descredibilizados e divulgarmos informações falsas, daí a importância de sempre pesquisar conteúdos em sites confiáveis, como revistas científicas, páginas governamentais ou em portais educacionais. Para isso, mostramos no data show alguns exemplos de sites confiáveis e sites que precisam ser evitados.

Logo após, pedimos às equipes que se reunissem em grupos e entregamos um texto impresso referente aos seus temas. Antes de orientá-los a fazer a leitura, trabalhamos o contexto de produção desses textos, refletimos sobre a autoria, para que público tinha sido escrito, qual objetivo principal do texto, em que lugar social foi publicado.

Em seguida, os alunos foram orientados, num primeiro momento, a fazerem a leitura do texto em grupo para uma primeira assimilação, depois foi pedido que fizessem uma segunda leitura, desta vez, para selecionar as informações principais para em seguida organizar a apresentação.

Para auxiliar as equipes neste trabalho, entregamos um modelo de plano de apresentação (conferir em ANEXO C), contendo as sete fases da estruturação interna do Seminário Escolar, para que fossem preenchendo de acordo com o tema escolhido e com o texto que estavam lendo acerca do assunto.

Os discentes, então, iniciaram o trabalho de leitura, releitura, seleção e organização das informações principais e secundárias em seus respectivos textos. Perceptivelmente, alguns

conseguiram se concentrar melhor que outros e tiveram mais êxito na produção de seus planos. Durante a realização do trabalho, procuramos dar assistência, passando por todas as equipes para tirar dúvidas, verificar como estavam se saindo e orientá-los quanto a melhor maneira de produzir o plano.

Esta ação de acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos das equipes é essencial e se caracteriza como um termo da regulação e da mediação que, segundo Parahyba e Silva (2023, p. 48) “[...] é a possibilidade de fazer um trabalho orientado para ‘certos grupos de alunos’ ou ‘individualizado’. Ou seja, [...] faz-se necessário interagir de forma individual com os alunos, levando em consideração suas dificuldades e necessidades específicas.” Dessa forma, a avaliação formativa, com base na Produção Inicial dos discentes, serviu para nos informar as necessidades referentes ao desenvolvimento do gênero e possibilitar, assim, o planejamento das intervenções didáticas por meio da regulação e da mediação da aprendizagem.

No geral, consideramos que a atividade foi satisfatória e bem realizada, visto que os alunos conseguiram realizar as leituras, refletir e dialogar em equipe acerca de seus temas e desenvolver seus planos de apresentação de acordo com as fases internas do Seminário Escolar que já havíamos trabalhado nas oficinas anteriores. Contudo, é digno de nota que em uma turma de 30 alunos, é compreensível que nem todos consigam se concentrar ou demonstrar interesse durante a realização da atividade. Sempre percebemos em cada equipe aqueles que tomam mais para si a responsabilidade pelo desenvolvimento do trabalho. A seguir, temos o quadro da quarta oficina:

Quadro 6 - Oficina 04: Leitura e preparação para a Produção Final (PF)

Oficina 04	Objetivos	Atividades	Material	Duração
Leitura e preparação para a Produção Final (PF)	- Mostrar aos alunos o quanto é importante a leitura, a seleção e a organização das informações para a preparação de um Seminário; - Orientar os discentes para a produção de seus planos de apresentação.	- Reunir as equipes para realizarem a leitura do texto referente às suas apresentações; - Após a leitura, selecionar e organizar informações principais e secundárias; - Produção do plano de apresentação.	- Textos para o estudo de cada equipe; - Data show.	- 2 h/a

Fonte: Elaborado pelo autor.

E uma imagem da turma para ilustrar o momento:

Figura 6 - Registro fotográfico da Oficina 04



Fonte: Registro feito pelo autor.

4.5.5 Oficina 05

Às 7h da manhã do dia 03 de dezembro, numa quarta-feira, demos início à quinta oficina, cuja finalidade principal era auxiliar as equipes a elaborarem seus slides para a exposição da Produção Final. Para esta aula, como a escola não dispõe de uma sala de informática, solicitamos aos alunos que, se possível, trouxessem notebooks ou celulares para execução dessa tarefa.

Em respeito à lei nº 15.100/2025, que proíbe o uso de celular dentro das escolas, exceto para fins pedagógicos com a autorização do professor, informamos à direção da escola acerca desta atividade. Considerando que apenas uma das equipes trouxe computador, tomamos emprestado um notebook da direção da escola e disponibilizamos o equipamento do professor-pesquisador para um dos grupos. Dessa forma, três equipes utilizaram um computador, enquanto uma usou um aparelho de celular.

No primeiro momento, utilizamos o data show e o notebook para exibir o vídeo³ de um tutorial de como utilizar o powerpoint para fazer slides para apresentação de Seminários. Após a exibição do vídeo, aproveitamos para conscientizá-los, com base em Dolz *et al.* (2004, p. 224 e 225) que o slide é um suporte para auxiliar a exposição do trabalho, servindo como um apoio e direcionamento dos tópicos selecionados. Por isso, orientamos que o ideal era que as equipes não se prendessem somente aos slides, para que também pudessem fazer uso da oralidade de forma espontânea, expressando assim suas ideias. Instruímos ainda que inserissem imagens ilustrativas, tópicos ao invés de textos longos e, se pertinente, gráficos ou tabelas para atrair a atenção e facilitar a compreensão do público-alvo.

Em seguida, os grupos foram orientados a se reunir para que dessem início à formulação dos slides. Notamos, ao verificar o desenvolvimento dos trabalhos, que uma equipe estava com mais dificuldade em manusear os meios tecnológicos, fazendo com que fossem acompanhados mais de perto. Em contrapartida, alguns grupos demonstraram maior habilidade com as tecnologias, utilizando-se inclusive de programas mais atuais, como o “Canva”, para construir suas apresentações de slide.

É relevante relatar aqui que tivemos certa dificuldade nesta oficina com a conexão da internet da escola, pois a sala da turma do 8º ano B ficava um pouco distante da secretaria, onde está posicionado o roteador. Por esse motivo, precisamos rotear a internet móvel do celular do professor-pesquisador, sanando assim este imprevisto.

Em suma, como a produção dos slides é uma atividade que exige mais tempo, não foi

³ <https://www.youtube.com/watch?v=g0qBWZpk60g>

possível finalizar neste dia, por isso os alunos foram orientados a concluírem em casa e a encaminharem para o professor quando tivessem finalizado, pois no próximo encontro iriam precisar para fazerem os ensaios da exposição. A seguir, o quadro com o resumo desta oficina:

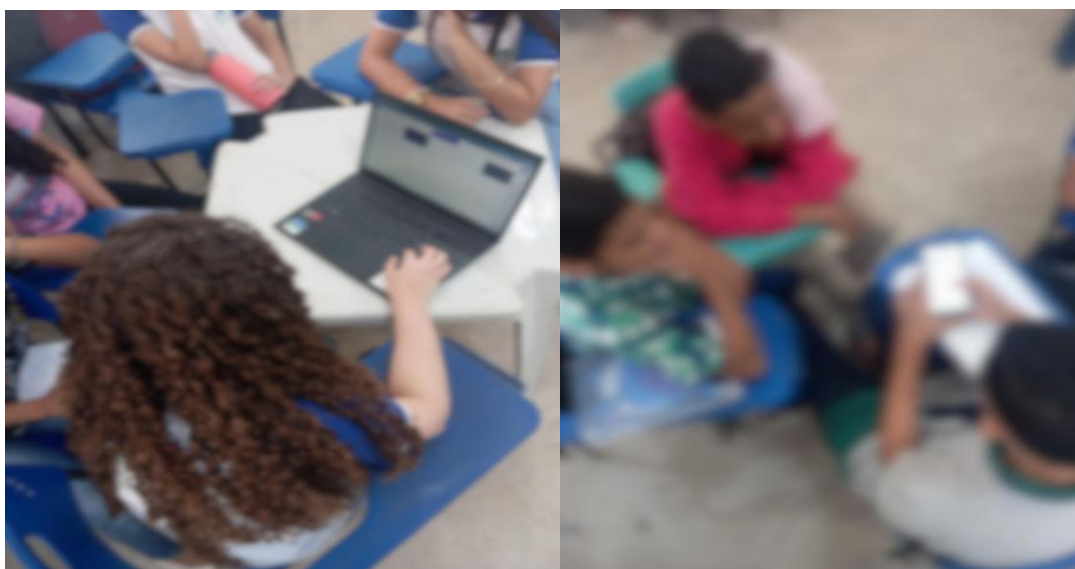
Quadro 7 - Oficina 05: Produção dos Slides

Oficina 05	Objetivos	Atividades	Material	Duração
Produção dos Slides	- Transpor o plano de apresentação das equipes para os slides; - Organizar de forma coletiva os slides para serem usados na apresentação do Seminário Escolar.	- Assistir a uma videoaula sobre elaboração de slides; - Reunir-se em equipes para a elaboração dos slides.	- Data Show; - Notebooks; - Plano de apresentação; - Textos para o estudo de cada equipe.	- 2 h/a

Fonte: Elaborado pelo autor.

E uma imagem registrada no decorrer da oficina:

Figura 7 - Registro fotográfico da Oficina 05



Fonte: Registro feito pelo autor.

4.5.6 Oficina 06

Na segunda-feira, dia 08 de dezembro, às 7h da manhã, iniciamos a sexta oficina que tinha como finalidade principal fazer com que cada equipe ensaiasse suas apresentações do Seminário Escolar. Os alunos gostaram da proposta, pois afirmaram que ainda estavam inseguros para a Produção Final. Antes de iniciarem, exibimos o vídeo “Sete erros na apresentação de um Seminário na Faculdade”⁴ para discutirmos sobre pontos importantes destacados pelo vídeo que deveriam ser evitados em uma apresentação de Seminário.

Em seguida, refletimos acerca do cuidado que é preciso ter com o nervosismo, visto que o descontrole emocional pode se tornar um grande obstáculo para se obter um bom desempenho na apresentação, por isso é muito importante procurar manter a calma e a respiração controlada. Além desse aspecto, discutimos também a respeito da exigência maior que um gênero oral público e formal como o Seminário Escolar tem com a linguagem. Nesse sentido, orientamos aos expositores que, dentro de suas possibilidades, se esforçassem para fazer uso da linguagem formal e evitassem o uso de gírias e palavras de baixo calão.

Após essas reflexões, a primeira equipe se direcionou para frente da sala para iniciar seu ensaio. Notamos que, na medida em que iam desenvolvendo suas falas, os próprios componentes da equipe iam ajudando uns aos outros, lembrando das falas quando alguém as esquecia ou ainda corrigindo alguma coisa que fugia do que estava planejado. Julgamos esta interação entre eles como positiva e pertinente para o desenvolvimento de suas capacidades requeridas para a apresentação de seus trabalhos. O mesmo aconteceu com a segunda equipe que se dispôs a ensaiar.

Logo depois desse momento, aproveitamos para discutir e orientá-los a respeito dos meios não-linguísticos da comunicação oral com base em Dolz, Schneuwly e Haller (2004, p. 160). Levando em consideração as análises feitas na P.I, reforçamos a importância de se posicionar adequadamente, ocupando bem os espaços, evitando se encostar na parede e dar as costas para o público.

Por fim, orientamos acerca dos meios cinésicos e paralinguísticos, como os movimentos repetitivos ou exagerados os quais deveriam ser evitados, ou o fato de estarem completamente parados ao falarem, sem gesticulação alguma; a troca de olhares que deveria acontecer entre o expositor e o auditório; o cuidado com o tom e a velocidade da voz, assim como o cuidado que deveriam ter com os risos ou conversas paralelas entre os próprios componentes da equipe, bem

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=SjThur8ojcU>

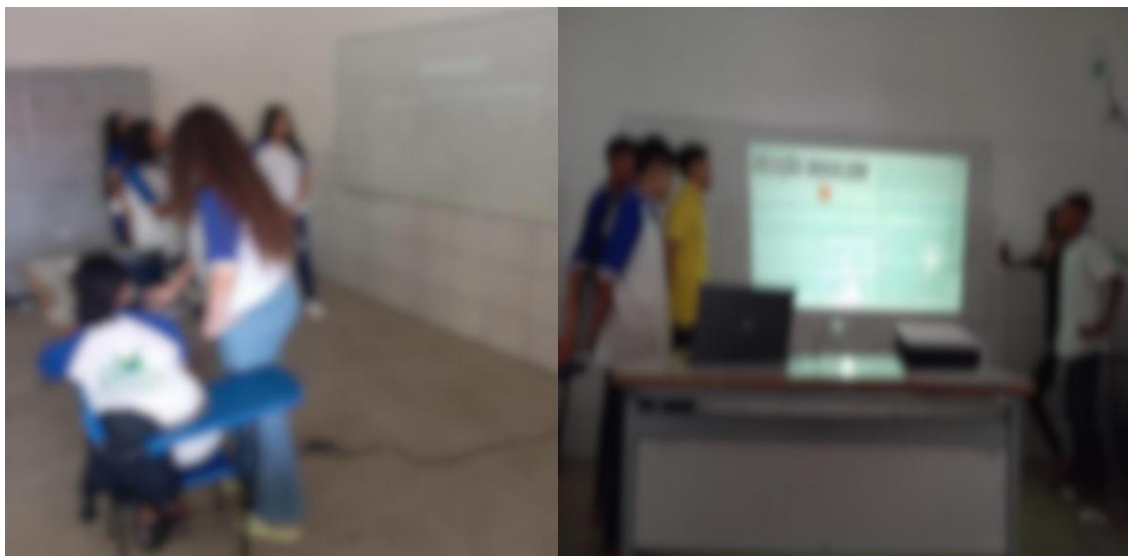
como a importância de saber administrar bem o tempo da apresentação, de acordo com o que foi estabelecido pelo professor. A seguir, temos o quadro do plano de aula e uma imagem referentes a esta oficina:

Quadro 8 - Oficina 06: Ensaio para a Produção Final (PF)

Oficina 06	Objetivos	Atividades	Material	Duração
Ensaio para a Produção Final (PF)	- Disponibilizar um tempo para que os alunos ensaiem para a apresentação final; - Orientá-los quanto aos elementos não linguísticos da comunicação oral: postura, voz, administração do tempo etc - Observar como as equipes seguem o plano de apresentação e utilizam os slides durante o ensaio.	- Aula expositiva e dialogada acerca dos elementos não linguísticos da apresentação (meios cinésicos e paralinguísticos): postura, voz, controle do tempo; - Reunião das equipes para o ensaio das suas apresentações.	- Data Show; - Notebooks; - Plano de apresentação; - Caderno; - Caneta.	- 2 h/a

Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 8 - Registro fotográfico da Oficina 06



Fonte: Registro feito pelo autor.

Aqui concluímos este capítulo acerca da metodologia do trabalho, no qual apresentamos o contexto da pesquisa, quem foram os participantes, os procedimentos de geração de dados por meio da sequência didática, o modelo didático do gênero Seminário Escolar e, por fim, descrevemos como se deu a aplicação das seis oficinas. Na sequência, abordaremos os procedimentos de análise dos dados da pesquisa.

5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

Os dados levantados durante a realização da PI foram analisados e serviram de instrumento para identificar as principais dificuldades dos alunos quanto à produção de textos orais, especificamente o gênero de texto Seminário Escolar. Com base nesse levantamento, foi elaborado o material didático a ser utilizado durante a execução das oficinas (que foram descritas no capítulo anterior) com o objetivo de mitigar as principais lacunas do ensino e aprendizagem do gênero. Contudo, antes da Produção Inicial, foi aplicado um formulário online (pelo *Google forms*) para investigar a relação prévia dos alunos com o gênero a ser ensinado. Com isso, na sequência, serão apresentados alguns dados deste formulário, bem como as observações da Produção I

inicial que se constituiu pelas apresentações de duas equipes compostas uma por quatro alunos e outra por cinco⁵.

5.1 Análise do formulário: “Minhas vivências com o Seminário Escolar”

Com o objetivo de entender melhor as vivências dos estudantes com o gênero de texto Seminário Escolar, elaboramos seis questões, sendo cinco de múltipla escolha e uma dissertativa. Compartilhamos o link do formulário no grupo de *whatsapp* da turma. Dos trinta alunos matriculados, apenas dezessete⁶ responderam. Passaremos agora à análise de cada questão:

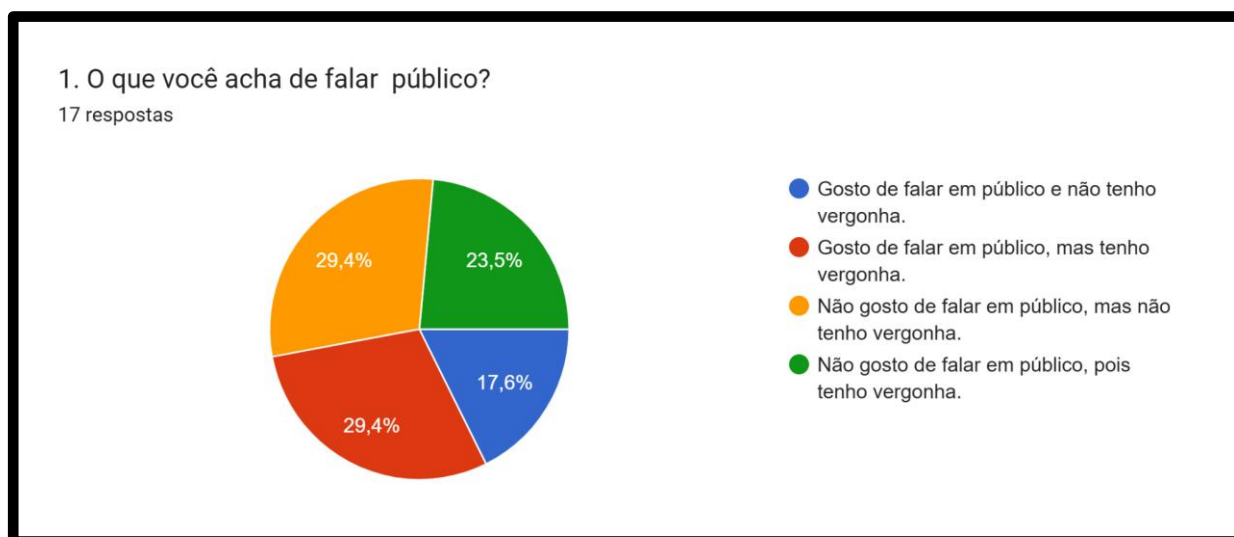
A primeira pergunta foi: “O que você acha de falar em público?”. Como é corriqueiro encontrar pessoas que não se sentem à vontade para falar em público, pensei nessa questão para analisar a realidade da turma. Como opções de respostas, sugerimos as seguintes: a) Gosto de falar em público e não tenho vergonha; b) Gosto de falar em público, mas tenho vergonha. c) Não gosto de falar em público, mas não tenho vergonha; a) Não gosto de falar em público, pois

⁵ É importante salientar que nem todos os alunos da turma participaram de todas as etapas do trabalho. Dessa forma, estabelecemos os seguintes critérios para que os discentes pudessem compor o corpus da pesquisa: 1. Ter participado da Produção Inicial. 2. Ter, pelo menos, 70% de presença nas oficinas e 3. Ter participado da Produção Final.

⁶ O link do questionário foi postado no grupo de *whatsapp* da turma para que os alunos pudessem responder em casa. Dos trinta alunos matriculados na turma, treze alunos não responderam, dentre outros motivos, acreditamos que por razões econômicas, visto que muitas famílias dos estudantes da escola estão em situação de vulnerabilidade. A atividade também não foi realizada no ambiente escolar, visto que a mesma não dispõe de um laboratório de informática. No entanto, foi possível fazermos uma análise baseada em uma amostra com dezessete respostas.

tenho vergonha. Vejamos o percentual das respostas:

Figura 9 - Gráfico da primeira pergunta do formulário



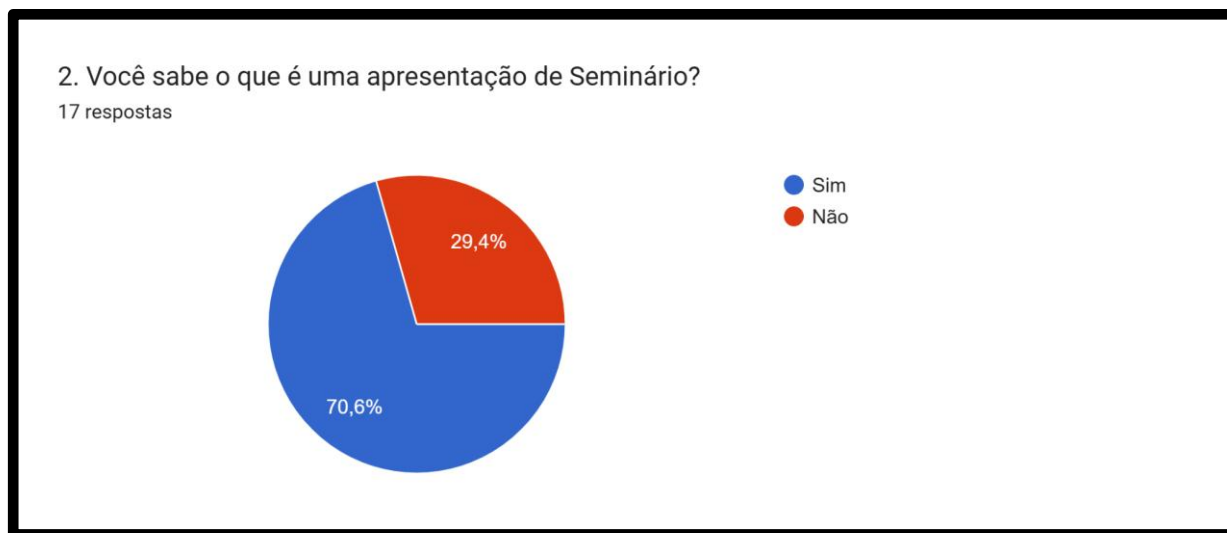
Fonte: Formulário elaborado pelo autor no Google forms.

As respostas da questão 01 chamaram atenção pelo percentual de alunos que responderam “gosto de falar em público, mas tenho vergonha”, pois imaginávamos que a resposta que teria o maior percentual seria “não gosto de falar em público, pois tenho vergonha”. Isso pode indicar que uma boa parte dos estudantes gosta de se expressar oralmente, porém quando se trata de um gênero público formal como o Seminário, por não terem experiência ou domínio do gênero e do conteúdo, acabam se intimidando. Faz-se necessário observar que os percentuais foram bastante equilibrados, inclusive duas opções tiveram o mesmo percentual de respostas, os itens b e c, representados respectivamente pelas cores vermelho e laranja. Interessante observar que são respostas inversas, visto que enquanto os discentes que optaram pelo item b gostam de falar em público, embora tenham vergonha, os que escolheram o item c revelaram não gostar de falar em público, apesar de não terem vergonha. Com isso, fazendo uma análise simples, entre os que gostam ou não gostam de falar em público, tem-se pelo gráfico, por meio do somatório dos itens a e b, que 47% dos que responderam afirmam gostar de se expressar em público, em contrapartida, somando os percentuais dos itens c e d, 52,9% declararam não gostar. Para verificar a questão de ter ou não vergonha, ao somarmos os itens a e c, encontra-se um percentual de 47% de alunos que não se sentem envergonhados, mas somando-se os itens b e d, tem-se 52,9% que afirmam ter vergonha. Portanto, conclui-se que a maioria dos discentes que respondeu ao questionário declara não gostar de falar em público e a maioria afirma sentir vergonha.

A segunda pergunta foi: “você sabe o que é uma apresentação de Seminário?” Nosso

objetivo com essa questão era sondar se havia, entre os estudantes da turma pesquisada, algum conhecimento prévio acerca do Seminário Escolar. Vejamos o percentual das respostas no gráfico:

Figura 10 - Gráfico da segunda pergunta do formulário

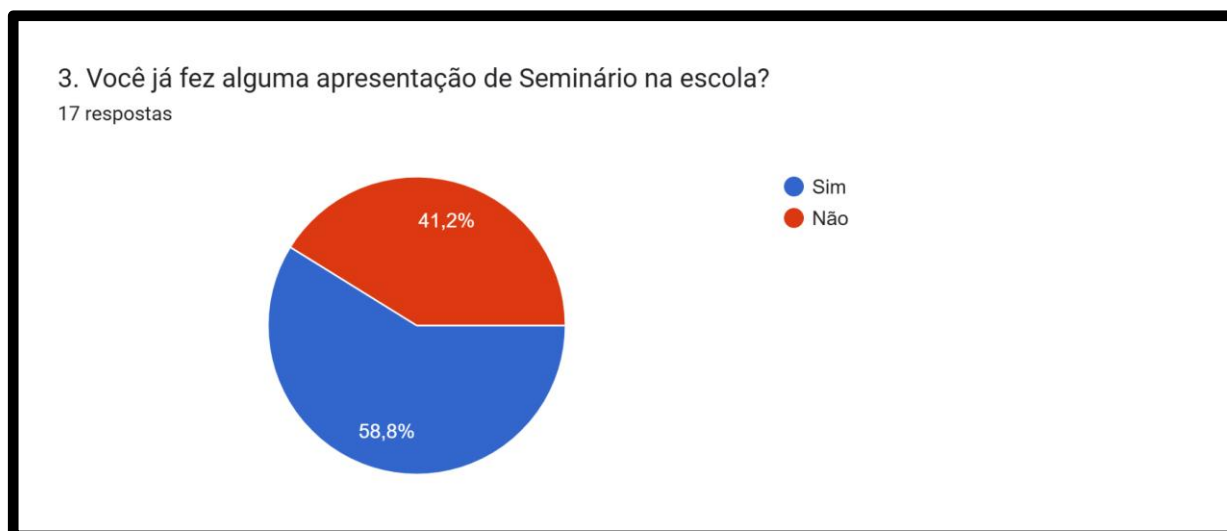


Fonte: Formulário elaborado pelo autor no Google forms.

Como mostra o gráfico, a maioria dos estudantes que responderam ao questionário, 70,6%, sinalizaram saber o que seria uma apresentação de Seminário, enquanto 29,4%, a minoria, revelou não saber. De certa forma, as respostas estão de acordo com o que esperávamos, pois, em conversas informais, alguns alunos haviam dito que no 7º ano o professor de História pediu uma apresentação de Seminário para compor uma nota parcial.

Vejamos a terceira pergunta e, em seguida, o gráfico como o indicativo de respostas:

Figura 11 - Gráfico da terceira pergunta do formulário

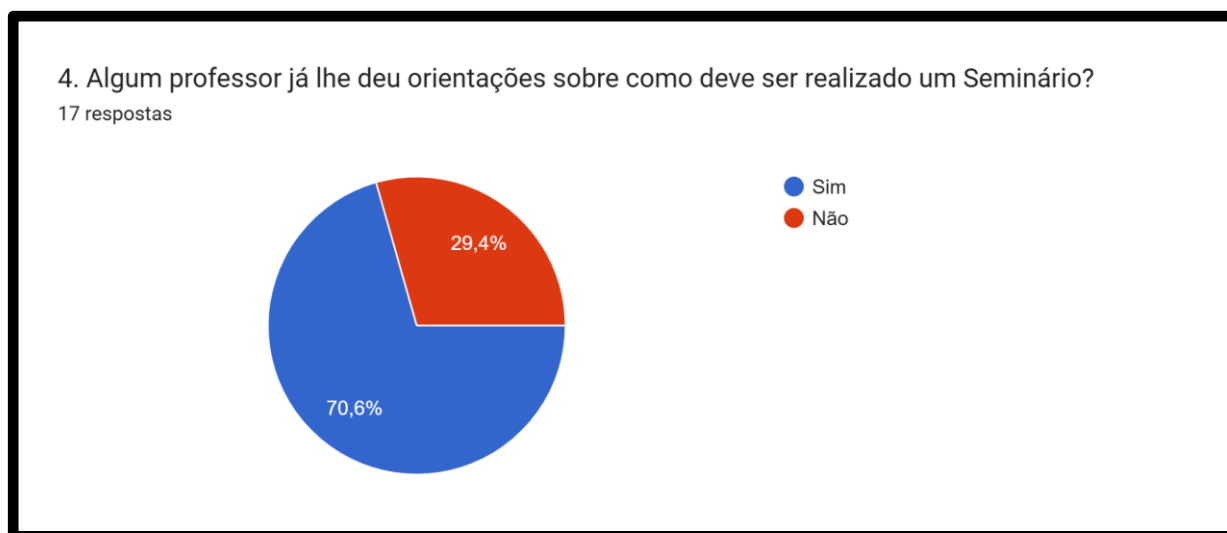


Fonte: Formulário elaborado pelo autor no Google forms.

O nosso objetivo com essa questão era analisar se haviam experiências pessoais dos estudantes com a ação de linguagem, através do gênero Seminário Escolar. Como mostra o gráfico, pouco mais da metade, 58,8%, respondeu já ter feito uma apresentação de Seminário na escola, enquanto 41,2% responderam nunca ter feito. Se faz necessário observar que, na pergunta anterior, 70,6% afirmaram conhecer o gênero Seminário, enquanto nesta pergunta apenas 58,8% afirmaram já tê-lo realizado. Isso demonstra que, entre os alunos que afirmaram conhecer, há aqueles que não chegaram a colocar o gênero em prática.

Vejamos, agora, a quarta pergunta e o gráfico como o indicativo de respostas:

Figura 12 - Gráfico da quarta pergunta do formulário



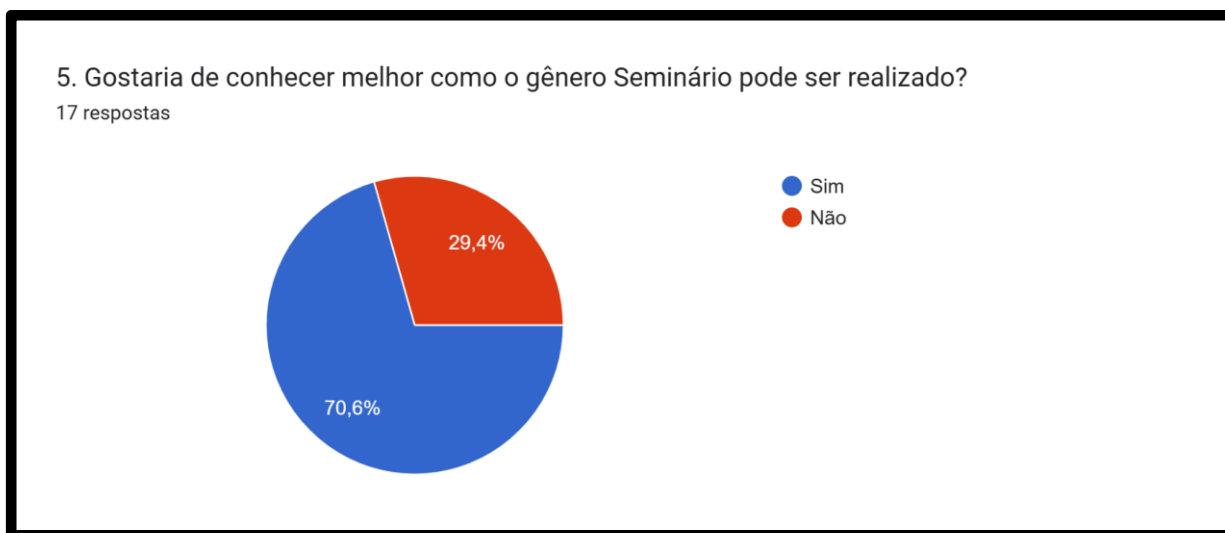
Fonte: Formulário elaborado pelo autor no Google forms.

Nossa intenção com essa questão era sondar os alunos da turma para sabermos se já haviam tido alguma orientação referente à realização de um Seminário Escolar. O gráfico apontou que a maioria dos discentes já tiveram orientações por parte de algum professor acerca da produção do gênero. Como foi comentado na segunda questão, alguns discentes afirmaram que o professor de História havia proposto apresentações de Seminário no ano anterior, o que pode justificar a maioria das respostas assinaladas. No entanto, não investigamos como se deu estas possíveis orientações. Fazendo uma comparação deste gráfico com os gráficos da segunda e da terceira pergunta, é interessante observar que o percentual dos alunos que afirmaram conhecer e receber orientações acerca do gênero em estudo é o mesmo, 70,6%, no entanto somente 58,8% afirmaram tê-lo realizado. Isso aponta para o fato de que nem todos os estudantes que receberam orientações para fazê-lo, o colocaram em prática. Isso nos fez chegar

à seguinte indagação: Por que 11,8% dos alunos que responderam ter recebido orientação não chegaram a exercer a atividade de linguagem por meio do Seminário? Tal questão nos levou às seguintes hipóteses que podem respondê-la: Os alunos não compreenderam corretamente as orientações; não se sentiram preparados o suficiente e/ou sentiram muita timidez, entre outras possíveis hipóteses.

Vejam a próxima questão:

Figura 13 - Gráfico da quinta pergunta do formulário



Fonte: Formulário elaborado pelo autor no Google forms.

Esta última pergunta objetiva nos serviu para verificar o interesse da turma em ampliar seus conhecimentos teóricos e metodológicos acerca do gênero de texto Seminário Escolar. O percentual apresentado no gráfico mostrou que a maioria dos discentes tem interesse em desenvolver suas capacidades de linguagem referentes ao gênero em estudo, o que nos deixou motivados a executar esta pesquisa-ação na turma em análise, muito embora 29,4% dos que responderam à pesquisa sinalizaram não ter interesse em conhecer melhor como o gênero pode ser realizado.

Por fim, elaboramos uma questão subjetiva para que os estudantes pudessem sugerir temas de seus próprios interesses para serem pesquisados e expostos em apresentações futuras. Dentre as respostas, temos as seguintes sugestões: Ansiedade, depressão, redes sociais e saúde mental, esportes, violência contra a mulher, bullying, desigualdade social e outras. A partir das respostas, os alunos puderam escolher o tema com o qual iriam trabalhar na Produção Final, visto que os temas sugeridos para a Produção Inicial fluíram a partir de uma aula de leitura na qual os alunos se mostraram bastante empolgados, cujo texto foi uma reportagem intitulada “as

dores do crescimento”. Na sequência, veremos como se deu o desenvolvimento da Produção Inicial, a partir da apresentação de duas equipes.

5.2 Produção Inicial

As apresentações dos dois grupos de alunos que aceitaram participar da atividade aconteceram nas duas últimas aulas do turno da manhã do dia 29 de outubro de 2025. Os estudantes estavam ansiosos e eufóricos antes do início das exposições, porém antes da primeira equipe se apresentar, fizeram silêncio para ouvir as orientações de que seria necessário que tanto a plateia quanto os expositores deveriam manter o respeito e a atenção durante o momento de fala dos colegas, evitando levantar-se, derrubar objetos e fazer zombarias, visto que é comum, nesta etapa de ensino, os educandos serem bastante brincalhões, o que muitas vezes atrapalha o desenvolvimento do trabalho.

A seguir, serão feitas as análises das apresentações das equipes com base nas categorias de análise elencadas nos quadros abaixo:

Quadro 9 - Categorias de análise: Capacidade de ação

Capacidade de linguagem	CRITÉRIO	INDICADORES
Capacidade de ação	a) Contexto de produção	1. Assume o papel de expositor-especialista 2. Considera o destinatário 3. Atinge o objetivo 4. Respeita o tempo determinado

Fonte: Zani (2018, p. 295) adaptado pelo autor.

Quadro 10 - Categorias de análise: Capacidade discursiva

Capacidade de linguagem	CRITÉRIO	INDICADORES
Capacidade discursiva	b) Planificação/ organização interna	Abertura Introdução ao tema Apresentação do plano Desenvolvimento Recapitulação e síntese Conclusão Encerramento

Fonte: Zani (2018, p. 295) adaptado pelo autor.

Quadro 11 - Categorias de análise: Capacidade multissemiótica

Capacidade de linguagem	CRITÉRIO	INDICADORES
Capacidade multissemiótica	c) Meios não-linguísticos da comunicação oral	- Meios paralinguísticos: qualidade da voz e risos; - Meios cinésicos: atitudes corporais e troca de olhares; - Posição dos locutores: ocupação dos lugares. ⁷

Fonte: Zani (2018, p. 295) adaptado pelo autor.

5.2.1 Regras e símbolos de transcrição do corpus

Antes de começarmos as análises das produções iniciais das equipes, faz-se necessário pontuarmos as regras e símbolos de transcrição que utilizamos para transcrever algumas das falas dos alunos durante as suas apresentações. Tomamos por base as normas de transcrição do projeto NURC/SP.

Quadro 12 - Normas para transcrição - NURC/SP

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda...() nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)

⁷ Dentre as categorias dos meios não-linguísticos da comunicação oral (Dolz, Schneuwly e Haller 2004, p. 160), estas foram as que consideramos necessárias para serem analisadas, de acordo com o contexto da turma. Porém, existem outras categorias interessantes que podem ser observadas, conforme Figura 2 que se encontra na seção “4.4 Modelo didático do gênero seminário escolar”, do presente trabalho.

Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comê/ e reinicia
Entoação enfática	Maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os... éh::: ...o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	-- --	... a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	[ligando as linhas	A. na casa da sua irmã [B. sexta-feira? A. fizeram lá... [B. cozinham lá?

Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	" "	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... "O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós"...

Fonte: Preti (1999, p. 11-12).

OBSERVAÇÕES:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.)
2. Fáticos: *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por *está*: *tá?* você *está* brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh:::...* (*alongamento e pausa*).
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*, conforme referido na *Introdução*.

A seguir, passaremos a analisar como se deu a Produção Inicial (PI) de cada equipe.

5.2.2 Equipe 1:

Depois de repassadas as instruções, a primeira equipe ocupou a frente da sala para dar início a sua exposição. O grupo era composto por cinco alunos que escolheram a temática “Ansiedade” para pesquisar e apresentar o Seminário. A apresentação durou quatro minutos e trinta e seis segundos. Vejamos como se deu:

Aluno A

bom dia gente... ((segurando um papel na mão, olha para a plateia))

Auditório

bom dia

Aluno A

hoje a gente vai apresentar sobre a ansiedade ((olha para o cartaz que está na lousa))

Aluno B

((com as pernas cruzadas, de cabeça baixa e encostado na lousa, ler o texto que está em sua mão))

Aluno C

((de cabeça baixa e encostado na lousa, ler o texto que está em suas mãos))

Aluno D

((sorridente e de cabeça baixa, ler o texto que está em suas mãos))

Aluno A

((encostado na lousa, ler o texto que está em suas mãos))

Aluno B

((faz sinal de silêncio para os alunos 03 e 04 que estão conversando))

Aluno E

boa tarde meu nome é P e eu vou falar... ((risos)) bom dia eu vou falar sobre o tratamento da ansiedade ((de cabeça baixa e encostado na lousa, lê o texto que está em suas mão))

Aluno A

é isso gente... esse foi o nosso trabalho ((Palmas))

Como mostra a transcrição acima, a equipe 1 apresentou bastante dificuldade em expor o seu trabalho, basicamente a apresentação se restringiu à leitura do texto em mãos, pois houve pouca interação dos expositores com a plateia (restante da turma), com raras exceções do aluno A e do aluno E, os quais arriscaram algumas falas sem a leitura do papel. Em relação à postura, a equipe não se portou da maneira que se espera em uma apresentação de um gênero oral formal, pois todos os componentes da equipe demonstraram estar desconfortáveis com a situação, uma vez que a maioria dos membros da equipe não fez o mínimo contato visual com os interlocutores, antes permaneceram de cabeças baixas e encostados no quadro ou movimentando-se para conversarem entre si, como exemplifica a imagem a seguir:

Figura 14 - Imagem da Produção Inicial (PI) da Equipe 1



Fonte: Arquivo do pesquisador.

Dessa forma, é perceptível que estes alunos mobilizaram de maneira insuficiente as capacidades de linguagem necessárias para a produção e exposição do gênero de texto Seminário Escolar, necessitando, portanto, de uma intervenção didática para o desenvolvimento de suas capacidades. Observemos agora como se deu a análise das categorias elencadas neste trabalho:

Quadro 13 - Produção Inicial (PI) da Equipe 1: Capacidade de ação

AÇÃO DE LINGUAGEM		Aluno A	Aluno B	Aluno C	Aluno D	Aluno E
CAPACIDADE DE AÇÃO	1. Assume o papel de expositor-especialista	Em parte	Não	Não	Não	Em parte
	2. Considera o destinatário	Em parte	Não	Não	Não	Em parte
	3. Atinge o objetivo	Não	Não	Não	Não	Não
	4. Respeita o tempo determinado	Não	Não	Não	Não	Não

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como demonstrado no quadro acima, observamos que os alunos da equipe 1, ao apresentarem seus Seminários Escolares, não mobilizaram a capacidade de ação de maneira satisfatória, pois, ao analisarmos a ação de linguagem de cada componente do grupo, constatamos que apenas os alunos A e E assumiram timidamente o papel de expositor especialista, o qual de acordo com Dolz *et al.* (2004, p. 2016) é uma “condição indispensável para que a própria ideia de transmitir um conhecimento a um auditório tenha sentido”. Algumas marcas linguísticas sinalizam para esta situação de comunicação, como demonstra o trecho a seguir:

Aluno A

hoje **a gente** vai apresentar sobre a ansiedade ((olha para o cartaz que está na lousa))

Aluno E

boa tarde meu nome é P e **eu vou falar...** ((risos)) bom dia **eu vou falar** sobre o tratamento da ansiedade ((de cabeça baixa e encostado na lousa, lê o texto que está em suas mãos))

Embora estes alunos tenham minimamente se identificado como os expositores responsáveis por passar um conhecimento ao público, deram continuidade às suas exposições sem fazer uso da fala espontânea, fazendo apenas a leitura dos textos que tinham em mãos, sem fazer contato visual com o auditório. Da mesma forma, os alunos 02, 03 e 04 realizaram suas apresentações por meio da leitura, sem fazer contato visual com a plateia ou, minimamente, apresentando-se como responsáveis pela exposição dos conteúdos. Assim, percebemos que os alunos, de modo geral, não levaram em consideração o destinatário. De igual modo, os demais indicadores categorizados no quadro 11 também não foram mobilizadas devidamente, considerando que o objetivo da exposição, que para Dolz *et al.* (2004) é “transmitir informações, descrever-lhe ou explicar alguma coisa”, não foi atingido; bem como o tempo da apresentação que se resumiu a apenas quatro minutos e trinta e seis segundos.

Vejamos, a seguir, como se deu a organização das fases internas do Seminário Escolar da Equipe 1:

Quadro 14 - Produção Inicial (PI) da Equipe 1: Capacidade discursiva

FASES INTERNAS DO S.E		Equipe 2
CAPACIDADE DISCURSIVA	Abertura	Em parte
	Introdução ao tema	Em parte
	Apresentação do plano	Não
	Desenvolvimento	Não
	Recapitulação e síntese	Não
	Conclusão	Não
	Encerramento	Não

Fonte: Elaborado pelo autor.

Do ponto de vista discursivo, como mostra o quadro acima, as fases da organização

interna da exposição oral, sistematizadas pelos pesquisadores genebrinos, não foram realizadas na Produção Inicial do Seminário Escolar da Equipe 1. Em relação às fases de abertura e Introdução ao tema, houve apenas uma saudação inicial e o anúncio do tema sobre o qual a equipe iria falar, como demonstra o recorte a seguir:

Aluno A

bom dia gente... ((segurando um papel na mão, olha para a plateia))

Aluno A

hoje a gente vai apresentar sobre a ansiedade ((olha para o cartaz que está na lousa))

Em seguida, os demais componentes da equipe iniciaram suas apresentações, fazendo a leitura dos textos de suas responsabilidades. Dessa forma, a apresentação seguiu de maneira desorganizada e sem o encadeamento dos diferentes assuntos, uma vez que, na medida em que um aluno terminava sua leitura, logo em seguida o próximo iniciava a sua. Com exceção do aluno 05 que, ao chegar à sua vez, cumprimentou a turma e anunciou o que iria expor, porém sem relacionar com o que os colegas apresentaram. Vejamos:

Aluno E

boa tarde meu nome é P e eu vou falar... ((risos)) bom dia eu vou falar sobre o tratamento da ansiedade ((de cabeça baixa e encostado na lousa, lê o texto que está em suas mãos)).

Portanto, o desenvolvimento da apresentação ficou comprometido, pois tivemos a impressão de que os alunos tinham como objetivo simplesmente executar a leitura de seus textos no momento de seus turnos de fala, sem a preocupação de organizar, relacionar e explicar os diferentes subtemas.

Referente à capacidade multissemiótica e aos meios não-linguísticos da comunicação oral, analisamos os seguintes aspectos, a partir da apresentação da equipe 1:

Quadro 15 - Produção Inicial (PI) da Equipe 1: Capacidade multissemiótica

AÇÃO DE LINGUAGEM		Aluno A	Aluno B	Aluno C	Aluno D	Aluno E
CAPACIDADE MULTISSEMIÓTICA	1. Qualidade de voz	Em parte Adequada	Não Adequada	Não Adequada	Não Adequada	Não Adequada
	2. Risos durante a apresentação	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
	3. Atitudes corporais	Adequada	Não Adequada	Não Adequada	Não Adequada	Não Adequada
	4. Troca de olhares	Em parte Adequada	Não Adequada	Não Adequada	Não Adequada	Em parte Adequada
	5. Ocupação dos lugares	Adequada	Não Adequada	Não Adequada	Não Adequada	Em parte Adequada

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como se pode observar neste quadro e na transcrição da apresentação da equipe 1, registrada anteriormente, os elementos não-linguísticos categorizados aqui não foram mobilizados de forma satisfatória pela maioria dos discentes, comprometendo o bom desenvolvimento das exposições. Referente ao indicador qualidade de voz, em que se espera dos locutores uma tonalidade audível, ao mesmo tempo, uma fala compassada e clara, observamos que somente o aluno A ficou em parte adequado, visto que no início da apresentação cumprimentou a turma e apresentou a equipe de forma clara e audível, porém seguiu o resto de sua apresentação lendo o texto de cabeça baixa e, conseqüentemente, com a voz embargada.

No que diz respeito ao segundo indicador, risos durante a apresentação, notamos que, com exceção do aluno A, todos os demais desconsideraram a formalidade exigida pela situação de apresentação, pois, em muitas ocasiões estavam rindo uns dos outros ou mesmo da própria apresentação. Em relação às atitudes corporais, foi possível observar a necessidade dos estudantes de desenvolverem melhor este aspecto. O aluno B, por exemplo, levou as mãos às costas várias vezes, fez caretas, levou a blusa ao rosto, enquanto o aluno C não parava quieto e

virava-se várias vezes para conversar com os colegas ao lado ou mesmo para olhar o papel que os outros seguravam. Acerca da troca de olhares, os alunos A e E ficaram em parte adequados, visto que em alguns momentos conseguiram olhar diretamente para a plateia e não ficaram olhando desnecessariamente uns para os outros, enquanto os demais, por timidez, despreparo ou brincadeira, ficaram de cabeça baixa ou olhando uns para os outros sem direcionar o olhar para o público.

Por fim, em relação ao quinto e último indicador, pudemos observar que os alunos B, C, D e E permaneceram a maior parte do tempo encostados à parede, às vezes somente com um pé, outras vezes com o corpo todo. A exceção novamente foi o aluno A que conseguiu ocupar seu lugar adequadamente, uma vez que não se encostou à parede e manteve-se bem-posicionado em seu local de apresentação.

5.2.3 Equipe 2:

Após a Equipe 1 encerrar sua apresentação, a segunda equipe ocupou a frente da sala para dar início a sua exposição. O grupo era composto por quatro alunos, mas apenas três compareceram no dia. A equipe escolheu o tema “O impacto das redes sociais na saúde mental dos jovens” para pesquisar e apresentar o Seminário. A apresentação durou quatro minutos e cinquenta e dois segundos. Vejamos como se deu:

Aluna A

bom dia gente... ((olhando para a plateia))

Aluna A

hoje a gente vai apresentar sobre ((volta-se para o slide)) “O impacto das redes sociais na saúde mental dos jovens”... alguém passa o slide

Auditório

passa aí A...((em meio a falas incompreensíveis))

Aluna A

((dirige-se ao slide, de costas para a platéia)) “introdução...nós jovens de hoje vivemos em um mundo onde as redes sociais são uma parte integrante da nossa vida diária... desde o momento em que acordamos até o momento em que nos deitamos estamos conectados a essas plataformas... compartilhando nossas vidas... nossas emoções e nossas experiências com os outros... mas ao mesmo tempo essas redes sociais também podem ter um impacto negativo na nossa saúde mental” ((olha para a colega que está passando o slide e começa a leitura do slide seguinte))... ((após terminar a leitura, acena com a mão para a colega não passar o slide) espera aí... não passa agora não... ((se vira de frente para a turma e começa a falar)) Oh...quando a gente usa muito tempo as redes sociais...e:: enfim eh... o nosso celular que está constantemente com a gente... o nosso cérebro libera o neurotransmissor chamado dopamina... o exCE... o neurotransmissor dopamina é:: uh:: neurotransmissor que é uma:: questão que libera... pro nosso prazer:: () ((gesticulando com as mãos e olhando para a turma, continua sua fala)) Quando

a gente recebe excesso dele... pode causar ansiedade e a depressão... o nosso cérebro se acostuma com coisas fáceis () rápidas... e:: daqui a pouco... fazer coisas simples no nosso dia a dia como ler um livro... ou algo que não esteja relacionado às redes sociais ou celular... se torna cada vez mais difícil ((se vira e olha para o aluno 02, indicando que agora seria sua vez)) ((olha para a colega que está passando o slide)) pode passar.

Aluna B

((com as mãos postas para trás, vira-se para o slide sem cumprimentar a plateia e lê o texto))

Aluna A

((olha para o aluno 03)) é a parte dá J... pode ler.

Aluno C

((com as mãos na cintura, dirige-se ao slide sem cumprimentar a turma e lê a “parte” da aluna que faltou e, em seguida, faz a leitura da sua.))

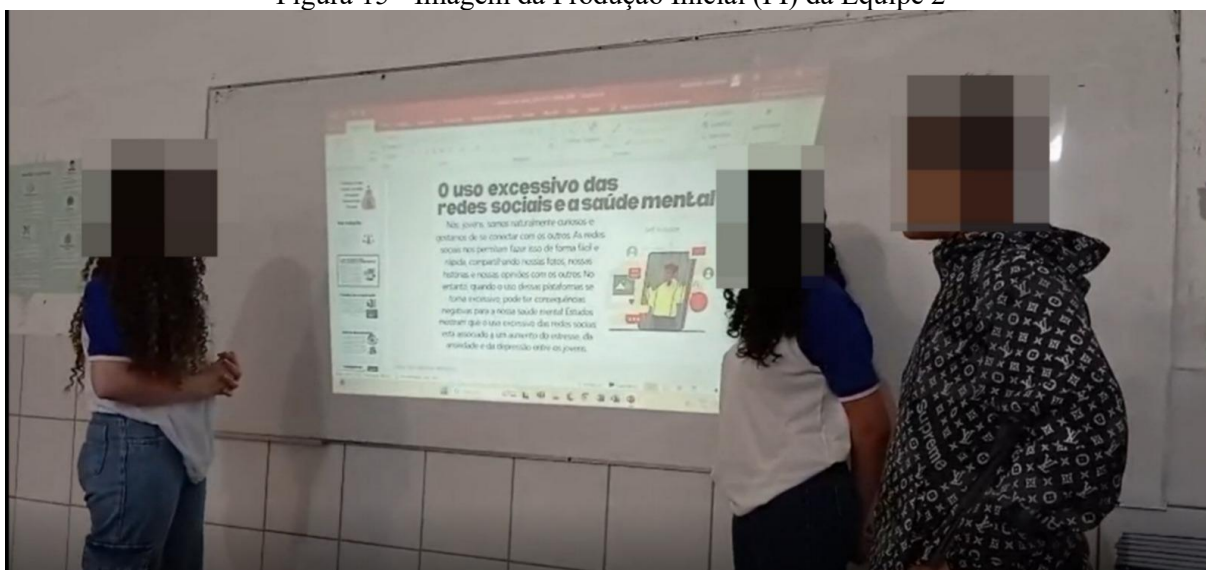
Aluna A

((dirige ao slide e lê o texto, logo em seguida faz uso da fala espontânea)) bom.. ((aponta para o slide e vira-se para a turma)) () éh:: eu não vou falar para todo mundo parar de usar o celular... certo? porque isso tá muito presente no nosso dia a dia... e é até bom porque você tem que se distrair... mas como tu:: tudo que a gente tem que fazer exige controle... então a gente tem que ter controle... () horário certo para mexer no celular:: e tudo... e::: também não é recomendável... a gente usar as redes sociais assim que acorda... e perto da hora de ir dormir... porque o nosso cérebro fica muito carregado com isso.. e pode acabar gerando ((vira-se e aponta para o slide)) as... doenças que a gente viu... como a ansiedade e a depressão... é isso gente ((gesticula com as mãos indicando que terminou a apresentação)) ((palmas))

A Equipe 2, de certa forma, surpreendeu, pois apesar da falta de um de seus componentes, conseguiu fazer a exposição do seu Seminário Escolar com menos dificuldade, se comparada à primeira equipe. Conseguiu se aproximar um pouco mais daquilo que se espera de uma apresentação do gênero de texto Seminário Escolar, pois fez a apresentação utilizando slides e, em certa medida, foi além da oralização dos textos escritos, fazendo uso da fala espontânea, apesar de não ter sido toda a equipe.

No entanto, podemos perceber, de acordo com a análise da transcrição acima, que esta equipe ainda precisa desenvolver melhor suas capacidades, pois apenas um dos componentes da equipe conseguiu em certos momentos fazer uso da fala espontânea, olhando para a plateia e gesticulando, enquanto os demais simplesmente leram o conteúdo do slide de costas para o público, sem fazer contato visual com seu interlocutor. Vejamos uma imagem ilustrativa desta exposição:

Figura 15 - Imagem da Produção Inicial (PI) da Equipe 2



Fonte: Arquivo do pesquisador.

Assim, podemos observar que, mesmo com níveis de desenvolvimento diferentes, os alunos desta equipe, assim como os alunos da Equipe 1, necessitam desenvolver uma postura mais condizente com a situação de comunicação a que estejam submetidos. Vejamos no quadro seguinte a nossa análise em relação às capacidades de linguagem:

Quadro 16 - Produção Inicial (PI) da Equipe 2: Capacidade de ação

AÇÃO DE LINGUAGEM		Aluna A	Aluna B	Aluno C
CAPACIDADE DE AÇÃO	1. Assume o papel de expositor-especialista	Em parte	Não	Não
	2. Considera o destinatário	Em parte	Não	Não
	3. Atinge o objetivo	Em Parte	Não	Não
	4. Respeita o tempo determinado	Em parte	Não	Não

Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme a análise feita no quadro acima, no que diz respeito à capacidade de ação, observamos que a Aluna A, ainda que tenha mostrado alguma dificuldade ao tentar mobilizar os indicadores descritos no quadro, visto que utilizou a maior parte do tempo de sua apresentação lendo os slides, em muitos momentos de costas para a plateia, mesmo assim

percebemos que ela já apresenta o desenvolvimento parcial da capacidade de ação, pois utilizou, em parte, o tempo determinado para a apresentação; tentou atingir o objetivo de transmitir um conhecimento ao público, utilizando a fala espontânea em alguns momentos; procurou reconhecer o destinatário, dirigindo-se a ele e, assumiu parcialmente o papel de expositor especialista, na medida em que ensaia expor o conteúdo da apresentação por meio da oralidade, não se restringindo apenas à leitura do texto escrito e posicionando-se em alguns momentos como responsável por repassar um “novo” conhecimento, como exemplificam os recortes a seguir:

Aluna A

hoje **a gente** vai apresentar sobre ((volta-se para o slide)) “O impacto das redes sociais na saúde mental dos jovens”...

Aluna B

eu não vou falar para todo mundo parar de usar o celular... certo? porque isso tá muito presente no nosso dia a dia... e é até bom porque você tem que se distrair... mas como tu:: tudo que a gente tem que fazer exige controle... **então a gente tem que ter controle...**

Em contrapartida, os alunos B e C não desenvolveram os indicadores da capacidade de ação devidamente, considerando que estavam bastante desconfortáveis com a situação de comunicação. Como mostra a transcrição mais acima, esses alunos expuseram seus trabalhos de forma mecânica, apenas com base na leitura dos slides. Além disso, não houve por parte deles a mínima interação com os ouvintes, pois já iniciaram seus turnos de fala lendo os textos, sem ao menos cumprimentarem o público. Dessa forma, suas participações duraram poucos minutos, sendo que dava a impressão de que estavam apressados para que acabasse logo.

Vejamos a seguir como se deu a organização das fases internas do Seminário Escolar da Equipe 2:

Quadro 17 - Produção Inicial (PI) da Equipe 2: Capacidade discursiva

FASES INTERNAS DO S.E		Equipe 2
CAPACIDADE DISCURSIVA	Abertura	Em parte
	Introdução ao tema	Em parte
	Apresentação do plano	Não
	Desenvolvimento	Em parte
	Recapitulação e síntese	Não
	Conclusão	Não
	Encerramento	Não

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em relação à capacidade discursiva, esta equipe, assim como a primeira, não expôs todas as fases da organização interna do Seminário Escolar, pois a fase de apresentação do plano, de recapitulação e síntese, fase de conclusão e de encerramento não foram desenvolvidas, prejudicando a organização e o andamento do Seminário Escolar. Desse modo, presumimos que o objetivo principal de cada aluno se resumiu a ler a sua “parte” quando lhe fosse repassado o turno de fala.

Concernente às fases de abertura e introdução, podemos perceber que ficaram restritas à saudação inicial da aluna A e ao anúncio do tema a ser trabalhado. Vejamos o recorte a seguir:

Aluna A

bom dia gente... ((olhando para a plateia))

Aluna A

hoje a gente vai apresentar sobre ((volta-se para o slide)) “O impacto das redes sociais na saúde mental dos jovens”... alguém passa o slide.

No tocante à fase de desenvolvimento e encadeamento dos diferentes temas, notamos que apenas a aluna A tentou articular o conteúdo de sua responsabilidade, ao fazer uso da fala espontânea, enquanto o encadeamento entre os subtemas ficou por conta do olhar indicativo de quem seria o próximo a apresentar, como indica o trecho a seguir:

Aluna A

ou algo que não esteja relacionado às redes sociais ou celular... se torna cada vez mais difícil ((

se vira e olha para a aluna B, indicando que agora seria sua vez)) ((olha para a colega que está passando o slide)) pode passar.

Em relação à fase de encerramento, identificamos uma tímida indicação com a expressão “é isso gente...” utilizada pela aluna A para avisar que a apresentação havia encerrado, o que ainda não pode ser considerado como apontamento de que esta fase foi cumprida, considerando que no encerramento, como sugere Dolz *et al.* (2004) geralmente os agradecimentos são feitos à plateia, configurando-se um momento de interação.

Concernente à capacidade multissemiótica e aos meios não-linguísticos da comunicação oral, analisamos os seguintes aspectos a partir da apresentação da Equipe 2:

Quadro 18 - Produção Inicial (PI) da Equipe 2: Capacidade multissemiótica

AÇÃO DE LINGUAGEM		Aluno A	Aluno B	Aluno C
CAPACIDADE MULTISSEMIÓTICA	1. Qualidade de voz	Adequada	Não Adequada	Não Adequada
	2. Risos durante a apresentação	Não	Não	Não
	3. Atitudes corporais	Adequada	Não Adequada	Não Adequada
	4. Troca de olhares	Adequada	Não Adequada	Não Adequada
	5. Ocupação dos lugares	Adequada	Não Adequada	Não Adequada

Fonte: Elaborado pelo autor.

Analisamos, com base nas categorias elencadas no quadro acima, que este grupo, apesar de ter demonstrado já mobilizar, mesmo que parcialmente, aspectos da capacidade multissemiótica, ainda precisa desenvolver melhor alguns indicadores. A qualidade da voz dos alunos B e C, por exemplo, não estava adequada, considerando que apenas leram os textos que

estavam no slide em uma tonalidade baixa, dificultando a compreensão dos ouvintes. Em relação às atitudes corporais e à ocupação dos lugares, observamos que a aluna A mobilizou aspectos como gesticulação das mãos ao falar, também se movimentou de forma adequada ao interagir com o público-alvo. No entanto, a aluna B permaneceu durante toda a apresentação com as mãos para trás, inclusive na hora da sua participação, enquanto o aluno C fez toda sua exposição, ora com as mãos na cintura, ora com as mãos para trás. Já no que diz respeito à troca de olhares, apenas a aluna A, nos momentos de fala espontânea, olhou para os ouvintes, demonstrando certa segurança ao falar, por outro lado, os demais não direcionaram o olhar para os interlocutores, antes fizeram suas apresentações direcionados apenas para os slides.

Por fim, é importante lembrar, como afirma Dolz *et al.* (2004, p. 242 e 243), que as produções iniciais de uma sequência didática “devem dar a conhecer as capacidades iniciais ou preexistentes, assim como as representações que os alunos têm do gênero textual, objeto de ensino”. Desse modo, ao analisar as apresentações das referidas equipes, identificamos que alguns alunos já desenvolvem, em níveis pouco mais elevados, algumas capacidades e representações acerca do gênero de texto Seminário Escolar, enquanto outros ainda necessitam que estas habilidades sejam adquiridas. O que nos possibilitou, a partir dessas observações, fazer o planejamento dos módulos que foram aplicados posteriormente.

5.3 Produção Final

A Produção Final (PF) é a fase de conclusão de uma sequência didática. É nesta etapa que docentes e discentes podem observar o que de fato foi assimilado no decorrer de todo o processo da SD, permitindo também uma reflexão acerca das lacunas que ainda precisam ser mitigadas. Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 98) “No momento da *produção final*, o aluno pode pôr em prática os conhecimentos adquiridos e, com o professor, medir os progressos alcançados”. Dessa maneira, conforme os pesquisadores de Genebra, é nesta etapa que os estudantes demonstram as capacidades consolidadas durante as oficinas.

As apresentações das equipes participantes da pesquisa ocorreram no dia 10 de dezembro de 2025, no turno da manhã. Antes de iniciarem, reforçamos para a classe a importância desse momento para todos os presentes. Dessa forma, aproveitamos para conscientizá-los acerca da necessidade de mantermos o silêncio, evitando arrastar cadeiras, levantar-se durante as exposições e derrubar objetos, assim, deveriam prestar a devida atenção e manter o respeito para com os expositores. A seguir, serão feitas as análises das exposições das equipes com base nas categorias de análises elencadas neste trabalho, conforme os quadros

7, 8 e 9 da seção 5.2. Vejamos como se deu a Produção Final (PF) da Equipe 1:

5.3.1 Equipe 1:

Logo após as instruções terem sido repassadas, o grupo posicionou-se na frente da turma para iniciar sua apresentação. A equipe, composta por cinco alunos, escolheu pesquisar e apresentar o Seminário Escolar sobre o tema “futebol”. A duração da apresentação foi de quinze minutos e dez segundos. Vejamos como se deu:

Aluno B⁸

bom dia pessoal...

Auditório

bom dia

Aluno B

hoje eu e meu grupo vamos falar sobre futebol... ((aponta para o slide que está projetado na lousa)) éh:: meu grupo é formado por eu ((direciona-se para os colegas)) HJ GH CF e RT... eu vou falar.. éh:: sobre a história do futebol... ((vira-se para o slide e começa a ler)) ((segue sua apresentação fazendo a leitura dos slides)) ((os demais componentes da equipe sentam-se)) bem gente ((vira-se para a plateia)) agora eu vou passar né... a palavra para o HJ... que vai falar sobre a origem do futebol

Aluno E

((Posiciona-se de frente para turma com as mãos para trás)) bem como o DS falou eu vou falar sobre a origem do futebol... ((Lê o texto que está no slide)) e agora eu vou passar minha fala pro GH que vai falar sobre::... a criação da copa do mundo

Aluno D

bom dia gente ((Posicionado de frente para a turma, olhando rapidamente para a plateia e em seguida olhando para os slides)) eu vou falar sobre a criação da copa do mundo ((inicia a leitura dos slides)) agora eu vou passar para... () e DS que irão falar sobre a seleção brasileira

Auditório

((falas incompreensíveis))

Aluno B

((gesticulando e olhando para o público)) bem como o GH disse aqui né... ((olha para os slides)) a gente vai falar sobre a seleção brasileira ((passa a lê os slides)) agora eu vou passar a palavra

⁸ Como os alunos apresentaram a Produção Final em um ordenamento diferente da primeira produção, decidimos identificá-los de acordo com a PI, para facilitar as nossas análises.

pro... () HJ

Aluno E

((Inicia sua fala lendo os slides)) e aqui a gente vai passar nossa fala para o CF e o RT ((dirige-se aos colegas que irão apresentar))

Aluno A

((com as mãos postas para trás, vira-se para o slide)) nós vamos falar sobre:... racismo e preconceito no futebol... ((passa a lê o texto do slide)) agora eu passo a palavra... para o colega RT ((olhando para o colega))

Aluno C

((com as mãos postas para trás, vira-se para o slide sem cumprimentar a plateia e lê o texto))

Aluno A

((dirige-se ao computador para mudar o slide)) e esse foi o nosso trabalho... obrigado pela atenção ((palmas))

Como sinalizado na transcrição acima, podemos constatar que a Equipe 1 apresentou avanços significativos na aprendizagem e assimilação do gênero de texto Seminário Escolar, bem como no desenvolvimento de suas capacidades de linguagem mobilizadas, ao agirem por meio da ação de linguagem requisitada, muito embora tenham demonstrado que ainda necessitem desenvolver melhor essas capacidades e aprimorar certos aspectos do gênero estudado. É importante relatar que esta equipe trouxe para a Produção Final alguns elementos básicos do Seminário Escolar que não haviam sido desenvolvidos na Produção Inicial, por exemplo, os slides, a questão do cumprimento do tempo estipulado, o desprendimento da tradicional leitura do papel e até mesmo a seriedade que se exige em um gênero público formal, como o SE.

Agora, veremos como se deu o desenvolvimento da capacidade de ação e seus aspectos realizados pelos discentes da Equipe 1.

5.3.1.1 Análise da Capacidade de Ação da Equipe 1

Vejamos o quadro-síntese das análises dessa primeira capacidade:

Quadro 19 - Produção Final (PF) da Equipe 1: Capacidade de ação

AÇÃO DE LINGUAGEM		Aluno A	Aluno B	Aluno C	Aluno D	Aluno E
CAPACIDADE DE AÇÃO	1. Assume o papel de expositor-especialista	Em parte	Sim	Não	Em parte	Em parte
	2. Considera o destinatário	Em parte	Sim	Não	Em parte	Em parte
	3. Atinge o objetivo	Não	Em parte	Não	Em parte	Não
	4. Respeita o tempo determinado	Em parte	Sim	Em parte	Em parte	Em parte

Fonte: Elaborado pelo autor.

Este quadro sintetiza como os alunos da Equipe 1 mobilizaram os elementos da capacidade de ação durante a Produção Final do Seminário Escolar. Em primeiro lugar, é relevante observar que todos os estudantes do grupo 1 se desenvolveram em relação a alguns dos parâmetros do contexto de produção, apresentando avanço da capacidade de ação. Dessa forma, passaremos a analisar se os expositores assumiram o papel de expositor-especialista Dolz *et al.* (2004, p. 2016), se consideraram o destinatário, se atingiram o objetivo da exposição e se respeitaram o tempo determinado. Referente à primeira ação, destacamos o desenvolvimento dos alunos B e D.

Em relação ao aluno B, é importante observar que, nesta apresentação, ele ficou responsável por iniciar a exposição. Observamos, pelas análises dos vídeos, dos áudios e das transcrições das duas produções, um significativo desenvolvimento do estudante. Considerando

que na PI a exposição do discente resumiu-se à leitura do texto que estava em suas mãos, como demonstra a transcrição da PI a seguir:

Aluno B

((com as pernas cruzadas, de cabeça baixa e encostado na lousa, lê o texto que está em sua mão))

Notamos que na PF o aluno-expositor já mobiliza os parâmetros do contexto de produção estabelecidos por Bronckart (2023, p. 79) ao demonstrar reconhecer o seu papel de “expositor-especialista”, responsável por transmitir um objeto de conhecimento a um público específico, como demonstra os seguintes trechos da transcrição da PF:

Aluno B

hoje **eu e meu grupo vamos falar sobre** futebol... ((aponta para o slide que está projetado na lousa)) **éh::** meu grupo é formado por eu ((direciona-se para os colegas)) HJ GH CF e RT... **eu vou falar..** **éh::** sobre a história do futebol...

((gesticulando e olhando para o público)) bem como o GH disse aqui né... ((olha para os slides)) **a gente vai falar sobre a seleção brasileira** ((passa a ler os slides)) agora eu vou passar a palavra pro... () HJ

Percebemos, portanto, pelas marcas linguísticas de personalidade destacadas, que o aluno B se posiciona na situação de comunicação como o responsável pelo conteúdo que será ministrado, ao mesmo tempo em que demarca o assunto de sua “especialidade”.

De forma semelhante, o aluno D demonstrou, em sua apresentação final, ter desenvolvido este e os demais aspectos da capacidade de ação, ao mobilizar os parâmetros do contexto de produção ao qual estava inserido. Em relação a Produção Inicial, o estudante também fez sua exposição limitado à leitura do texto que está no recorte de papel, conforme o trecho a seguir:

Aluno D

((sorridente e de cabeça baixa, ler o texto que está em suas mãos))

Em contrapartida, na Produção Final, notamos que o discente também já desenvolve melhor os elementos da capacidade de ação, pois procura estabelecer seu papel na situação de comunicação vigente, ao demonstrar linguisticamente ser responsável por expor um dado conhecimento, como demonstra a seguinte transcrição da PF:

Aluno D

bom dia gente ((Posicionado de frente para a turma, olhando rapidamente para a plateia e em seguida olhando para os slides)) **eu vou falar sobre a criação da copa do mundo**

Ficou notório, através do cumprimento feito à plateia, que o discente passa a compreender a necessidade de reconhecer o público para o qual irá discursar, mobilizando também a segunda ação do quadro síntese da capacidade de ação, ainda que em parte.

Referente ao terceiro e quarto critério estabelecido na tabela acima, percebemos que o objetivo da exposição, embora tenha havido esforço por parte dos alunos para atingi-lo, ainda precisa ser melhor desenvolvido por este grupo, visto que seus componentes, de modo geral, limitaram sua interação com o público aos cumprimentos iniciais, permanecendo o restante da apresentação transferindo informações através da leitura. Dessa forma, não satisfizeram o que Dolz *et al* (2004) indicaram a esse respeito, ao afirmarem que o expositor “Deve, igualmente, ao longo de sua exposição, avaliar a novidade, a dificuldade daquilo que expõe... na medida do necessário dizer de outra maneira, reformular, definir,”. Outrossim, ao que diz respeito à quarta ação, o tempo estipulado para a apresentação, a Equipe 1 demonstrou significativo desenvolvimento, pois a duração foi de quinze minutos e dez segundos, sendo que a Produção Inicial havia sido estipulada em quatro minutos e trinta e seis segundos.

Vejamos, a seguir, como a Equipe 1 mobilizou a capacidade discursiva na organização das fases internas do Seminário Escolar.

5.3.1.2 Análise da Capacidade Discursiva da Equipe 1

Observemos o quadro-síntese de análise da capacidade discursiva desenvolvida pela Equipe 1 em sua Produção Final:

Quadro 20 - Produção Final (PF) da Equipe 1: Capacidade discursiva

FASES INTERNAS DO S.E		Equipe 2
CAPACIDADE DISCURSIVA	Abertura	Sim
	Introdução ao tema	Em parte
	Apresentação do plano	Em parte
	Desenvolvimento	Em parte
	Recapitulação e síntese	Não
	Conclusão	Não
	Encerramento	Sim

Fonte: Elaborado pelo autor.

Concernente à capacidade discursiva, analisamos como os alunos que compõem a Equipe 1 desenvolveram as fases da exposição oral, teorizadas por Dolz *et al.* (2004), estabelecendo uma comparação com a Produção Inicial. Utilizamos o quadro acima para identificar a realização, a parcial realização ou a não realização destas etapas do Seminário Escolar.

Ao observar a fase de abertura, espera-se, conforme os pesquisadores de Genebra, que os expositores tomem contato com o auditório, cumprimentando-o e definindo-se como um especialista, ao legitimar sua fala. Ainda segundo os autores, esta fase dispõe de pouca atenção, apesar da sua importante função, visto que nela pode-se conceber a “definição da situação, dos papéis e das finalidades da exposição que se seguirá” (p. 221). Dessa forma, observamos que a referida equipe realizou a abertura conforme os critérios estabelecidos nos postulados de Dolz *et al* (2004). De início, tomaram contato com o auditório, saudando-o e legitimando suas falas, ao se apresentarem e estabelecerem as finalidades do seu trabalho, como aponta o recorte a seguir:

Aluno B

bom dia pessoal...

hoje eu e meu grupo vamos falar sobre futebol... ((aponta para o slide que está projetado na lousa)) éh:: meu grupo é formado por eu ((direciona-se para os colegas)) HJ GH CF e RT... eu vou falar.. éh::: sobre a história do futebol...

Ao compararmos com a Produção Inicial, fica evidente que esta equipe teve a preocupação de desenvolver melhor esta fase do Seminário Escolar, utilizando-se também dos meios não-linguísticos, como troca de olhares, posição corporal adequada para o momento e os gestos com as mãos em simetria com a oralidade, tornando, portanto, a situação de comunicação mais formal, como se espera do gênero de texto adotado.

No que diz respeito à segunda fase, denominada como a fase de introdução ao tema, consideramos que esta equipe mobilizou em parte os critérios estabelecidos para sua realização, pois, nesta etapa da apresentação, espera-se que os expositores, além de apresentarem e delimitarem o tema de sua apresentação, mostrem as razões pelas quais o assunto foi escolhido, visando promover a atenção ou a curiosidade do público. De acordo com as nossas considerações, a equipe deu conta do primeiro aspecto, pois apresentou o tema com o qual iria trabalhar: “*vamos falar sobre futebol... eu vou falar.. éh::: sobre a história do futebol*”.

Por outro lado, é preciso observar que a supracitada equipe ainda precisa aprimorar melhor esta fase, considerando que nesta etapa também se espera que haja, por parte dos expositores, uma breve justificativa ou motivação que os levou a explorar a temática,

despertando o interesse dos ouvintes.

Na fase de apresentação do plano da exposição, em que o grupo deveria explicitar o percurso da apresentação, identificamos que a equipe desenvolveu parcialmente esta etapa, levando em consideração que o aluno B introduziu o tema sobre o qual a equipe iria falar, anunciou ainda o subtema que seria explicado por ele e, no final de sua exposição, anunciou quem seria o próximo componente a tomar a palavra e o seu respectivo subtema, como veremos nos seguintes trechos destacados em negrito:

Aluno B

hoje eu e meu grupo vamos falar sobre futebol... ((aponta para o slide que está projetado na lousa)) **éh:: meu grupo é formado por eu** ((direciona-se para os colegas)) **HJ GH CF e RT... eu vou falar.. eh:: sobre a história do futebol...** ((vira-se para o slide e começa a ler)) ((segue sua apresentação fazendo a leitura dos slides)) ((os demais componentes da equipe sentam-se)) **bem gente** ((vira-se para a plateia)) **agora eu vou passar né... a palavra para o HJ... que vai falar sobre a origem do futebol**

No entanto, não foi apresentado o roteiro completo o qual deveria ter sido exposto após a introdução e antes do desenvolvimento, como o esperado neste momento do Seminário Escolar. Os alunos-expositores anunciaram os próximos subtemas no decorrer de toda a exposição, em específico no momento em que iriam passar o turno de fala para o próximo colega, assim como exemplificam os seguintes excertos da transcrição:

Aluno E

((Posiciona-se de frente para turma com as mãos para trás)) **bem como o DS falou eu vou falar sobre a origem do futebol...** ((Lê o texto que está no slide)) **e agora eu vou passar minha fala pro GH que vai falar sobre:... a criação da copa do mundo**

Aluno D

bom dia gente ((Posicionado de frente para a turma, olhando rapidamente para a plateia e em seguida olhando para os slides)) **eu vou falar sobre a criação da copa do mundo** ((inicia a leitura dos slides)) **agora eu vou passar para... () e DS que irão falar sobre a seleção brasileira**

Apesar desta possível incompreensão por parte da Equipe 1, ainda assim consideramos que houve um bom desempenho na aprendizagem desta etapa, se estabelecermos relação com o Seminário da Produção Inicial, pois naquela etapa da sequência didática, não identificamos minimamente um roteiro a ser seguido durante a exposição.

No que se refere à fase do desenvolvimento e do encadeamento dos diferentes temas, podemos identificar que a Equipe 1 obteve avanços significativos, principalmente em relação ao encadeamento entre os diferentes subtemas. Pela análise da apresentação, é possível perceber as conexões que são feitas, principalmente entre as mudanças dos turnos de fala, como pode ser

exemplificado pela transcrição acima. Entretanto, o desenvolvimento do tema e dos subtemas não foi mobilizado satisfatoriamente, porquanto, assim como na produção do primeiro Seminário Escolar, os discentes não conseguiram desvincular-se da oralização do texto escrito no slide, o que nos faz refletir sobre a necessidade de reforçar com os alunos mais atividades que possam ajudá-los neste aspecto.

Em relação à etapa de recapitulação e síntese, cuja finalidade é retomar resumidamente os principais tópicos da apresentação, propiciando também ao público um momento de transição entre o desenvolvimento da exposição e as fases de conclusão e encerramento, não identificamos por parte da equipe em análise a mobilização desse momento. Isto, possivelmente, se deve ao fato de que os estudantes ainda pensam o Seminário como um trabalho do qual devem se “livrar” o mais rápido possível, deixando, assim, de executarem algumas etapas do gênero. Da mesma forma, não identificamos a fase da conclusão a qual, segundo Dolz *et al*, “transmite uma ‘mensagem’ final”, podendo também submeter o auditório a um debate ou a um novo problema.

Por fim, identificamos que o grupo de alunos obteve avanços no que se refere à fase de encerramento, visto que cumpriram os aspectos esperados para este momento, como veremos a seguir no trecho destacado da transcrição:

Aluno A

((dirige-se ao computador para mudar o slide)) **e esse foi o nosso trabalho... obrigado pela atenção ((palmas))**

Como podemos observar, o aluno A finalizou o Seminário Escolar ao indicar que o trabalho havia chegado ao fim e, posteriormente, agradeceu ao público pela atenção.

A seguir, passaremos a tecer a análise a respeito da capacidade multissemiótica.

5.3.1.2 Análise da Capacidade Multissemiótica da Equipe 1

Vejamos o quadro-síntese de análise da capacidade multissemiótica desenvolvida pela Equipe 1 em sua Produção Final:

Quadro 21 - Produção Final (PF) da Equipe 1: Capacidade multissemiótica

AÇÃO DE LINGUAGEM		Aluno A	Aluno B	Aluno C	Aluno D	Aluno E
CAPACIDADE MULTISSEMIÓTICA	1. Qualidade de voz	Em parte Adequada	Adequada	Em parte Adequada	Adequada	Em parte Adequada
	2. Risos durante a apresentação	Não	Não	Não	Não	Em parte
	3. Atitudes corporais	Adequada	Adequada	Adequada	Adequada	Adequada
	4. Troca de olhares	Em parte Adequada	Adequada	Em parte Adequada	Adequada	Em parte Adequada
	5. Ocupação dos lugares	Adequada	Adequada	Em parte Adequada	Adequada	Em parte Adequada

Fonte: Elaborado pelo autor.

No tocante à capacidade multissemiótica, podemos observar um relevante avanço desta equipe em relação aos indicadores categorizados na tabela acima. Em relação à qualidade de voz, identificamos certa conscientização por parte da equipe, tendo em vista que procuraram pôr em prática as orientações dadas durante as oficinas. Assim, apesar do aparente nervosismo de alguns, as falas fluíram de forma mais clara, num ritmo menos acelerado e em uma tonalidade mais audível. Associamos este avanço ao melhoramento do indicador seguinte, os risos durante a apresentação, visto que nesta última etapa da SD não levaram a apresentação “na brincadeira”, como constatado na primeira produção, na qual a maioria dos participantes passou boa parte da exposição rindo entre si. Deste modo, deu para notar que os expositores, desta vez, demonstraram assumir formalmente o papel social de expositores de um Seminário Escolar, como o previsto para esta atividade de linguagem.

Em relação aos três últimos indicadores observados, notamos que a equipe obteve desenvolvimento bem significativo. As atitudes corporais dos discentes estavam mais condizentes com o que a situação de comunicação exigia, uma vez que ficou perceptível que cada aluno procurou conter os movimentos exagerados do corpo e utilizar as mãos como auxílio

para o uso da fala. Vejamos os seguintes trechos da transcrição: *hoje eu e meu grupo vamos falar sobre futebol... ((aponta para o slide que está projetado na lousa)); ((gesticulando e olhando para o público)) bem como o GH disse aqui né.* Esses dois recortes, retirados da fala do aluno B, exemplificam como o discente mobiliza a capacidade multissemiótica em cooperação para produção de sentido. No primeiro trecho, o aluno-orador anuncia o tema sobre o qual sua equipe irá apresentar e, simultaneamente, com as mãos aponta para o slide. Da mesma forma, o segundo excerto mostra que o discente mobilizou outro indicador analisado nesta capacidade de linguagem, ao se esforçar para direcionar o olhar para a plateia, mostrando, portanto, mais segurança e autonomia com o gênero de texto executado.

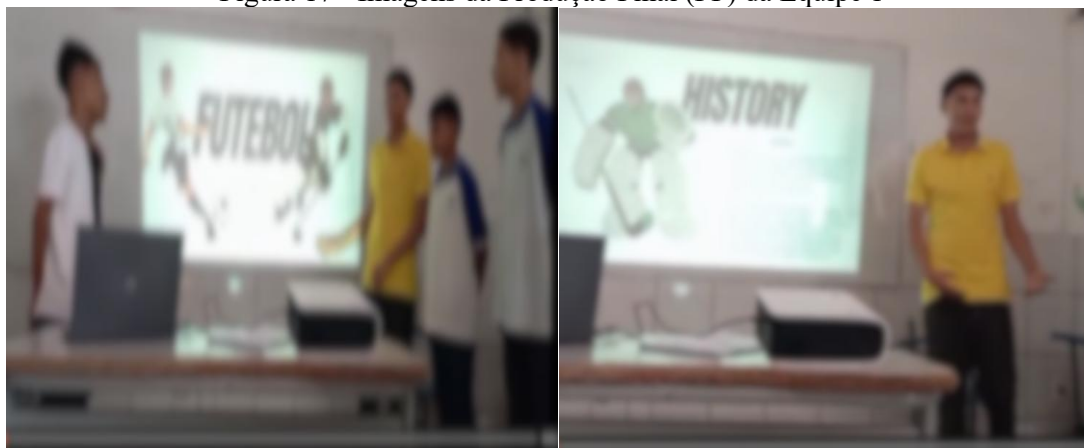
Vejamos, a seguir, algumas imagens que demonstram a diferença do posicionamento da Equipe 1 na primeira e na segunda produção:

Figura 16 - Imagens da Produção Inicial (PI) da Equipe 1



Fonte: Arquivo do pesquisador.

Figura 17 - Imagens da Produção Final (PF) da Equipe 1



Fonte: Arquivo do pesquisador.

Como mostram as imagens acima, os alunos-expositores também avançaram em relação ao aspecto ocupação dos lugares. Enquanto na primeira produção, a maioria dos alunos passaram toda a apresentação encostados na parede, na Produção Final, ocuparam melhor os espaços, ao colocarem-se entre os slides e o público. Nas imagens da direita, destacamos duas imagens ilustrativas das duas apresentações do aluno B que evidenciam o desenvolvimento de sua postura. É possível observar que na PF, o discente posicionou o corpo, olhou para a plateia e fez uso dos movimentos corporais, em específico com as mãos no momento da sua fala, diferentemente da primeira produção na qual o estudante parecia não saber como se posicionar diante da situação comunicativa, haja vista que permaneceu boa parte da exposição com a cabeça baixa, encostado na parede ou ainda fazendo movimentos repetitivos com as mãos e as pernas.

Portanto, ao estabelecermos uma comparação entre a PI e a PF, fica evidente o avanço no desenvolvimento das capacidades de linguagem dos estudantes da equipe 1, mobilizadas para a produção e a exposição do gênero de texto Seminário Escolar. Contudo, ainda reconhecemos algumas lacunas como, por exemplo, a necessidade de ficarem menos dependentes do texto escrito, desenvolvendo melhor a fala espontânea e, assim, demonstrando mais autonomia.

5.3.2 Equipe 2

Após a equipe 1 concluir sua apresentação, a equipe 2, composta desta vez por seis alunos, se posicionou na frente da sala para dar início à exposição do Seminário Escolar. É importante salientar que, conforme os critérios estabelecidos neste trabalho (vide nota de rodapé de número 5), somente os três estudantes que apresentaram a Produção Inicial serão analisados em específico, porém analisaremos a apresentação da equipe como um todo. A equipe escolheu apresentar sobre o tema “Desigualdade social”.

Vejamos como se deu a exposição:

Aluno A

bom dia ((ao lado dos colegas da equipe, gesticulando com as mãos e olhando para a plateia)) hoje a gente vai apresentar o trabalho sobre a desigualdade social ... ((sinaliza para a colega passar o slide)) a gente... eu sou a LX vai ter a LS a MZ AJ LY e o BL ((espera a colega passar o slide)) a LY vai começar com a introdução... em seguida o BL vai falar sobre as causas... logo depois a AJ vai falar sobre as consequências... eu vou falar sobre a desigualdade social no brasil a LS vai falar sobre a desigualdade social no mundo e a MZ vai encerrar com a conclusão ((silêncio))

Aluno B

bom dia ((olhando para o auditório)) meu nome é LY eu vou apresentar pra vocês ((barulho de um objeto caindo no chão)) a introdução do nosso trabalho ((vira-se para o slide e começa a ler)) isso costuma acontecer em várias sociedades como a África e::: principalmente em escolas... ((tira as mãos da cintura e começa a gesticular)) por causa da:::... condições financeiras e muitas das vezes por roupa... éh::: modo de se vestir ou até mesmo de ser...((vira-se para o próximo colega a se apresentar)) agora eu vou passar pro BL ele vai falar sobre as causas

Aluno C

((risos))...((com uma mão na cintura, encaminha-se para os slide e começa a ler)) agora a AJ vai falar sobre as consequências ((sai rapidamente para que o próximo expositor posicione-se))

Aluno D

((Dirige-se até os slides e começa a ler)) como... no texto já está falando.. éh::: as consequências né no caso sobre como... bem dizer... o Brasil () caiu bastante né sobre:: a desigualdade social porque () a desnutrição... a mortalidade infantil isso abaixou muita coisa e () bem dizer todo mundo... bem dizer:: tipo sem nada assim né porque isso influencia em bastante... pega mais nos pobres né assim a desigualdade social então... não é muito fácil pros po... pros pobres hoje em dia ((silêncio)) bom... vou passar a minha fala agora pra LY ela vai falar sobre a desigualdade social no Brasil

Aluno A

bom dia gente... ((olha para a turma)) agora eu vou começar a ler o texto pra vocês ((vira-se para o slide e começa a ler)) bom... gente... o Brasil como foi falado aqui é um dos países mais desiguais do mundo... a gente pode ver isso muito na educação... e:: a gente né:: a gente querendo ou não é classe baixa... e::: todos que estamos aqui temos o ensino público... bom.. ano passado em 2024 vários alunos disseram que alunos de escolas públicas que fizeram o ENEM... reclamaRAM::... teve muitas reclamações de que a prova... eles não conseguiram fazer... éh::: por conta do nível que está mais acima... enquanto algumas escolas particulares conseguiram fazer a prova tranquilamente... graças aos aulões que têm e a disponibilidade de recursos que entregam as escolas particulares... a educação é muito:: é uma... é uma coisa que influencia direto na desigualdade social... no nosso país em:: dois:: mil e vinte:: três se eu não me engano foram registrados nove vírgula oito milhões de pessoas analfabetas no Brasil... isso é um número bastante alto... é cinco vírgula três por cento da população... bom.. isso influencia bastante porque graças ao analfabetismo contém também muito desemprego... enquanto pessoas que trabalham.. éh::: numa escala de seis por um recebe um salário de mil quinhentos e dezoito... pessoas que trabalham numa escala três por quatro... recebem um salário de mais de trinta mil reais... isso é a menor parte da população... enquanto a maiOR parte tem que sustentar uma casa que tem mais de três pessoas com apenas um salário mínimo... éh: pessoas que geralmente têm mais filhos que a classe mais alta... que tem menos filhos se sustentam com::: trinta mil a mais que uma pessoa que tem que trabalhar muito mais horas... alguns- algumas dessas pessoas tem o discurso... alguns dos milionários bilionários têm o discurso de que todos têm um dia de vinte e quatro horas... ISSO é verdade todos temos vinte e quatro horas... mas não utilizamos elas da mesma forma... enquanto pessoas que têm as vinte e quatro horas podem trabalhar três vezes por semana e ter quatro folgas... pessoas que trabalham seis vezes por semana e têm apenas uma... tem outras despesas como cuidar da casa cuidar dos filhos... e etc.. e ainda se preocupar com as demais despesas... no Brasil há muitas pessoas em situação de rua... isso acontece pela falta de emprego e todas as questões sociais... a maior parte da população é assim... enquanto a maior parte da riqueza é concentrada em poucas pessoas... a maior parte da população sofre com essa desigualdade...((silêncio)) agora a LS vai falar sobre a desigualdade social no mundo.

Aluno E

((dirige-se para o slide e inicia a leitura)) bom... essa desigualdade pode aumentar a exclusão...() pronto agora eu vou passar para a MZ que vai fechar com a conclusão

Aluno F

((dirige-se para o slide e inicia a leitura))

Aluno A

pronto... assim encerramos os nossos slides... e queremos abrir o espaço para perguntas ou algumas dúvidas ou até mesmo... éh:: comentários que vocês querem fazer... vocês têm alguma coisa a falar perguntar?

Auditório

éh::... éh::você acha que tem chance das coisas mudarem daqui pra frente sobre isso?

Aluno A

eu acredito... eu acredito que:: éh: que talvez não... a gente vive numa sociedade capitalista.. e:: ou seja.. uh:: o capital é concentrado na mão de poucos... e::... a gente os trabalhadores ficam na base ali... precisa dessa base para sustentar essa pirâmide... então automaticamente é MUito difícil... quase impossível eu diria disso mudar... e é um problema enraizado principalmente no Brasil vem desde a colonização... então:: é uma coisa que é muito-muito-muito difícil... e perdura até hoje tanto que a gente viu que... éh:: esse problema éh:: afeta muito as populações periféricas que são populações negras... éh: populações... pobres né... e populações pardas éh:: afeta muito essa questão de cor... questão de:: afeta muito mais as mulheres também... então é um problema que ele não vai.. ele não é...

Auditório

((falas incompreensíveis))

Aluno A

exatamente...então:: se a gente mudar a sociedade avançar éh:: talvez isso mude um pouco mas não completamente... éh: eles também tendem a não querer que a gente tenha maior acesso à educação... e tem uma frase que é dita assim... éh:: quando se nasce pobre a maior revolta contra o sistema é ser estudioso... justamente por isso porque os estudos eles abrem as portas e abrem os nossos olhos justamente para essas coisas... é isso gente obrigado ((palmas))

A seguir, faremos a análise da capacidade de ação, mobilizada pelos componentes da Equipe 2.

5.3.2.1 Análise da Capacidade de Ação da Equipe 2

Vejamos o quadro-síntese da capacidade de ação da Equipe 2, analisando o desempenho de cada estudante:

Quadro 22 - Produção Final (PF) da Equipe 2: Capacidade de ação

AÇÃO DE LINGUAGEM		Aluna A	Aluna B	Aluno C
CAPACIDADE DE AÇÃO	1. Assume o papel de expositor-especialista	Sim	Sim	Em parte
	2. Considera o destinatário	Sim	Sim	Em parte
	3. Atinge o objetivo	Sim	Em parte	Não
	4. Respeita o tempo determinado	Sim	Sim	Sim

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com base no corpus levantado, sintetizamos no quadro acima como foi o desempenho dos integrantes da Equipe 2 em relação às ações de linguagem ligadas à capacidade de ação como resultado da mobilização dos parâmetros do contexto de produção teorizado por Bronckart (2023, p. 79). No que se refere ao primeiro indicador, percebemos um desenvolvimento significativo na percepção do contexto de produção do gênero de texto Seminário Escolar, pois, como podemos verificar no quadro, a maioria dos discentes conseguiu avançar nesta categoria. Destacamos, por exemplo, a aluna A que demonstrou ter compreendido o seu papel de expositora-especialista, ao se posicionar como responsável por desenvolver um dado conhecimento relacionado à temática escolhida por sua equipe. Isso pode ser verificado em sua apresentação pelo uso recorrente da fala espontânea, o que demonstra mais segurança e domínio do conteúdo. As marcas dêiticas de personalidade também apontam para o papel assumido pela expositora, como fica explícito no seguinte trecho da transcrição da sua fala: “hoje **a gente** vai apresentar o trabalho sobre a desigualdade social” “bom dia gente... ((olha para a turma)) agora **eu vou** começar a ler o texto pra vocês”.

Do mesmo modo, a aluna B demonstrou um melhor desempenho em relação a este aspecto, pois observamos que, além das sinalizações textuais destacadas em sua fala, conseguiu ultrapassar os limites da oralização dos textos escritos, fazendo uso também da fala espontânea para fazer sua apresentação. Com isso, a discente demonstra estar mais consciente e segura da sua função na atividade de linguagem, considerando que na PI toda sua exposição deu-se por meio da leitura dos slides. Já o aluno C, assim como na PI, não conseguiu minimamente identificar-se como o responsável por transmitir um conhecimento novo, haja vista que expôs

boa parte da sua apresentação baseada na leitura dos textos escritos nos slides.

Concernente à ação de considerar o destinatário, percebemos pelos dados levantados nesta pesquisa, um avanço do grupo em relação à internalização deste aspecto do contexto de produção do gênero de texto Seminário Escolar. Este avanço é percebido, em primeiro lugar, pelos cumprimentos que os alunos-expositores fizeram aos ouvintes na abertura de suas falas, como podemos observar nos seguintes trechos das apresentações retirados das falas da Aluna A e da aluna B *“bom dia ((ao lado dos colegas da equipe, gesticulando com as mãos e olhando para a plateia)); “bom dia ((olhando para o auditório)) meu nome é LY eu vou apresentar pra vocês”*. É possível observar, a partir desses trechos da transcrição, que a capacidade multissemiótica também é mobilizada, visto que as discentes direcionaram o olhar para o público ao mesmo tempo em que cumprimentavam a plateia. Dessa forma, assim como é defendido pelos pesquisadores Dolz *et al.*, (2017) as capacidades de linguagem são mobilizadas de forma simultânea numa determinada atividade de linguagem. Em segundo lugar, a consideração dos expositores ao destinatário é evidenciada pela abertura que a equipe dá, através da aluna A, para a plateia interagir com alguma pergunta ou com algum comentário ao final da apresentação, como podemos observar no excerto a seguir:

Aluno A

pronto... assim encerramos os nossos slides... e **queremos abrir o espaço para perguntas** ou algumas dúvidas ou até mesmo... éh::: **comentários que vocês querem fazer... vocês têm alguma coisa a falar perguntar?**

Em relação ao objetivo do Seminário Escolar, observamos que foi alcançado pelo grupo 2, muito embora individualmente não tenha sido completamente atingido por todos os discentes, como no caso da aluna B e do aluno C os quais tiveram suas ações avaliadas, respectivamente, como objetivo parcialmente atingido e não atingido. Por outro lado, considerando que para Dolz *et al* (2004) o expositor tem o papel de transmitir um conteúdo ou de informar, podendo reformular os saberes da plateia, identificamos que a aluna A cumpriu essa finalidade, pois conseguiu fazer com que fossem despertadas curiosidades nos ouvintes acerca do conteúdo exposto. Isto pode ser identificado pela interação da plateia, como mostra o seguinte trecho do SE:

Auditório

éh:::... éh:::você acha que tem chance das coisas mudarem daqui pra frente sobre isso?

Para responder o questionamento do ouvinte, a aluna-expositora buscou trazer

informações novas, que não estavam no seu plano de exposição ou ainda reformular expressões para dizer de outra maneira. Vejamos:

Aluno A

eu acredito... eu acredito que:: éh: que talvez não... a gente vive numa sociedade capitalista.. e:: ou seja.. uh:: o capital é concentrado na mão de poucos... e::... **a gente os trabalhadores ficam na base ali...** precisa dessa base para sustentar essa pirâmide... então automaticamente é MUito difícil... quase impossível eu diria disso mudar... e **é um problema enraizado principalmente no Brasil vem desde a colonização...**

Como explícito na transcrição da fala da estudante, percebemos que ela buscou meios para satisfazer o questionamento da sua ouvinte, mostrando, portanto, considerar o auditório durante sua exposição.

Por fim, analisamos ainda, como categoria associada à capacidade de ação o aspecto do tempo estipulado para a apresentação do Seminário Escolar. Para isso, fizemos a comparação com a Produção Inicial cujo tempo utilizado foi de apenas quatro minutos e cinquenta e dois segundos, enquanto na Produção Final o tempo contabilizado da equipe foi de catorze minutos e vinte e dois segundos. Dessa forma, o grupo demonstrou avançar nesse quesito.

Vejamos a seguir a análise da capacidade discursiva desenvolvida pela equipe 2 em seu segundo Seminário Escolar.

5.3.2.2 Análise da Capacidade Discursiva da Equipe 2

Em relação à capacidade discursiva, observamos o seguinte desempenho na equipe:

Quadro 23 - Produção Final (PF) da Equipe 2: Capacidade discursiva

FASES INTERNAS DO S.E		Equipe 2
CAPACIDADE DISCURSIVA	Abertura	Sim
	Introdução ao tema	Em parte
	Apresentação do plano	Sim
	Desenvolvimento	Sim
	Recapitulação e síntese	Não
	Conclusão	Sim
	Encerramento	Sim

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como podemos ver no quadro acima, na segunda produção, a equipe 2 conseguiu desenvolver uma boa parte das fases do Seminário Escolar propostas por Dolz *et al* (2004), ao mobilizar a capacidade discursiva. A seguir, veremos como se deu o desenvolvimento das três primeiras fases da apresentação. Para isto, observemos o seguinte trecho da transcrição:

Aluno A

bom dia ((ao lado dos colegas da equipe, gesticulando com as mãos e olhando para a plateia)) hoje a gente vai apresentar o trabalho sobre a desigualdade social ... ((sinaliza para a colega passar o slide)) a gente... **eu sou a LX vai ter a LS a MZ AJ LY e o BL** ((espera a colega passar o slide)) **a LY vai começar com a introdução... em seguida o BL vai falar sobre as causas... logo depois a AJ vai falar sobre as consequências... eu vou falar sobre a desigualdade social no brasil a LS vai falar sobre a desigualdade social no mundo e a MZ vai encerrar com a conclusão** ((silêncio))

Como mostra este recorte da apresentação, podemos observar que a Equipe 2 conseguiu desenvolver a fase da abertura de forma significativa, na medida em que os discentes deixaram bem definidos seus papéis de expositores-especialistas, bem como as finalidades de sua apresentação. Para isto, a equipe desempenhou os pré-requisitos que são esperados para esta fase, como cumprimento ao público e apresentação de cada aluno-expositor. Por este mesmo trecho, é possível perceber a fase da introdução e a fase do plano da exposição, as quais encontram-se interligadas.

No que concerne à introdução, ao fazermos uma comparação com a Produção Inicial, notamos que a equipe obteve avanços, pois apresentou e delimitou melhor o tema escolhido para ser apresentado, apesar de não ter mostrado ou justificado a sua relevância, o que impediu o completo desenvolvimento desta fase. Já no que se refere à fase da exposição do plano, fica perceptível, pela transcrição, a intencionalidade da equipe em apresentá-lo, como podemos perceber no excerto a seguir “*a LY vai começar com a introdução... em seguida o BL vai falar sobre as causas... logo depois a AJ vai falar sobre as consequências... eu vou falar sobre a desigualdade social no brasil a LS vai falar sobre a desigualdade social no mundo e a MZ vai encerrar com a conclusão*”. É pertinente observar que a discente fez a relação dos subtópicos que serão expostos aos respectivos expositores responsáveis por eles, o que torna o SE desta segunda produção mais organizado, pois ficou claro para o público como se daria a apresentação.

No que se refere à fase de desenvolvimento e encadeamento dos diferentes temas, identificamos um importante avanço da equipe analisada. Destacamos como um aspecto positivo a ampliação da fala espontânea dos discentes, o que consistiu em uma apresentação

mais fluida dos conteúdos, contribuindo, como Dolz *et al* (2004) afirmam, para a estruturação da exposição. Além desse, outro aspecto mobilizado pelos estudantes nesta apresentação foi o encadeamento entre os subtópicos, principalmente sinalizando as mudanças dos turnos de fala, como mostram os seguintes trechos: *“agora eu vou passar pro BL ele vai falar sobre as causas”*; *“bom... vou passar a minha fala agora pra LY ela vai falar sobre a desigualdade social no Brasil”*

Em relação às três últimas fases analisadas, a equipe 2 apesar de não ter realizado a etapa de recapitulação e síntese, conseguiu realizar com êxito a etapa seguinte, a conclusão, visto que abriu para o auditório a oportunidade de interagir através de perguntas ou por meio de algum comentário, como podemos observar na fala da aluna A:

Aluno A

pronto... assim encerramos os nossos slides... e queremos abrir o espaço para perguntas ou algumas dúvidas ou até mesmo... éh::: comentários que vocês querem fazer... vocês têm alguma coisa a falar perguntar?

Por conseguinte, a plateia manifestou-se com uma pergunta relacionada ao tema apresentado pela equipe, propiciando, assim, um momento de interação bastante pertinente, considerando que na PI não houve este momento de partilha. Após responder ao questionamento da plateia, a equipe fez o encerramento com os devidos agradecimentos, realizando, portanto, a última fase do Seminário Escolar.

A seguir, passaremos a analisar como esta equipe mobilizou a capacidade multissemiótica.

5.3.2.3 *Análise da Capacidade Multissemiótica da Equipe 2*

Vejamos o quadro-síntese desta capacidade:

Quadro 24 - Produção Final (PF) da Equipe 2: Capacidade multissemiótica

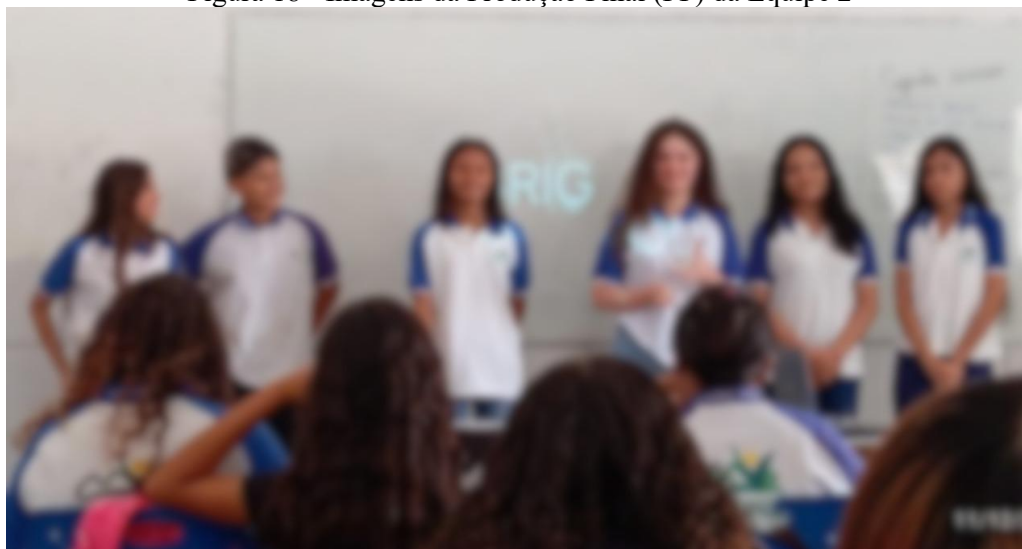
AÇÃO DE LINGUAGEM		Aluna A	Aluna B	Aluno C
CAPACIDADE MULTISSEMIÓTICA	1. Qualidade de voz	Adequada	Em parte Adequada	Em parte Adequada
	2. Risos durante a apresentação	Não	Não	Não
	3. Atitudes corporais	Adequada	Adequada	Em parte Adequada
	4. Troca de olhares	Adequada	Adequada	Não Adequada
	5. Ocupação dos lugares	Adequada	Adequada	Em parte Adequada

Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme o quadro acima, identificamos que houve uma ampliação dos aspectos relacionados à capacidade multissemiótica no decorrer da segunda produção do Seminário Escolar da equipe 2. Isto se deve ao fato dos alunos-expositores se mostrarem mais seguros com a apresentação, haja vista que desta vez tiveram uma preparação didática para este momento. Dessa forma, conseguiram se expressar de forma mais clara, em um ritmo menos acelerado e num tom mais audível, diferentemente do primeiro SE em que os estudantes, em sua maioria, fizeram uso da fala com a voz baixa e em um ritmo mais acelerado.

Do mesmo modo, observamos que os alunos participantes da equipe 2 movimentaram-se de forma condizente com a formalidade esperada pelo contexto de produção, uma vez que utilizaram os movimentos das mãos em simetria com a fala, mantiveram-se a postos e sem agitação quando não estavam com a palavra. Outro aspecto importante desenvolvido pela presente equipe foi o direcionamento do olhar para os ouvintes, considerando que, na Produção Inicial, os estudantes tiveram dificuldade de interagir com a plateia através do olhar. Vejamos, a seguir, uma imagem da presente equipe no momento do Seminário Escolar:

Figura 18 - Imagens da Produção Final (PF) da Equipe 2



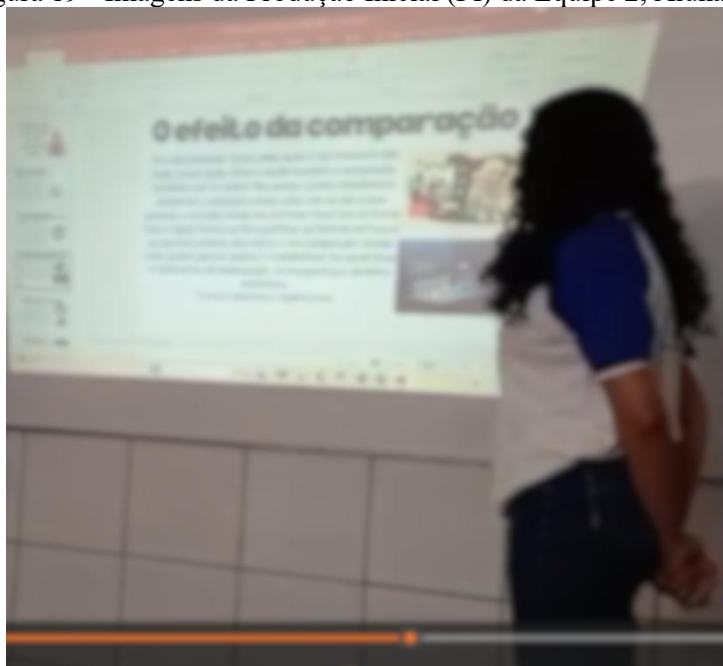
Fonte: Arquivo do pesquisador.

Esta imagem foi registrada no momento da conclusão, em que a equipe estava respondendo ao questionamento feito pela plateia e interagindo com ela. É interessante observar aqui a relação da capacidade multissemiótica com as demais capacidades de linguagem, como a capacidade discursiva, na medida em que podemos perceber os meios cinésicos cooperando com esse momento do Seminário Escolar.

Além da imagem acima, os comentários feitos na transcrição da fala de cada aluno demonstram que os meios não-linguísticos são operacionalizados de modo a contribuir para a construção de sentido, como podemos observar a seguir “*bom dia ((ao lado dos colegas da equipe, gesticulando com as mãos e olhando para a plateia)) hoje a gente vai apresentar o trabalho sobre a desigualdade social ... ((sinaliza para a colega passar o slide))*”; “*isso costuma acontecer em várias sociedades como a África e::: principalmente em escolas... ((tira as mãos da cintura e começa a gesticular)) por causa da:::... condições financeiras*”. Estes trechos recortados das falas das alunas A e B, respectivamente, deixam explícito que estes alunos desenvolveram melhor a utilização dos meios cinésicos, tornando assim suas participações mais autônomas e seguras.

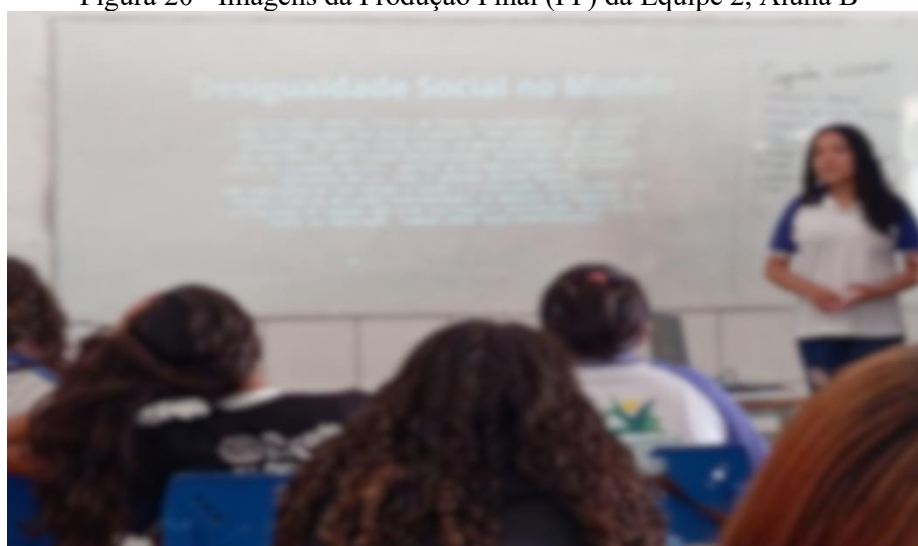
Por fim, é importante destacar individualmente o desenvolvimento da postura de alguns alunos. Vejamos, por exemplo, duas imagens comparativas das apresentações da aluna B:

Figura 19 - Imagens da Produção Inicial (PI) da Equipe 2, Aluna B



Fonte: Arquivo do pesquisador.

Figura 20 - Imagens da Produção Final (PF) da Equipe 2, Aluna B



Fonte: Arquivo do pesquisador.

Nestas imagens, temos a aluna B na realização da Produção Inicial e da Produção Final, respectivamente. Podemos perceber que na PI (primeira imagem), a discente está posicionada de frente para o slide, com as mãos postas para trás e sem estabelecer contato visual com o público, exemplificando como ela permaneceu durante a sua apresentação. Em contrapartida, percebemos que na PF (segunda imagem), ela conseguiu posicionar-se de frente para o auditório, movimentar as mãos e os braços em cooperação com sua fala, ao passo que conseguiu estabelecer mais contato visual com o auditório. Portanto, embora ainda haja desafios referentes a esta capacidade, visto que a falta de domínio do gênero de texto Seminário Escolar evidencia-

se também pelo não desenvolvimento dos meios não linguísticos, ficou evidente a mudança no comportamento dos alunos-expositores diante da situação de comunicação determinada pelo gênero Seminário Escolar.

Com isso, concluímos as análises das produções finais das duas equipes, apresentando os avanços e as lacunas que ainda ficaram ao final do processo desenvolvido por meio da sequência didática adotada. O gênero de texto Seminário Escolar, indubitavelmente, é bastante desafiador, pois como afirma Dolz *et al* (2004, p. 227) “constitui um objeto de ensino substancial e complexo, que solicita um número impressionante de conhecimentos práticos”. Dessa maneira, entendemos que o Seminário Escolar precisa ser trabalhado mais vezes e de forma didática com os alunos nas diferentes etapas escolares, adequando o ensino desse gênero oral de acordo com o nível de aprendizagem de cada série. No presente trabalho, os alunos da turma do 8º ano que participaram da pesquisa, obtiveram um desenvolvimento significativo de suas capacidades de linguagem necessárias à realização do gênero em estudo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa seguiu os procedimentos metodológicos da pesquisa-ação, postulada pelo sociólogo francês Michel Thiollent. Neste tipo de pesquisa, cabe ao pesquisador não apenas observar, mas participar ativamente da realidade estudada, buscando transformá-la juntamente com os participantes. Dessa forma, a pesquisa-ação tem por objetivo unir teoria e prática. Foi isso que procuramos fazer nesta investigação acerca da oralidade por meio da aplicação do gênero Seminário Escolar em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental.

Partindo da hipótese de que boa parte dos alunos apresentam dificuldades em desenvolver adequadamente a oralidade em uma apresentação formal e pública como o Seminário Escolar, decidimos tomar por base os estudos do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 2023), investigando o contexto de produção e as capacidades de linguagem (de ação, discursiva e multissemiótica) e utilizando como dispositivo de ensino a sequência didática (Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004).

Nosso objetivo de desenvolver um trabalho sistemático de ensino e aprendizagem do gênero Seminário Escolar, analisando o desempenho dos alunos na utilização das suas capacidades de linguagem, nos trouxe alguns desafios, porém, como resultado, após a aplicação dos módulos, nos mostrou um aprimoramento dessas capacidades, decorrendo, ao final do processo, em apresentações orais melhor realizadas e mais satisfatórias de acordo com a etapa de ensino na qual os alunos estavam inseridos.

Dentre os desafios encontrados, podemos citar a escassez de recursos tecnológicos na escola onde foi realizada a pesquisa. O fato de a instituição não possuir um laboratório de informática, por exemplo, dificultou o desenvolvimento de algumas etapas do trabalho, como a resposta dos alunos ao formulário on-line “Minhas vivências com o gênero Seminário Escolar”, a realização de pesquisas na internet e a elaboração dos slides durante uma das oficinas.

Outra dificuldade enfrentada foi a pouca adesão dos discentes. O corpus do trabalho inicialmente era formado pelos 30 alunos que compunham a turma do 8º ano B. Contudo, de acordo com os critérios de participação previamente estabelecidos, ao final, somente 8 alunos, divididos em duas equipes, tiveram o desempenho das suas capacidades de linguagem analisadas. O ideal seria que a turma inteira tivesse participado de todo o processo, porém, mesmo tendo lhes apresentado a situação, contextualizado a pesquisa e lhes incentivado a participar, a adesão não foi a esperada. Acreditamos que a maioria dos alunos optou por não participar devido a motivações como a timidez, o hábito recorrente de fazer apenas avaliações

escritas, o desinteresse ou mesmo a insegurança causada pela responsabilidade de apresentar um gênero complexo como o Seminário Escolar.

É importante salientar que toda a turma participou da etapa das oficinas, o que contribuiu para que mesmo os alunos que não estavam tendo suas capacidades de linguagem analisadas pudessem ampliar sua aprendizagem acerca do gênero. Interessante observar que a Produção Final (PF) da Equipe 2 contou com a participação extra de três alunos que não realizaram a Produção Inicial (PI), mas que estavam presentes nas oficinas. Isso nos leva à conclusão de que, provavelmente, depois de terem recebido as devidas orientações, estes alunos se sentiram mais seguros e confiantes para participarem da apresentação juntamente com os colegas.

Isso reforça a relevância deste trabalho e a importância de não desistirmos diante das dificuldades que surgem quando decidimos trabalhar com o Seminário Escolar. Sabemos que é um trabalho que precisa ser desenvolvido a longo prazo, com paciência, no dia a dia da sala de aula. Dessa forma, independentemente da quantidade de adeptos, os alunos irão aos poucos se familiarizando com o gênero e passando a desenvolvê-lo com mais segurança e autonomia.

Por sermos uma sociedade muito pautada pela escrita, a oralidade muitas vezes acaba ficando em segundo plano em nossos currículos escolares. A falta de um trabalho sistemático com a oralidade, principalmente nas turmas do Ensino Fundamental, é bastante desfavorável para a formação integral do aluno, por isso defendemos que a escrita e a oralidade precisam ser trabalhadas de forma igualitária em nossas salas de aula. O trabalho com o gênero oral, por mais desafiador que seja, não pode deixar de ser realizado, pois, quanto mais for ensinado, mais afinidades os alunos irão descobrindo e, conseqüentemente, se sentirão mais aptos para desenvolvê-lo.

Depois do projeto ter sido aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), demos continuidade nos procedimentos da Sequência Didática com a realização da Produção Inicial (PI) das duas equipes. Nesta etapa, procuramos observar quais foram as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos no momento da apresentação de seus Seminários. Dessa forma, avaliamos as exposições com base nas categorias das capacidades de ação, discursiva e multissemiótica e observamos que os alunos precisavam melhorar algumas questões como assumir o papel de expositor-especialista, considerar o destinatário, respeitar o tempo determinado, seguir a organização interna do Seminário Escolar (Abertura, introdução ao tema, apresentação do plano, desenvolvimento etc) e melhorar a utilização dos meios não linguísticos da comunicação oral (qualidade da voz, atitudes corporais, ocupação dos lugares etc).

Na Produção Inicial (PI), as duas equipes demonstraram bastante insegurança, visto que

se prenderam bastante ao que estava escrito no papel ou nos slides. A inadequação dos elementos não-linguísticos de alguns alunos também ficou bastante notória. A partir dessas observações, foi possível iniciar o processo de regulação que se deu por meio da preparação dos módulos para as oficinas, com base, principalmente, nas categorias das capacidades de linguagem que os alunos não desenvolveram bem em sua primeira apresentação. Esta etapa de intervenção e mediação foi aplicada, como informado anteriormente, para toda a turma, visto que se constituiu de seis oficinas que foram realizadas em horários normais de minhas aulas de Língua Portuguesa.

As oficinas tiveram como intuito promover juntamente com a turma, inicialmente, uma análise das suas produções iniciais para, a partir de então, trabalhar o desenvolvimento das capacidades de linguagem que deixaram a desejar. Para isso, foram discutidas as fases internas do Seminário Escolar, foram exibidos vídeos exemplificando como o gênero pode ser desenvolvido e os alunos elaboraram o plano de apresentação, praticaram a produção de slides e ensaiaram para a Produção Final.

Após a aplicação das oficinas, chegamos ao momento da realização da Produção Final das duas equipes. Nesta etapa, os alunos deveriam procurar colocar em prática o que aprenderam nos módulos estudados anteriormente. De fato, por meio da análise comparativa entre as duas produções de cada equipe, foi possível observar que houve um desenvolvimento significativo das capacidades de linguagem dos alunos no momento de suas apresentações. Alguns discentes melhoraram perceptivelmente, por exemplo, na função de se portarem como expositores-especialistas do tema, sem ficarem tão dependentes do papel ou dos slides e passaram a considerar o destinatário.

Outro critério no qual os alunos apresentaram um nítido desenvolvimento foi nos meios não-linguísticos da comunicação oral, pertencentes à capacidade multissemiótica. Enquanto na Produção Inicial, alguns discentes não sabiam como se portar, como ocupar os lugares, como utilizar adequadamente o tom de voz, ficavam gesticulando e rindo ou de cabeça baixa; na Produção Final, depois de terem recebido as orientações referentes a esta capacidade, as equipes já se portaram mais adequadamente em relação a sua postura no momento da apresentação. É importante salientar que a comunicação oral não se dá apenas pelos meios linguísticos, mas os meios não-linguísticos como a gesticulação, a ocupação dos lugares, a troca de olhares com o público e outros também são essenciais para o sucesso da comunicação.

Algo que não podemos deixar de pontuar é que a análise comparativa do desenvolvimento das capacidades de linguagem foi feita observando o avanço individual de cada aluno e não de determinado aluno em relação ao outro. Dessa forma, tivemos alunos que

na Produção Inicial já apresentavam bom desempenho em algumas categorias, com isso precisaram avançar menos do que os alunos que não se saíram tão bem em sua primeira apresentação.

Em síntese, consideramos que a pesquisa contribuiu significativamente para o desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos, visto que na Produção Final foi possível perceber um aprimoramento na realização do Seminário Escolar das duas equipes. Contudo, podemos apontar duas significativas fragilidades do trabalho que podem ser aprimoradas em pesquisas futuras. A primeira delas é o fato de não termos conseguido trabalhar com a capacidade linguística, visto que, devido a sua relevância, demandaria ainda mais tempo para realizarmos um trabalho adequado de avaliação e regulação da mesma. Com isso, selecionamos as capacidades de ação, discursiva e multissemiótica por considerarmos que eram as mais necessárias de serem trabalhadas com aquele público específico.

A segunda fragilidade se encontra no pouco tempo de duração da pesquisa, pois acreditamos que uma sequência didática mais longa e com mais oficinas, bem como a realização de um trabalho sistemático e mais recorrente com o gênero possam dar resultados ainda mais satisfatórios. Faz-se necessário também a realização de um trabalho de conscientização dos alunos acerca da importância da oralidade e do gênero Seminário Escolar para que tenham mais interesse em buscar aprimorá-lo.

Como material complementar, preparamos um caderno pedagógico, contendo as atividades que foram desenvolvidas em nossa Sequência Didática. Dessa forma, outros professores poderão tomar por base essa metodologia, aplicando-a de acordo com seu contexto. Concluimos estas considerações, ratificando a relevância do ensino e aprendizagem do gênero oral formal, visto que prepara os alunos para as práticas discursivas não apenas na escola, mas também nas diversas situações cotidianas que exigem maior formalidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Raquel Longuinho Lopes de. **O seminário na sala de aula: teoria, análise e intervenção**. 2017. 138 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2017.

ANDRADE, Evaldo Ribeiro de. **O gênero seminário como prática de oralidade em sala de aula**. 2018. 134 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2018.

DE OLIVEIRA BARBOSA, Gisele; MAGALHÃES, Tânia Guedes. Formação docente pela experiência: As Capacidades de Linguagem na produção do gênero tutorial em vídeo. **Revista Leia Escola**, Campina Grande, v. 24, n. 3, p. 22-43, 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Secretaria Educação Básica, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10 jun. 2024.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de Linguagem, textos e discursos: por um Interacionismo Sociodiscursivo**. Trad. Anna Raquel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 1999.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. Trad. Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin e Fábio Delano Vidal Carneiro. 2. ed. Fortaleza: Parole et vie, 2023.

BUENO, Luzia; BRAGIATTO, Gabriel Aparecido; OLIVEIRA, Camila Regina. **Os gêneros orais na BNCC e sua progressão nos anos iniciais do ensino fundamental**. DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 202440468793, 2024.

BUENO, Luzia. **Gêneros orais: elementos linguísticos e não-linguísticos**. In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1., 2008, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: USP, 2008. p. 1-5.

BUENO, Luzia; ZANI, Juliana Bacan; JACOB, Ana Elisa. Das apresentações orais (produção e compreensão) na BNCC da Educação Básica às comunicações orais no Ensino Superior: por um diálogo entre os dois níveis de ensino. **Revista da ABRALIN**, Campinas, v. 20, n.3, p. 1500-1524, 2021.

CEREJA, William; VIANNA, Carolina Dias. **Português: linguagens: 8º ano**. 11. ed. São Paulo: Saraiva educação S.A., 2022.

DECHICHA PARAHYBA, Fatiha; CELEDONIO DA SILVA, Meire. A sequência didática: ampliando a reflexão sobre este dispositivo. **Calidoscópio**, São Leopoldo, v. 21, n. 1, 2023.

DOLZ, Joaquim. Os cinco grandes novos desafios para o ensino de Língua Portuguesa. CENPEC (Olimpíadas de Língua Portuguesa). 22 de junho de 2015. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=8_J9l325jr0. Acesso em: 15 nov. 2025.

DOLZ-MESTRE, Joaquim; PASQUIER, Auguste; BRONCKART, Jean-Paul. A Aquisição do discurso: a emergência de uma competência ou aprendizagem de diferentes capacidades de linguagem? **Nonada: Letras em Revista**, Porto Alegre, n. 28, p. 156-173, 2017.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.; HALLER, S. 2004. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. de Roxane Rojo e Glaís Sales. Campinas: Mercado de Letras, p.149-185.

FÉLIX, Regina Lúcia. **O gênero exposição oral**: descrição e análise de sua aplicação no contexto do ensino médio. 2009. 218 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

LUCENA, Luciana Lília Galindo. **Oralidade e ensino**: uma proposta metodológica a partir do gênero exposição oral em seminário. 2020. 157 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

MACHADO, A. R.; BRONCKART, J-P. (Re-)configurações do trabalho do professor construídas nos e pelos textos: a perspectiva metodológica do Grupo ALTER-LAEL. In: MACHADO, A. R. **Linguagem e educação**: o trabalho do professor em uma nova perspectiva. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009. p. 31-78.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

NASCIMENTO, Décio Dantas do. **Seminário escolar na Fundação CASA**: hiperinstrumento multissemiótico para o desenvolvimento da fala pública e do agir cidadão. 2019. 365f. Dissertação (Mestrado em Docência para a Educação Básica) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Bauru, 2019.

PRETI, Dino. **Análise de textos orais**. Projetos Paralelos-NURC/SP (Núcleo USP), 1, São Paulo: Humanitas, 1999.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RODRIGUES, Erik Viana Carlos. **Redimensionamento das abordagens teórico-metodológicas do gênero seminário aplicáveis ao Ensino Fundamental II**. 2016. 142 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2016.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, Cinara de Sousa da. **Conteúdos da oralidade**: uma proposta de intervenção pedagógica com o gênero discursivo seminário escolar. 2019. 152 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

SILVA, Francisco Aparecido de Almeida. **Oralidade e ensino de língua portuguesa: o gênero seminário em sala de aula**. 2018. 133 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

SIQUEIRA, Elciane Rodrigues. **O seminário e a oralidade na educação básica**. 2021. 130 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2021.

SOUZA, Maria Wildeny de. **Gêneros orais nos parâmetros para a educação básica do estado de Pernambuco: uma proposta discursiva de retextualização para o 6º ano do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS) - Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2020.

STORTO, Letícia Jovelina; COSTA-MACIEL, D. A.; MAGALHÃES, Tânia Guedes. Gênero orais da esfera científica na Base Nacional Comum Curricular. **Calidoscópio**, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 197-217, 2023.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

UCHOA, Francisco Geovane Araujo; BRAGA, Maria Dalva Uchoa; DAHER, Gustavo de Lima; SILVA, Renata Alves da; SANTOS, Jucicleide Ferreira dos; ARAUJO, Kelly Adalgisa Moreira. O ensino da oralidade para discentes em instituições de ensino público de Fortaleza/CE. In: GOMES NETA, Josefa; LEITE, Verinha Alderina (org.). **O ensino da oralidade para discentes em instituições de ensino público de Fortaleza/CE**. João Pessoa: Libellus, 2023. v. 3, p. 104-116.

ZANI, Juliana Bacan; BUENO, Luzia; DOLZ, Joaquim. As dimensões ensináveis do gênero textual “a comunicação oral em eventos científicos”. **Revista Letras, v. Especial**, Santa Maria, n. 1, p. 349-368, 2020.

ANEXO A - FORMULÁRIO “MINHAS VIVÊNCIAS COM O SEMINÁRIO ESCOLAR”.



Minhas vivências com o Seminário Escolar

Formulário destinado a investigar acerca da relação dos alunos com o gênero Seminário Escolar.

jarbasmichael@gmail.com [Mudar de conta](#) 

 Não compartilhado

1. O que você acha de falar público?

- ☐ Gosto de falar em público e não tenho vergonha.
- ☐ Gosto de falar em público, mas tenho vergonha.
- ☐ Não gosto de falar em público, mas não tenho vergonha.
- ☐ Não gosto de falar em público, pois tenho vergonha.

2. Você sabe o que é uma apresentação de Seminário?

☐ Sim

☐ Não

3. Você já fez alguma apresentação de Seminário na escola?

☐ Sim

☐ Não

4. Algum professor já lhe deu orientações sobre como deve ser realizado um Seminário?

☐ Sim

☐ Não

5. Gostaria de conhecer melhor como o gênero Seminário pode ser realizado?

☐ Sim

☐ Não

6. Qual tema você gostaria de pesquisar para apresentar em um Seminário Escolar?

Sua resposta

Enviar

Limpar formulário

Nunca envie senhas pelo Google Formulários.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. - [Entre em contato com o proprietário do formulário](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Este formulário parece suspeito? [Denunciar](#)

Google Formulários

Fonte: Elaborado pelo autor.

ANEXO B - TEXTO “AS DORES DO CRESCIMENTO”, DE GIULIA VIDALE E NATÁLIA CUMINALE.

As dores do crescimento

No mundo conectado das redes sociais, os adolescentes nunca estiveram tão sós — é o paradoxo que alimenta o estrondoso aumento dos casos de depressão

GIULIA VIDALE E NATÁLIA CUMINALE

Em seus aforismos, Hipócrates (460 a.C.-370 a.C.) resumiu a melancolia, uma compreensão precoce da depressão, como “um estado de medo e desânimo duradouros”. Era provocada, segundo ele, pelo excesso de bile no organismo — no grego antigo, melancolia significa “bile negra”. Desde então, na longa história da civilização,

busca-se uma definição precisa de uma doença ainda longe de ser inteiramente compreendida. [...] Uma das acepções mais aceitas, pedra inaugural de uma avenida de conhecimento, e certamente uma das mais bonitas, foi apresentada em 1969 pelo psicólogo americano Rollo May em seu livro *Love and Will* (Amor e Vontade): “A depressão é a incapacidade de construir um futuro”.

Uma das fases da vida mais propícias para o aparecimento desse desconforto de não conseguir ver o amanhã com esperança é, justamente, a adolescência. Uma percepção muito comum — de que meninos e meninas andam deprimidos muito mais agora, na era da internet, do que no passado — ganhou recentemente um amparo poderoso.

Uma das instituições mais reputadas do mundo, a Sociedade Americana de Pediatria, divulgou novas recomendações em torno dos distúrbios da mente: os médicos devem considerar e avaliar a possibilidade de depressão em todos — todos! — os pacientes jovens, mesmo naqueles mal saídos da infância, que passam por consultas de rotina. Até então, a indicação era investigar apenas os que apresentassem riscos mais evidentes, que tivessem atravessado traumas ou que possuíssem parentes com episódio severo de depressão.

A prevalência da depressão entre jovens é acachapante. Nos últimos cinco anos, a incidência entre homens e mulheres de 12 a 25 anos teve um salto de quase 40%. Nas outras faixas etárias, o índice caiu [...]. Foi isso que mostrou um estudo realizado com 600 000 pessoas, conduzido pela Universidade Colúmbia, nos Estados Unidos. O resultado é aplicado aos americanos, evidentemente, mas se repete em quase todo o Ocidente. No Brasil, estima-se que 10 milhões de meninas e meninos sejam acometidos por ao menos uma crise de depressão ao longo da juventude. Não se devem interpretar os dados supondo que, do dia para a noite, os casos tenham explodido. Na verdade, sabe-se com certeza que houve um aumento de notificações de casos depressivos, o que deve ser resultado de dois fenômenos simultâneos: o maior cuidado com os jovens e o aumento real da incidência da depressão entre eles.

Mas o que há hoje que não havia antes para arrastar tantos jovens para a tristeza sem fim? É uma resposta difícil, mas a ciência já trabalha com algumas hipóteses. A professora de sociologia Jean Twenge, da Universidade de San Diego, autora de dois pequenos clássicos sobre os efeitos da tecnologia no comportamento da sociedade, *Generation Me* e *iGen*, arrisca uma pergunta provocadora e entrega uma resposta cuidadosa, mas preocupante: “Os smartphones destruíram uma geração?”. A resposta: “Talvez sim”. Soa paradoxal, mas na era das redes sociais, em que tudo é compartilhado o tempo todo, os adolescentes talvez jamais tenham estado tão sós — escondidos atrás dos dois sinaizinhos azuis do WhatsApp.

acachapante: indiscutível, esmagador.

aforismo: frase que, com poucas palavras, resume um princípio moral ou um conhecimento de natureza prática.

bile: substância amarelo-esverdeada que é produzida pelo fígado dos vertebrados e auxilia na absorção de gorduras.

paradoxo: oposição entre dois elementos, de modo que um exclui o outro.

"O mundo está repleto de situações que contribuem para a depressão, em especial para os mais novos", afirma Luciana Sarin, psiquiatra do Programa de Doenças Afetivas da Universidade Federal de São Paulo. "É um movimento novo, que pede atenção." Os adolescentes acordam, dormem, comem, estudam, vão para a festa e ao banheiro, tudo sempre de olho no celular — quando recebem respostas rápidas, está quase tudo bem, o diálogo prossegue acelerado, com *emojicons*, frases picotadas etc. A vida segue sua toada, 100% conectada. O silêncio é a demora, os bastões do WhatsApp apagados, no entanto, são sinônimo de eternidade e ansiedade, muita ansiedade. "O uso abusivo de *smartphones* favorece os sintomas da depressão", diz Pedro Pan, psiquiatra e pesquisador da Universidade Federal de São Paulo.

[...]

Estudos comportamentais e biológicos já esclareceram que a ansiedade serve como alimento para os processos depressivos, a partir da ação do cortisol, hormônio liberado quando há estado de atenção e alerta. O *stress* crônico prejudica as conexões cerebrais, favorecendo a depressão. Um levantamento da Universidade Duke, dos Estados Unidos, apontou a relação direta do uso abusivo das novas tecnologias com a depressão. Os pesquisadores acompanharam, durante um ano e meio, o dia a dia de uma centena de adolescentes com idade entre 11 e 15 anos, diagnosticados como potenciais portadores de transtornos ligados à saúde mental, como a depressão. Os participantes que usavam tecnologias digitais por mais de duas horas e meia por dia tendiam a exacerbar comportamentos associados à depressão. Quando a exposição era menor, o uso dos aparelhos operava no sentido contrário: ajudava a diminuir os sinais de angústia.

As relações sociais intermediadas por aparelhos eletrônicos, quando se abre mão do contato físico e da conversa olhos nos olhos, ajudaram a acelerar outro fenômeno, um pouco mais antigo e muito relevante: o da superproteção dos pais. "Filhos hiperprotegidos podem perder a capacidade de resiliência", diz o psiquiatra Fernando Fernandes, do Programa de Transtornos Afetivos do Instituto de Psiquiatria da USP. [...]

O tratamento para a depressão na adolescência é o mesmo dos adultos: psicoterapia e medicação. A grande diferença na constituição da doença nos jovens está na manifestação de seus sintomas. Os mais velhos tendem a sentir desinteresse, falta de energia, tristeza, prostração. Os jovens portadores do transtorno, pela fase de intensa transformação cerebral, costumam reagir de forma mais ansiosa, com irritação, mas sem perder a energia. O sofrimento é menos visível. Eles se trancam no quarto, manifestam raiva. Irritam-se com pequenos imprevistos — mas vão a festas, de onde só pensarão em ir embora. Jogam *videogame*, mas sem prazer. Alguns continuam indo para a escola, embora as notas tendam a cair. É comum entre os pais chamar a adolescência de "aborrecência", numa alusão ao adolescente que parece viver de cara amarrada, mas talvez esse seja um sintoma depressivo que merece ser relatado ao médico.

[...]

VIDALE, Giulia; CUMINALE, Natalia. *Veja*, São Paulo, 20 abr. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/revista-veja/as-dores-do-crescimento/>. Acesso em: 9 maio 2022.

resiliência: capacidade de se adaptar a mudanças.

ANEXO C - MODELO DE PLANO DE APRESENTAÇÃO.**1. ABERTURA**

Bom dia!

Nossa equipe é formada por: _____, _____,
_____, _____ e _____.

Somos alunos do 8ºano B e iremos dar início ao seminário do componente curricular Língua Portuguesa.

2. INTRODUÇÃO

O tema da nossa apresentação será:

Escolhemos este tema porque (qual a problemática?)

Assim, o objetivo de nossa apresentação é:

Nossa apresentação está baseada no texto:

3. PLANO DA EXPOSIÇÃO

O plano da nossa apresentação está organizado da seguinte forma:

Em primeiro lugar, iremos trazer definições sobre:

Logo em seguida, falaremos sobre:

E para finalizar:

4. DESENVOLVIMENTO

A equipe deve cumprir as etapas que foram anunciadas no plano de exposição, destacando as partes que selecionaram no texto base e relacionando com os seus conhecimentos de vida.

5. RECAPITULAÇÃO E SÍNTESE

Para recapitular, falamos sobre:

6. CONCLUSÃO

Para concluirmos, gostaríamos de perguntar se alguém tem alguma pergunta ou deseja fazer algum comentário:

7. ENCERRAMENTO

Por fim, agradecemos a todos pela atenção. Está encerrada a nossa apresentação!

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE (Pais ou Responsável Legal pelo Menor de 18 Anos)

O menor de 18 anos sob sua responsabilidade está sendo convidado por Jarbas Michael Freitas Damasceno a participar da pesquisa intitulada "GÊNEROS ORAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: O SEMINÁRIO ESCOLAR COMO OBJETO DE ENSINO E APRENDIZAGEM". O estudo será realizado pelo pesquisador Jarbas Michael Freitas Damasceno, professor de Língua Portuguesa da Escola Municipal Dona Conceição, situada no município de Itaitinga - CE. O menor sob sua responsabilidade não deve participar contra a sua vontade e sem o seu consentimento. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

1) Objetivos da pesquisa: a pesquisa, a ser aplicada em sala de aula, da qual o menor sob sua responsabilidade está sendo convidado a participar tem como objetivo: Descrever e analisar as produções do gênero Seminário Escolar, no contexto de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, de estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental da Escola de Ensino Fundamental Dona Conceição, focalizando o desenvolvimento das capacidades de linguagem sob uma perspectiva sociointeracionista da linguagem.

2) Procedimentos da pesquisa: Para este estudo, o(a) estudante participará dos seguinte(s) procedimento(s): i) participará de atividades de ensino e aprendizagem da Língua portuguesa e da produção do gênero de texto Seminário Escolar; ii) será convidado, ao longo da pesquisa, a planejar e apresentar dois Seminários Escolares de acordo com as orientações dadas por mim enquanto professor; iii) após a apresentação do primeiro Seminário Escolar, eu comentarei (individualmente) e depois ele(a) participará das oficinas com atividades de ensino e aprendizagem da produção e apresentação do gênero de texto Seminário Escolar; iv) as apresentações serão gravadas em vídeo para a geração dos dados dessa pesquisa e será realizada a transcrição de alguns trechos das apresentações, atentando para o conteúdo verbal.

3) Participantes da pesquisa: Os participantes dessa pesquisa, assim como o menor sob sua responsabilidade, são estudantes da turma do 8º ano B da Escola de Ensino Fundamental Dona Conceição, pertencente a rede pública de ensino do município de Itaitinga – CE.

4) Envolvimento na pesquisa: Ele(a) participará das aulas e oficinas de produção do gênero de texto Seminário Escolar. A qualquer momento você poderá recusar a permitir o menor sob sua responsabilidade de continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para você. Sempre que você quiser poderá pedir mais informações através do telefone do responsável pela pesquisa.

5) Confidencialidade: É garantido ao participante dessa pesquisa que todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Os seus dados pessoais, por exemplo o nome, serão identificados com um código, a sua imagem também será protegida com uma tarja que cubra o seu rosto ou outras informações que possam identifica-lo(a). Apenas eu enquanto professor e pesquisador terei conhecimento desses dados, garantindo assim a sua privacidade.

6) Riscos e desconforto: garanto a você que os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 466 e a Resolução 510/16 do Ministério da Saúde e do Conselho de Ética da Universidade Federal do Ceará. Entre os riscos e desconfortos, assumo que poderão estar atrelados a exposição dele(a), durante as apresentações dos Seminários Escolares, a uma câmera e também a exposição dos textos orais produzidos, o que pode gerar algum constrangimento. Mas garantimos a você que tudo que será gerado, será utilizado para adequar as aulas e para melhorar a aprendizagem tanto em Língua Portuguesa quanto em produção de textos orais. Essa exposição também será minimizada, considerando que os dados coletados serão utilizados somente para esta pesquisa e que apenas eu, enquanto professor e pesquisador, terei acesso para fins de análise.

7) Benefícios: Os benefícios para os participantes desta pesquisa são: aprender a língua portuguesa em sua modalidade oral que pode ser usada em diversas situações: cotidianas e

Rubrica do Participante da Pesquisa

Rubrica do Pesquisador

principalmente escolar; ser acompanhado pelo professor para a melhoria do gênero de texto produzido; ampliar as Capacidades de Linguagem, ajudando-o a vencerem o desafio de fazer exposições orais como o gênero Seminário Escolar, sentindo-se seguro para isso; considerando que a habilidade de se expressar oralmente é importante em todo o período da vida escolar, acadêmica e social dos educandos, o desenvolvimento dessas habilidades linguísticas o ajudará a exercer seus papéis sociais com protagonismo. No plano mais amplo, os resultados dessa pesquisa poderão fornecer informações importantes que deverão contribuir com o ensino e aprendizagem da língua portuguesa, principalmente na modalidade oral. Além disso, eu, enquanto pesquisador, me comprometo a divulgar os resultados obtidos

8) Pagamento: Não haverá ter nenhum tipo de despesa ao participar desta pesquisa, bem como não haverá nenhum pagamento pela participação.

Reiteramos que, a qualquer momento, o(a) senhor(a) poderá recusar a continuidade da participação do menor de 18 anos sob sua responsabilidade nesta pesquisa, bem como retirar seu consentimento, sem que isso acarrete qualquer tipo de prejuízo. Garantimos, ainda, que todas as informações obtidas por meio da participação do menor de 18 anos serão tratadas com confidencialidade e não permitirão sua identificação, exceto pelos responsáveis diretos pela pesquisa. Garantimos ainda que todas as informações obtidas por meio de sua participação serão tratadas com sigilo/confidencialidade e não permitirão sua identificação. Os resultados da pesquisa poderão ser publicizados sem identificação dos participantes.

Endereço d(os, as) responsável(is) pela pesquisa:

Nome: Jarbas Michael Freitas Damasceno
Instituição: Universidade Federal do Ceará
Endereço: Rua José da Silva Assunção, 13 – Justiniano de Serpa - Aquiraz
Telefones para contato: (85) 99973-9146

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: (85)3366-8344/46. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

Eu, _____, responsável legal pelo(a) menor de 18 anos _____, declaro que autorizo, de forma livre e espontânea, a participação do(a) referido(a) menor na presente pesquisa. Declaro, ainda, que li atentamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que tive a oportunidade de fazer perguntas sobre seu conteúdo e sobre a pesquisa, e que todas as minhas dúvidas foram devidamente esclarecidas. Por fim, declaro que recebi uma via assinada deste termo.

Itaitinga, ____/____/____

Nome do Responsável pelo menor de 18 anos _____
 Data ____/____/____ Assinatura _____
 Nome do participante da pesquisa _____
 Data ____/____/____ Assinatura _____
 Nome do pesquisador _____
 Data ____/____/____ Assinatura _____
 Nome da testemunha (se o participante não souber ler) _____
 Data ____/____/____ Assinatura _____
 Nome do profissional que aplicou o TCLE _____
 Data ____/____/____ Assinatura _____

Rubrica do Participante da Pesquisa

Rubrica do Pesquisador

APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (no caso de participante menor de 18 anos)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: "GÊNEROS ORAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: O SEMINÁRIO ESCOLAR COMO OBJETO DE ENSINO E APRENDIZAGEM" a ser aplicada em sua turma por mim, Jarbas Michael Freitas Damasceno, pesquisador e professor de Língua Portuguesa da Escola Municipal Dona Conceição e da turma selecionada. Nesse estudo pretendemos descrever e analisar as produções do gênero Seminário Escolar, no contexto de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, de estudantes do 8º ano da Escola de Ensino Fundamental Dona Conceição, situada no município de Itaitinga – CE, focalizando o desenvolvimento das capacidades de linguagem sob uma perspectiva sociointeracionista da linguagem. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é que a capacidade de se expressar oralmente em público constitui-se, muitas vezes, como um grande desafio para muitas pessoas. No contexto escolar, isso fica bastante evidente quando se propõe uma apresentação de seminários para os alunos e estes não conseguem realizá-la de maneira satisfatória. Dessa maneira, é comum ouvirmos no ambiente escolar os professores comentarem o baixo desempenho de seus alunos em situação de apresentações orais. Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): i) você participará de atividades de ensino e aprendizagem da Língua portuguesa e da produção do gênero de texto Seminário Escolar; ii) você será convidado, ao longo da pesquisa, a planejar e apresentar dois Seminários Escolares de acordo com as orientações dadas por mim enquanto professor; iii) após a apresentação do primeiro Seminário Escolar, eu comentarei (individualmente) e depois você participará das oficinas com atividades de ensino e aprendizagem da produção e apresentação do gênero de texto Seminário Escolar; iv) as apresentações serão gravadas em vídeo para a geração dos dados dessa pesquisa e será realizada a transcrição de alguns trechos das apresentações, atentando para o conteúdo verbal. Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador. Ao participar das atividades de produção e apresentação do gênero de texto Seminário Escolar, existi o risco, considerado mínimo, que pode estar atrelado a sua exposição durante as apresentações dos textos orais produzidos os quais serão gravadas, podendo gerar algum tipo de desconforto. Mas garantimos a você que a sua identidade será tratada com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Tudo que será gerado, será utilizado para adequar as aulas e para melhorar a aprendizagem tanto em Língua Portuguesa quanto em produção de textos orais. Essa exposição também será minimizada, considerando que os dados coletados serão utilizados somente para esta pesquisa e que apenas eu, enquanto professor e pesquisador, terei acesso para fins de análise. Mesmo assim, caso se sinta constrangido ou prejudicado(a) de alguma forma, você poderá solicitar assistência ao núcleo gestor da escola (coordenadores pedagógicos e diretor(a)). Além disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa. Quando o estudo for finalizado, os resultados estarão disponíveis para você, se desejar vê-los. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos e, após esse tempo, serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar, se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste Termo de Assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Rubrica do Participante da Pesquisa

Rubrica do Pesquisador

Itaitinga, ____ de ____ de ____.

Assinatura do(a) participante menor de 18 anos

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Endereço d(os, as) responsável(is) pela pesquisa:

Nome: Jarbas Michael Freitas Damasceno
Instituição: Universidade Federal do Ceará
Endereço: Rua José da Silva Assunção, 13 – Justiniano de Serpa - Aquiraz
Telefones para contato: (85) 99973-9146

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: (85) 3366-8344/46. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

Rubrica do Participante da Pesquisa

Rubrica do Pesquisador

APÊNDICE C - AUTORIZAÇÃO DA PLATAFORMA BRASIL

1. Projeto de Pesquisa: GÊNEROS ORAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: O SEMINÁRIO ESCOLAR COMO OBJETO DE ENSINO E APRENDIZAGEM			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 30			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 8. Linguística, Letras e Artes			
PESQUISADOR			
5. Nome: JARBAS MICHAEL FREITAS DAMASCENO			
6. CPF: 034.577.913-41		7. Endereço (Rua, n.º): Rua José da Silva Assunção - n°13 Justiniano de Serpa casa AQUIRAZ CEARA 61751000	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO		9. Telefone: 85999739146	10. Outro Telefone:
		11. Email: jarbasmichael@gmail.com	
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.			
Data: 20 / 09 / 2025		 Documento assinado digitalmente JARBAS MICHAEL FREITAS DAMASCENO Data: 20/09/2025 17:43:23-0300 Verifique em https://validar.jf.gov.br	
Assinatura			
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
17. Nome: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ		13. CNPJ:	
14. Unidade/Órgão: Programa de Pós-Graduação em Linguística		15. Telefone: (85) 3366-7627	
		16. Outro Telefone:	
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.			
Responsável: Aurea Suely Zavam De Stefani		CPF: 399.292.727-04	
Cargo/Função: Coordenadora do Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profl etras)			
Data: 22/09/2025		 Documento assinado digitalmente AUREA SUELY ZAVAM DE STEFANI Data: 22/09/2025 11:19:14-0300 Verifique em https://validar.jf.gov.br	
Assinatura			
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

APÊNDICE D - AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA




PROGRAMA PROTEÇÃO
AMBIENTE DA CRIANÇA



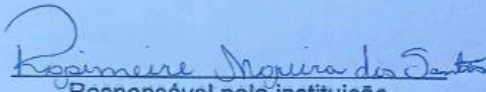
**PREFEITURA MUNICIPAL DE
ITAITINGA**

**ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL
DONA CONCEIÇÃO**

AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL À REALIZAÇÃO DE PROJETO DE PESQUISA

Declaro, para fins de comprovação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará-CEP/UFC/PROPEQ, que a Escola de Ensino Fundamental Dona Conceição contém toda infraestrutura necessária em suas instalações para realização da pesquisa intitulada “**Gêneros orais na educação básica: o Seminário Escolar como objeto de ensino de aprendizagem**” a ser realizada pelo pesquisador Jarbas Michael Freitas Damasceno

Itaitinga, 04 de setembro de 2025.



Responsável pela instituição

ROSIMEIRE MOREIRA DOS SANTOS
DIRETORA - Reg. 11/36

Rua Dr. Manoel Sátiro, 132-Parque Genezaré - CEP: 61.881-383

(85) 3513-2052



dcescola@gmail.com



educacao@itaitinga.ce.gov.br

APÊNDICE E - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO
WALTER CANTÍDIO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CEARÁ - HUWC/UFC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: GÊNEROS ORAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: O SEMINÁRIO ESCOLAR COMO OBJETO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Pesquisador: JARBAS MICHAEL FREITAS DAMASCENO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 92449025.7.0000.5045

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Linguística

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.918.894

Apresentação do Projeto:

Contexto da Pesquisa:

A presente pesquisa está inserida no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) e situada nos estudos de linguística aplicada, tendo como principal aporte teórica o Interacionismo Socio discursivo (ISD) (Bronckart, 2023), além de abordar a Sequência Didática.

Esta pesquisa tomará por base os procedimentos da pesquisa-ação, segundo Michel Thiollent (1986). A pesquisa será realizada na Escola de Ensino Fundamental Dona Conceição, situada na cidade de Itaitinga - CE. O público alvo desta pesquisa será a turma do 8º ano B, da qual sou professor efetivo de Língua Portuguesa do tempo regular. A turma tem 30 alunos matriculados, sendo 15 do gênero masculino e 15 do gênero feminino. Dois alunos possuem laudo de TEA (Transtorno do Espectro Autista). A faixa etária dos discentes é de 13 a 14 anos de idade. Inicialmente, será aplicado um questionário on-line, gerado no google forms, contendo cinco perguntas objetivas acerca das vivências ou não dos alunos com o gênero Seminário Escolar, visando antever como se dá a relação dos educandos com a questão da exposição oral. Como procedimento de intervenção será utilizada a sequência didática, composta pelas seguintes etapas: Apresentação da Situação, Produção Inicial, Oficinas Didáticas e Produção Final. Os dados serão gerados por meio de gravações em áudio e vídeo das apresentações dos

Endereço: Rua Coronel Nunes de Melo, 1142

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-270

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8589

Fax: (85)99267-4630

E-mail: cephuwc@huwc.ufc.br

Situação do Parecer:
Aprovado

Endereço: Rua Coronel Nunes de Melo, 1142
Bairro: Rodolfo Teófilo **CEP:** 60.430-270
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3366-8589 **Fax:** (85)99267-4630 **E-mail:** cephuwc@huwc.ufc.br

Página 05 de 06

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO
WALTER CANTÍDIO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CEARÁ - HUWC/UFC



Continuação do Parecer: 7.918.894

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

FORTALEZA, 21 de Outubro de 2025

Assinado por:
Maria Helane Costa Gurgel
(Coordenador(a))

APÊNDICE F – CADERNO PEDAGÓGICO



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

**Caderno Pedagógico**

GÊNEROS ORAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: O SEMINÁRIO ESCOLAR COMO OBJETO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Autor: Jarbas Michael Freitas
Damasceno.

Orientadora: Profa. Dra. Meire
Celedonio da Silva.



APRESENTAÇÃO

Olá, querido(a) professor(a)!

Este caderno pedagógico é parte integrante de minha dissertação de mestrado, intitulada “Gêneros orais na Educação Básica: O Seminário Escolar como objeto de ensino e aprendizagem”, vinculada ao Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC) e desenvolvida sob a orientação da Prof^a Dr^a Meire Celedonio da Silva.

Nosso intuito com esse instrumento educacional é compartilhar com os docentes (principalmente os que lecionam no Ensino Fundamental II), uma sequência didática voltada para o ensino e aprendizagem do gênero Seminário Escolar, com base no aprimoramento das capacidades de linguagem dos estudantes e levando em conta o contexto de produção em que estão inseridos.

Visto que muitos alunos sentem dificuldades no desenvolvimento de seus seminários escolares, esse material didático visa contribuir como um suporte para que os docentes ajudem os educandos a trabalharem melhor com o gênero, compreendendo, por exemplo, as fases da organização interna da exposição oral e colocando-as em prática sem ficarem tão inseguros.

A pesquisa está inserida no vasto campo da Linguística Aplicada (LA), que busca investigar problemas relacionados à linguagem, refletindo teoricamente acerca de seu uso nos diferentes contextos sociais. A perspectiva teórica que norteia este estudo é o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), que tem como principal teórico Jean-Paul-Bronckart. Seguindo o mesmo viés de Bronckart, trabalhos de Dolz, Noverraz, Schneuwly, Bueno, Zani, Jacob, entre outros, contribuíram como referenciais teóricos significativos para a investigação.

Dessa forma, por meio deste caderno pedagógico, compartilho com os caros colegas o modelo didático que utilizei para trabalhar o ensino e aprendizagem do gênero Seminário Escolar, com o intuito de ajudá-los a ampliar seus conhecimentos acerca dos procedimentos didáticos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) e, assim, incentivá-los a também se utilizarem dessas estratégias ou criarem as suas próprias para trabalharem com o gênero.

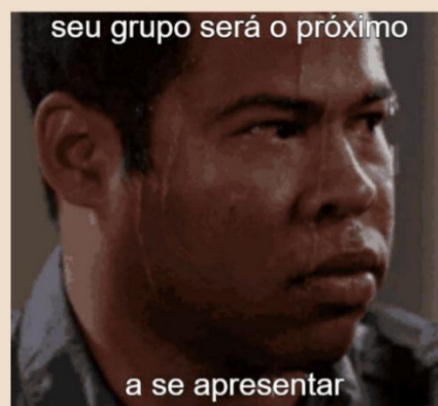
Espero que este material possa contribuir com a sua prática em sala de aula, de modo que o Seminário Escolar passe a ser um gênero mais leve e menos temido pelos alunos.

Prof. Jarbas Michael Freitas Damasceno.

SUMÁRIO

01	Memes sobre Seminário Escolar	4
02	Seminário Escolar: Breve histórico	5
03	Modelo didático do gênero Seminário Escolar	6
04	Formulário “Minhas vivências com o gênero”	14
05	Sequência Didática	16
06	Produção Inicial (PI)	17
07	Oficinas (De 1 a 6).....	20
08	Produção Final (PF)	33
09	Considerações finais	34
10	Referências	35

MEMES SOBRE O SEMINÁRIO ESCOLAR



SEMINÁRIO ESCOLAR: BREVE HISTÓRICO

Caro(a) colega professor(a),

Os memes compartilhados anteriormente, embora apresentem um caráter humorístico, servem como um alerta para que tenhamos mais atenção com a maneira como trabalhamos o gênero Seminário Escolar com os nossos alunos, de modo que não venham a ficar tão apreensivos, visto que podem aprender a melhorar a forma de desenvolvê-lo quando forem solicitados. Dito isso, consideramos que seria interessante, antes de apresentarmos nosso modelo de trabalho, refletirmos um pouco acerca da origem histórica do gênero em estudo.

A palavra Seminário deriva do Latim *seminarium* e significa “semente”, “viveiro de plantas”, conforme o *Dicio - Dicionário Online de Português*. Embora sua etimologia esteja relacionada primeiramente aos estudos da botânica, como um local de cultivo e florescimento de plantas, relaciona-se, metaforicamente, ao Seminário como objeto de estudo da linguagem, se considerarmos como um meio de propagação e multiplicação de saberes e ideias por parte dos seres humanos.

Historicamente, na Idade Média o termo Seminário é utilizado inicialmente no âmbito religioso, como um local de preparação para formar sacerdotes católicos ou protestantes. Conforme os pesquisadores Balcells e Martin (1985, p.82-84), foi, contudo, na Alemanha, por volta do século XVII que o Seminário passou a fazer parte dos ambientes universitários, cuja finalidade era, a princípio, a formação de mestres. Destarte, somente no século XIX é consolidado como um importante instrumento de formação universitária. Segundo os autores, metodologicamente, o Seminário consistia em “uma reunião de estudantes em volta de uma mesa, coordenada pelo professor. Onde realizavam a leitura e os comentários sobre os textos escolhidos e, durante a reunião, surgiam divergências de interpretação dos textos, bem como opiniões e réplicas” (Balcells; Martin, 1985, p. 84).

SEMINÁRIO ESCOLAR: BREVE HISTÓRICO

No contexto brasileiro, Nascimento (2019) esclarece que o Seminário passa a fazer parte do contexto universitário como técnica de ensino na década de 1950, com o surgimento das concepções pedagógicas da Escola Nova. Este modelo educacional, em oposição à pedagogia tradicional a qual vigorou nas décadas anteriores, passa a ver a figura do professor como mediador e não como o único detentor do conhecimento e o aluno como sujeito ativo da construção do saber, e não mais como sujeito passivo. Segundo o pesquisador, é “Nesse contexto da educação brasileira que emergem as práticas de seminário: primeiro, no Ensino Superior e, posteriormente, na Educação Básica” (Nascimento, 2019, p. 82).

No entanto, com os estudos dos gêneros textuais, diversos pesquisadores passam a considerar o Seminário como gênero textual/discursivo. Segundo Bezerra (apud LUCENA, 2020, p. 66):

“

o seminário é mais um gênero discursivo, pois sua composição (discussão oral, apoiada em textos escritos, estruturada em apresentação do tema, discussão e avaliação final, ou seja, envolvendo sequências textuais expositivas, descritivas, argumentativas e/ou narrativas) estrutura-se de acordo com necessidades comunicativas dos membros de um grupo social (no caso, alunos e professores), usando estruturas linguísticas semiformais, com o objetivo de estudar e refletir sobre certo tema.

Dessa forma, como evidencia a autora, o gênero Seminário atinge determinados objetivos sociais, principalmente no contexto escolar por meio de sua composição temática e estrutural, ampliando, assim, a concepção tecnicista de ensino. Portanto, como afirma Lucena (2020):

“

Nessa teorização, o seminário vai se configurar como um gênero pertencente à esfera escolar/acadêmica, apresentando conteúdo temático relacionado com os conteúdos referenciais desenvolvidos na escola, realizado pela fala e de concepção escrita, e, portanto, um gênero secundário, ligado às instâncias públicas de uso da língua.

Em síntese, o Seminário foi ganhando novas conotações no decorrer da história, tendo iniciado como um gênero de viés religioso até chegar ao caráter educacional que tem hoje. Indubitavelmente, se tornou um dos instrumentos pedagógicos mais eficientes para se trabalhar com a oralidade, com as capacidades de linguagem e com a criticidade dos estudantes.

MODELO DIDÁTICO DO GÊNERO SEMINÁRIO ESCOLAR

Caro(a) professor(a),

Compartilhamos aqui o modelo didático do gênero Seminário Escolar que utilizamos em nossa pesquisa, baseado nos estudos do Interacionismo Sóciodiscursivo (ISD), principalmente em Joaquim Dolz e Bernard Schneuwly (2004).

O modelo didático do gênero é o levantamento de suas características, a fim de chegar às suas dimensões ensináveis. (Bueno, 2008, p. 4).

Segundo os estudos de Dolz e Schneuwly, pode-se considerar como dimensões ensináveis do gênero: a situação de comunicação, a organização interna da exposição, as características linguísticas e os meios não-linguísticos.

MODELO DIDÁTICO DO GÊNERO SEMINÁRIO ESCOLAR

Quanto à situação de comunicação, é importante salientar que os alunos expositores precisam se portar como especialistas do tema que ficaram incumbidos de apresentar para que o público (demais alunos e professor) possam compreender bem o que está sendo repassado.

No nível da organização interna da exposição, os autores a subdividem em sete fases: abertura, introdução ao tema, apresentação do plano do seminário e dos integrantes, desenvolvimento e encadeamento dos diferentes subtemas, recapitulação e síntese, conclusão e/ou abertura para questões e encerramento do seminário.

Quanto ao terceiro nível, referente às características linguísticas, Dolz e Schneuwly (2004, p. 222) afirmam que “O trabalho didático sobre o gênero exposição deve fornecer ao aluno um repertório de formas que permitam (e necessitem) construir operações linguísticas (mais ou menos) específicas a esse gênero de texto.”

MODELO DIDÁTICO DO GÊNERO SEMINÁRIO ESCOLAR

Embora reconheçamos a importância do terceiro nível, não o abordamos como mecanismo de ensino ou critério avaliativo em nosso trabalho. Mas optamos por considerar os meios não-linguísticos da comunicação oral como categoria de análise. Quanto a estes, é interessante observar a seguinte tabela elaborada por Dolz, Schneuwly e Haller (2004, p. 160):

MEIOS NÃO-LINGÜÍSTICOS DA COMUNICAÇÃO ORAL				
MEIOS PARA-LINGÜÍSTICOS	MEIOS CINÉSICOS	POSIÇÃO DOS LOCUTORES	ASPECTO EXTERIOR	DISPOSIÇÃO DOS LUGARES
qualidade da voz	atitudes corporais	ocupação de lugares	roupas	lugares
melodia	movimentos	espaço pessoal	disfarces	disposição
elocução e pausas	gestos	distâncias	penteado	iluminação
respiração	troca de olhares	contato físico	óculos	disposição das cadeiras
risos	mímicas faciais		limpeza	ordem
suspiros				ventilação
				decoração

Fonte: Dolz, Schneuwly e Haller (2004, p. 160).

Destes, os meios paralinguísticos (qualidade da voz e risos), meios cinésicos (atitudes corporais e troca de olhares) e posição dos locutores (ocupação dos lugares) foram inseridos como objeto de ensino do gênero Seminário Escolar e entraram no rol das categorias a serem analisadas em nosso trabalho. Contudo, caro (a) colega, a depender de seus critérios e do contexto de sua sala de aula, fique à vontade para selecionar estes e/ou outros meios não-linguísticos para trabalhar com seus alunos.

A seguir, apresentamos os conceitos do quadro teórico-metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD): Contexto de Produção e Capacidades de Linguagem, que nortearam nosso estudo.

MODELO DIDÁTICO DO GÊNERO SEMINÁRIO ESCOLAR

Contexto de Produção (Mundo físico)	
O lugar de produção	Sala de aula.
O momento de produção (Tempo de duração)	10 a 15 minutos.
O emissor	Aluno.
O receptor	Alunos e professor.

Contexto de Produção (Mundo sociossubjetivo)	
O lugar social	Escola.
A posição social do emissor	Comunicador especialista no tema.
A posição social do receptor	Auditório.
O objetivo da interação	Transmissão de diferentes saberes de acordo com o tema.

MODELO DIDÁTICO DO GÊNERO SEMINÁRIO ESCOLAR

A seguir, as capacidades de linguagem que utilizamos como categorias de análise em nossa pesquisa:

<i>Capacidade de linguagem</i>	<i>CRITÉRIO</i>	<i>INDICADORES</i>
<i>Capacidade de ação</i>	Contexto de produção	1. Assume o papel de expositor-especialista 2. Considera o destinatário 3. Atinge o objetivo 4. Respeita o tempo determinado

Fonte: Zani (2018, p. 295) adaptado pelo autor.

MODELO DIDÁTICO DO GÊNERO SEMINÁRIO ESCOLAR

Capacidade de linguagem	CRITÉRIO	INDICADORES
Capacidade discursiva	Planificação/ organização interna	1. Abertura 2. Introdução ao tema 3. Apresentação do plano 4. Desenvolvimento 5. Recapitulação e síntese 6. Conclusão 7. Encerramento

Fonte: Zani (2018, p. 295) adaptado pelo autor.

MODELO DIDÁTICO DO GÊNERO SEMINÁRIO ESCOLAR

Capacidade de linguagem	CRITÉRIO	INDICADORES
Capacidade multissemiótica	Meios não-linguísticos da comunicação oral	- Meios paralinguísticos: qualidade da voz e risos; - Meios cinésicos: atitudes corporais e troca de olhares; - Posição dos locutores: ocupação dos lugares.

Fonte: Zani (2018, p. 295) adaptado pelo autor.

FORMULÁRIO “MINHAS VIVÊNCIAS COM O GÊNERO”

Caro (a) colega,

É interessante fazer uma sondagem com seus alunos acerca dos conhecimentos prévios que eles têm referentes ao gênero Seminário Escolar. Se sua turma está nos anos finais do Ensino Fundamental, como a nossa que foi uma turma de 8º Ano, é provável que já tenham passado por alguma experiência com o gênero. Por isso, é importante saber o que acharam e como se sentem em relação ao gênero. Dessa forma, sugerimos que apliquem um formulário de sondagem com seus alunos, pode ser impresso, copiado no quadro, ou mesmo on-line, como este que fizemos pelo Google Formulários:



Minhas vivências com o Seminário Escolar

Formulário destinado a investigar acerca da relação dos alunos com o gênero Seminário Escolar.

jarbasmichael@gmail.com [Mudar de conta](#)

🔒 Não compartilhado

1. O que você acha de falar público?

- ☐ Gosto de falar em público e não tenho vergonha.
- ☐ Gosto de falar em público, mas tenho vergonha.
- ☐ Não gosto de falar em público, mas não tenho vergonha.
- ☐ Não gosto de falar em público, pois tenho vergonha.

Optamos por fazer perguntas mais simples, como esta primeira que investiga como os alunos se sentem ao falar em público.

Porém, querido(a) professor(a), fique à vontade para elaborar suas próprias perguntas de sondagem!

FORMULÁRIO “MINHAS VIVÊNCIAS COM O GÊNERO”

2. Você sabe o que é uma apresentação de Seminário?

- ☐ Sim
☐ Não

3. Você já fez alguma apresentação de Seminário na escola?

- ☐ Sim
☐ Não

4. Algum professor já lhe deu orientações sobre como deve ser realizado um Seminário?

- ☐ Sim
☐ Não

5. Gostaria de conhecer melhor como o gênero Seminário pode ser realizado?

- ☐ Sim
☐ Não

6. Qual tema você gostaria de pesquisar para apresentar em um Seminário Escolar?

Sua resposta _____

Enviar

[Limpar formulário](#)

Nunca envie senhas pelo Google Formulários.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. - [Entre em contato com o proprietário do formulário](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Este formulário parece suspeito? [Denunciar](#)

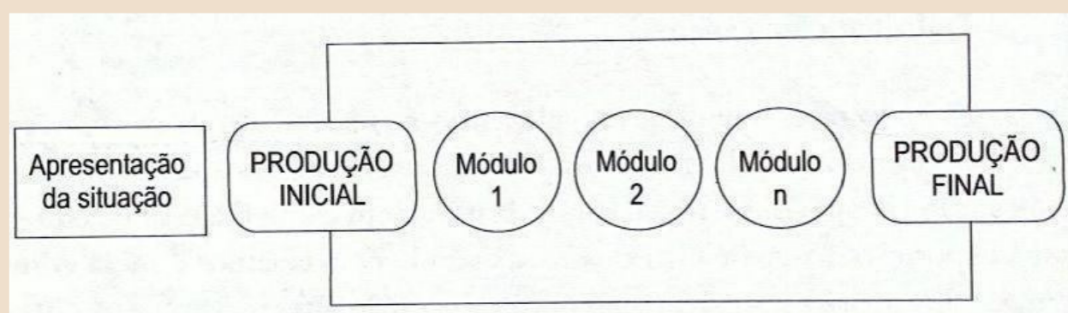
Google Formulários

De fato, as perguntas que fizemos foram simples, porém basilares e importantes para iniciarmos o trabalho com o gênero.

A última pergunta foi destinada a investigar quais temas os alunos gostariam de pesquisar para apresentar em um seminário.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Após a aplicação do questionário, utilizamos como procedimento de intervenção a sequência didática que pode ser representada pelo seguinte esquema:



Fonte: Dolz; Noverraz e Schneuwly (2004, p. 98).

Seguindo este esquema da sequência didática, postulado por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 98), é necessário que o professor tenha uma conversa com os alunos para cumprir esta primeira etapa, que é a “Apresentação da situação”, a qual, segundo os autores, tem por finalidade “expor aos alunos um projeto de comunicação que será realizado ‘verdadeiramente’ na produção final” (Dolz; Noverraz e Schneuwly, 2004, p. 99). Dessa forma, é importante explicar aos discentes que eles estão fazendo parte de um planejamento didático, cujo objetivo é o aprimoramento da produção do gênero de texto Seminário Escolar.

Antes de passar para a Produção Inicial (PI), o professor deve dividir seus alunos em equipes (pode ser por sorteio, mas consideramos mais adequado por afinidades) e decidir, juntamente com eles, qual o tema que deverá ser pesquisado por cada equipe para fazerem suas primeiras apresentações.

A seguir, apresentaremos como podem ser utilizadas as categorias de análise durante as avaliações da Produção Inicial (PI).

PRODUÇÃO INICIAL (PI)

A Produção Inicial é uma etapa muito importante, pois será neste momento em que você, professor(a), poderá verificar quais são os pontos nos quais seus alunos precisam melhorar para desenvolverem melhor o gênero Seminário Escolar. Com isso, sugerimos que, durante as apresentações, faça uma avaliação das capacidades de linguagem desenvolvidas por eles, a fim de identificar quais suas principais deficiências e assim poder elaborar os módulos para as oficinas. Como um instrumental de análise e avaliação, sugerimos a utilização das seguintes tabelas:

CAPACIDADE DE AÇÃO	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4
1. Assume o papel de expositor-especialista				
2. Considera o destinatário				
3. Atinge o objetivo				
4. Respeita o tempo determinado				

Fonte: elaborado pelo autor.

Os critérios que você pode estar registrando na tabela de análise são: SIM, NÃO e EM PARTE.

PRODUÇÃO INICIAL (PI)

FASES INTERNAS DO SEMINÁRIO ESCOLAR		Equipe 01
CAPACIDADE DISCURSIVA	Abertura	
	Introdução ao tema	
	Apresentação do plano	
	Desenvolvimento	
	Recapitulação e síntese	
	Conclusão	
	Encerramento	

Fonte: elaborado pelo autor.

Em relação à capacidade discursiva, o docente deverá observar como a equipe desenvolve as fases internas do Seminário Escolar, utilizando os mesmos critérios para registrar na tabela, de acordo com o desempenho do grupo: SIM, NÃO e EM PARTE.

PRODUÇÃO INICIAL (PI)

CAPACIDADE MULTISSEMIÓTICA	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4
1. Qualidade de voz				
2. Risos durante a apresentação				
3. Atitudes corporais				
4. Troca de olhares				
5. Ocupação dos lugares				

Fonte: elaborado pelo autor.

Da capacidade multissemiótica, foram estes os cinco elementos não-linguísticos que escolhemos, porém o professor pode selecionar estes e/ou outros, de acordo com as necessidades de sua turma. Os critérios que você pode estar registrando nesta tabela de análise são: SIM e NÃO para o questionamento do tópico 2 e ADEQUADA e NÃO ADEQUADA para os demais questionamentos.

OFICINA 01

Após a realização da Produção Inicial (PI), momento no qual o professor precisa observar quais são as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos durante a apresentação de seu Seminário Escolar, chega a etapa da realização das oficinas (ou dos módulos, de acordo com a sequência didática) que têm por objetivo trabalhar as dificuldades identificadas, de modo que os discentes melhorem sua prática e suas capacidades de linguagem.

Compartilhamos, a seguir, uma síntese das seis oficinas que realizamos com a turma do 8º Ano B, da Escola de Ensino Fundamental Dona Conceição, situada na cidade de Itaitinga – CE.

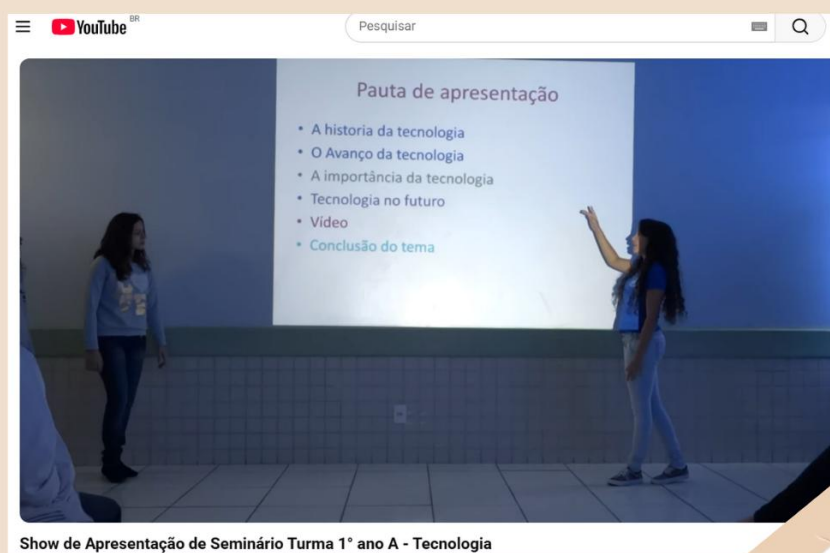
Oficina 01	Objetivos	Atividades	Material
Análise da Produção Inicial (PI) (2 h/a)	- Apresentar e refletir juntamente com os alunos acerca dos resultados do questionário on-line; - Proporcionar uma autoavaliação e uma autocrítica dos discentes ao assistirem seus próprios vídeos; - Exemplificar um modelo de apresentação de Seminário Escolar, através de um vídeo do Youtube.	- Exposição dos gráficos do formulário on-line; - Apresentação em vídeo da Produção Inicial; - Exibição de um modelo de seminário (Vídeo do Youtube).	- Data Show; - Notebook; - Slides; - Arquivos de vídeo.

OFICINA 01



Na primeira oficina, o intuito principal é dar um *feed back* aos alunos acerca das suas primeiras apresentações, dialogando sobre as respostas dadas por eles no formulário e exibindo os vídeos de suas produções iniciais, caso tenham permitido a gravação em áudio e vídeo.

Também é interessante exibir para a turma um vídeo intitulado “Show de apresentação de Seminário Turma 1º ano A - Tecnologia”, no qual eles poderão ver um exemplo de apresentação bem realizada.



Show de Apresentação de Seminário Turma 1º ano A - Tecnologia



Acesse o QR code e veja o vídeo.

OFICINA 02

A seguir, veja o quadro do planejamento para a oficina 02:

Oficina 02	Objetivos	Atividades	Material
As fases internas do Seminário Escolar (2 h/a)	- Apresentar e refletir, juntamente com a turma, acerca das fases internas que compõem o Seminário Escolar; - Dialogar com os alunos acerca dos temas que eles próprios sugeriram; - Realizar a divisão das equipes e dos temas para a Produção Final (PF).	- Aula expositiva e dialogada referente às partes que compõem as fases internas do S.E; - Compartilhamento dos temas sugeridos pelos alunos na pesquisa; - Divisão das equipes e escolha do tema para a Produção Final (PF).	- Quadro; - Pincel; -Data Show; - Notebook.

A oficina 02 volta-se, principalmente, para o ensino das fases internas que compõem o Seminário Escolar e para a divisão das equipes e temas que os alunos irão apresentar na Produção Final (PF). O conteúdo desta oficina pode ser anotado no quadro ou compartilhado via slides, a critério do(a) professor(a).

OFICINA 02

FASES INTERNAS DO SEMINÁRIO ESCOLAR

I. Fase de abertura:

Fase em que os alunos se apresentam, dando legitimidade às suas falas como expositores especialistas do tema a ser transmitido para a plateia.

II. Fase de introdução ao tema:

Momento em que a equipe anuncia o tema, ao passo que justifica a sua importância e as razões para a escolha do mesmo.

III. Apresentação do plano:

Nesta fase, os expositores mostram para os ouvintes os caminhos que serão seguidos na apresentação, conforme o planejamento feito pela equipe.

IV. O desenvolvimento e o encadeamento dos diferentes temas:

Nesta fase, os comunicadores expõem os conteúdos apresentados na fase de apresentação do plano.

V. Fase de recapitulação e síntese:

Momento em que é retomado os principais pontos da exposição.

VI. Conclusão:

Os comunicadores encerram a exposição dos conteúdos, abrindo espaço para que os ouvintes possam interagir com perguntas ou comentários a respeito do que foi abordado.

VII. O encerramento:

Nesta fase, os alunos agradecem à plateia pela atenção e encerram sua apresentação.

Fonte: Elaborado com base em Dolz et al. (2004, p. 220 e 221).

OFICINA 03

Vejamos agora o quadro do planejamento da oficina 03:

Oficina 03	Objetivos	Atividades	Material
As fases internas do Seminário Escolar (Continuação) (2 h/a)	- Fixar com os alunos os conceitos e a importância das fases internas que compõem o Seminário Escolar;	- Recapitulação das fases internas do Seminário Escolar; - Assistir a um vídeo de um Seminário Escolar, observando se todas as fases foram cumpridas.	- Quadro; - Pincel; - Data Show; - Notebook.

Nesta oficina, sugere-se fazer uma revisão das sete fases internas que estruturam o Seminário Escolar, expostas na oficina anterior. É possível realizar uma aula dialogada para saber o que a turma conseguiu apreender acerca das fases.

Outra sugestão interessante de atividade é a reapresentação do vídeo “Show de apresentação de Seminário Turma 1º ano A - Tecnologia”, pedindo aos alunos que observem com atenção se todas as fases internas foram cumpridas e de que maneira foram realizadas.

Para finalizar e incentivar os alunos a fazerem uso da fala, após assistirem novamente o vídeo, pode-se fazer as seguintes perguntas para que eles respondam oralmente: A fase de abertura foi desenvolvida pela equipe do vídeo? Qual ou quais expositores trabalharam nesta etapa? Você acha que o grupo se colocou como alunos especialistas, responsáveis por transmitir um conhecimento para um auditório?... Entre outras perguntas.

OFICINA 04

A seguir, veja o quadro do planejamento da oficina 04:

Oficina 04	Objetivos	Atividades	Material
Leitura e preparação para a Produção Final (PF) (2 h/a)	- Mostrar aos alunos o quanto é importante a leitura, a seleção e a organização das informações para a preparação de um Seminário; - Orientar os discentes para a produção de seus planos de apresentação.	- Reunir as equipes para realizarem a leitura do texto referente às suas apresentações; - Após a leitura, selecionar e organizar informações principais e secundárias; - Produção do plano de apresentação.	- Textos para o estudo de cada equipe; - Data show.

Antes de iniciar as atividades propostas nesta oficina, é importante conversar com os alunos acerca da necessidade de se pesquisar os conteúdos em sites confiáveis, como revistas científicas, páginas governamentais ou em portais educacionais. Na sequência, peça aos alunos que se reúnam em equipes e compartilhe com eles textos impressos referentes ao tema que irão apresentar.

Nesta oficina, eles deverão realizar um trabalho de leitura, seleção e organização das informações principais e secundárias para a preparação do Seminário. Para auxiliá-los neste trabalho, entregue a cada equipe o seguinte **modelo de plano de apresentação**, contendo as sete fases da estruturação interna do Seminário Escolar, para que possam preencher de acordo com o tema escolhido e com o texto que estavam lendo acerca do assunto.

OFICINA 04

1. ABERTURA

Bom dia!

Nossa equipe é formada por: _____, _____,
_____, _____ e _____.

Somos alunos do 8ºano B e iremos dar início ao seminário do componente curricular Língua Portuguesa.

2. INTRODUÇÃO

O tema da nossa apresentação será:

Escolhemos este tema porque (qual a problemática?)

Assim, o objetivo de nossa apresentação é:

Nossa apresentação está baseada no texto:

OFICINA 04

3. PLANO DA EXPOSIÇÃO

O plano da nossa apresentação está organizado da seguinte forma:

Em primeiro lugar, iremos trazer definições sobre:

Logo em seguida, falaremos sobre:

E para finalizar:

4. DESENVOLVIMENTO

A equipe deve cumprir as etapas que foram anunciadas no plano de exposição, destacando as partes que selecionaram no texto base e relacionando com os seus conhecimentos de vida.

OFICINA 04

5. RECAPITULAÇÃO E SÍNTESE

Para recapitular, falamos sobre:

6. CONCLUSÃO

Para concluirmos, gostaríamos de perguntar se alguém tem alguma pergunta ou deseja fazer algum comentário:

7. ENCERRAMENTO

Por fim, agradecemos a todos pela atenção. Está encerrada a nossa apresentação!

OFICINA 05

Vejamos agora o quadro do planejamento da oficina 05:

Oficina 05	Objetivos	Atividades	Material
Produção dos Slides (2 h/a)	- Transpor o plano de apresentação das equipes para os slides; - Organizar de forma coletiva os slides para serem usados na apresentação do Seminário Escolar.	- Assistir a uma videoaula sobre elaboração de slides; - Reunir-se em equipes para a elaboração dos slides.	- Data Show; - Notebooks; - Plano de apresentação; - Textos para o estudo de cada equipe.

Nesta oficina, a finalidade principal é auxiliar as equipes na elaboração de seus slides para a exposição da Produção Final. Se em sua escola houver uma sala de informática, a atividade ficará bastante produtiva, uma vez que todos os alunos poderão acessar os computadores e participarem da produção dos slides. Caso a instituição ainda não disponha desse ambiente, o professor deverá providenciar, juntamente com a coordenação e com os alunos, os aparelhos necessários (computadores, celulares, tablets).

A ideia é que os discentes utilizem o plano de apresentação que elaboraram durante a oficina anterior e o transponham para os slides, de modo que insiram imagens ilustrativas, tópicos ao invés de textos longos e, se pertinente, gráficos ou tabelas para atrair a atenção e facilitar a compreensão do público alvo.

Antes das equipes se reunirem para a elaboração dos slides, o(a) caro(a) colega professor(a), pode exibir o seguinte vídeo de um tutorial de como utilizar o powerpoint para fazer slides para apresentação de Seminários:

OFICINA 05



Acesse o QR code e veja o vídeo.

Após a exibição do vídeo, é importante conscientizar os alunos de que "o slide é um suporte para auxiliar a exposição do trabalho, servindo como um apoio e direcionamento dos tópicos selecionados." Dolz et al. (2004, p. 224 e 225).



Orienta ainda para que as equipes não se prendam somente aos slides, para que também possam fazer uso da oralidade de forma espontânea, expressando assim suas ideias.

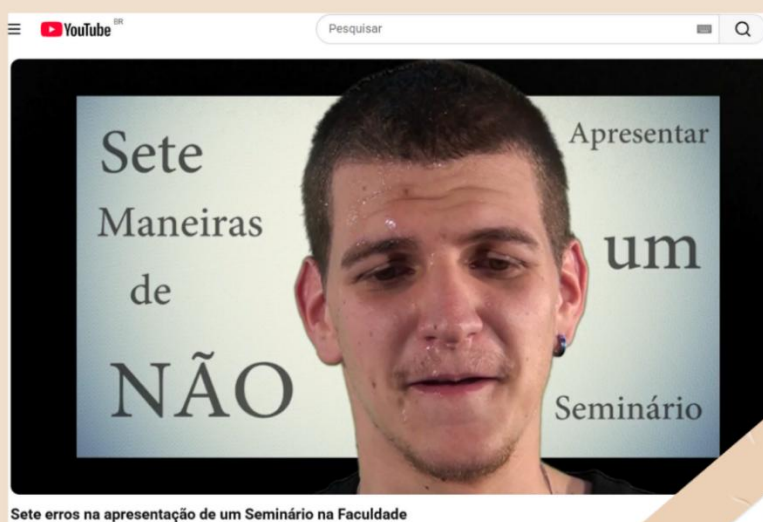
OFICINA 06

Vejamos agora o quadro do planejamento da oficina 06:

Oficina 06	Objetivos	Atividades	Material
Ensaio para a Produção Final (PF) (2 h/a)	- Disponibilizar um tempo para que os alunos ensaiem para a apresentação final; - Orientá-los quanto aos elementos não-linguísticos da comunicação oral: postura, voz, administração do tempo etc; - Observar como as equipes seguem o plano de apresentação e utilizam os slides durante o ensaio.	- Aula expositiva e dialogada acerca dos elementos não linguísticos da apresentação (meios cinésicos e paralinguísticos): postura, voz, controle do tempo; - Reunião das equipes para o ensaio das suas apresentações.	- Data Show; - Notebooks; - Plano de apresentação; - Caderno; - Caneta.

A sexta e última oficina tem como finalidade principal fazer com que cada equipe ensaie suas apresentações do Seminário Escolar. Antes de iniciarem o ensaio, sugerimos que o(a) caro(a) professor(a) exiba o vídeo “Sete erros na apresentação de um Seminário na Faculdade”. Embora o título do vídeo faça referência ao Seminário na faculdade, pode, sem problemas, ser apresentado para as turmas do Ensino Fundamental II, visto que aborda, com um viés cômico, os seguintes pontos importantes que devem ser evitados em uma apresentação de Seminário: o nervosismo, a “cola”, o cuidado com o slide errado, o cuidado com as gírias, o cuidado com o português, o cuidado com a movimentação e o cuidado para não atrapalhar o colega.

OFICINA 06



Acesse o QR code e veja o vídeo.



Meios não-linguísticos que devem ser ensinados e reforçados:

- Evitar movimentos repetitivos ou exagerados;
- Cuidado com o tom e a velocidade da voz;
- Evitar os risos ou conversas paralelas entre os próprios componentes da equipe;
- Não ficar de cabeça baixa, mas olhar para o auditório;
- Administrar bem o tempo da apresentação, de acordo com o que foi estabelecido pelo professor.

Porém, caro(a) professor(a), fique à vontade para trabalhar os meios não-linguísticos que considerar necessários com sua turma. Conferir p. 8.

Em síntese, os meios não-linguísticos que abordamos foram os meios paralinguísticos (qualidade da voz e risos), os meios cinésicos (atitudes corporais e troca de olhares) e posição dos locutores (ocupação dos lugares).

PRODUÇÃO FINAL (PF)

Finalizadas as oficinas, é chegado o momento para que os alunos coloquem em prática o que aprenderam. É a etapa na qual o(a) professor(a) poderá verificar se os discentes conseguiram, de fato, aprimorar suas capacidades de linguagem, desenvolvendo o gênero Seminário Escolar com mais segurança e desenvoltura.

Para avaliar o desenvolvimento dos alunos, sugerimos que o(a) caro(a) colega utilize as mesmas tabelas avaliativas que utilizou durante as produções iniciais (verificar p. 16, 17 e 18) para fazer suas anotações. Dessa forma, será possível analisar em quais critérios seus alunos evoluíram e/ou em quais permaneceram como estavam na primeira apresentação.

Faz-se necessário atentar para o fato de que alguns alunos podem ter melhor desempenho em sua apresentação de Seminário do que outros, por isso, os educandos precisam ser avaliados individualmente e não em comparação aos demais. Com isso, analisando a produção inicial comparada à produção final de cada aluno(a), o(a) professor(a) poderá ter um parâmetro melhor acerca dos resultados a que chegou depois do trabalho desenvolvido.

Além disso, a produção final para Dolz et al (2004, p. 106) “dá ao aluno a possibilidade de pôr em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente nos módulos.” Nesse mesmo sentido, as professoras doutoras Fatiha Dechicha Parahyba e Meire Celedonio da Silva, em seu artigo “A sequência didática: ampliando a reflexão sobre este dispositivo” afirmam que:

“na produção final, o aluno incorpora e agrega saberes sobre a linguagem e seu uso no gênero textual em estudo. Essa operação é fruto da avaliação formativa, da regulação e da mediação que, metaforicamente, vão deixar suas marcas de ‘amadurecimento’ no desenvolvimento da capacidade de linguagem do aluno. Paralelamente, a produção final permite ao professor verificar ainda as possíveis lacunas ou o terreno carecendo amadurecer. (Parayba, Silva, 2023, p. 49).

Com isso, tem-se que a Produção Final (PF) é uma etapa muito importante do processo dessa sequência didática para o ensino e aprendizagem do gênero Seminário Escolar, visto que reflete os resultados (frutos) de um trabalho que tende a agregar saberes por meio de ações mediadoras e formativas. É importante enfatizar também que esta etapa ainda não é o fim, pois, dependendo dos resultados alcançados, o(a) professor(a) precisará continuar criando estratégias e trabalhando com o gênero para aprimorar o que não ficou adequado ou de acordo com os objetivos traçados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caro(a) colega, chegamos ao final do nosso Caderno Pedagógico e esperamos que este instrumento possa, de fato, contribuir com sua prática docente. Inicialmente, compartilhamos, de forma lúdica, alguns “memes” que traduzem bem a apreensão que muitos de nossos estudantes sentem quando sabem que irão apresentar um Seminário Escolar. Na sequência, para contextualizar, apresentamos um breve histórico do gênero e vimos que o Seminário teve sua origem na Idade Média, tendo inicialmente um viés religioso e somente depois sendo inserido no âmbito educacional secular.

Optamos por compartilhar, passo a passo, a maneira como realizamos a nossa prática em sala de aula durante a pesquisa, deixando claro que trata-se apenas de um modelo e de uma sugestão de trabalho, ficando a critério do(a) professor(a) adaptar o que considerar necessário, de acordo com a realidade de suas turmas.

Sugerimos a aplicação do questionário on-line “Minhas vivências com o gênero”, cujo intuito é verificar como é a relação dos discentes com o Seminário. Depois apresentamos as etapas da Sequência Didática que pode ser aplicada: “Apresentação da situação, Produção Inicial (PI), módulos ou oficinas e Produção Final (PF)”. Para auxiliar os docentes, foram compartilhados vídeos que podem contribuir com a dinâmica das aulas, os planos para a aplicação das oficinas, um modelo de plano de apresentação e os quadros avaliativos que ajudam o(a) professor(a) a analisar o progresso dos alunos ao comparar seu desempenho na PI e na PF.

É importante salientar que o ensino dos gêneros orais é prescrito pelos documentos normativos, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que estabelece a oralidade como um dos quatro eixos de ensino de Língua Portuguesa juntamente com Leitura, Produção Textual e Análise Linguística/Semiótica, estabelecendo assim que “o Eixo da Oralidade compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face” (Brasil, 2018, p. 78).

Dessa forma, esperamos que, com este trabalho, estejamos contribuindo para que o gênero oral, em especial o Seminário Escolar, seja objeto de maior interesse no processo de ensino e aprendizagem por parte dos(as) colegas professores(as). O objetivo principal é aprimorar as capacidades de linguagem dos nossos alunos, de modo que passem a utilizar a oralidade e a apresentar seus Seminários Escolares com mais desenvoltura e confiança. É válido deixar claro que este trabalho com o gênero oral ultrapassa os muros da escola, visto que o aluno que o desenvolve bem terá sucesso em outros âmbitos de sua vida, como em entrevistas de trabalho, palestras, programas jornalísticos, audiências jurídicas, etc.

Bom trabalho a todo(as).
Agradecemos a atenção!

REFERÊNCIAS

BALCELLS, Jaime Pujol; MARTIN, José Luís Fons. **Os métodos no ensino universitário**. Lisboa: Livros Horizonte, 1985.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de Linguagem, textos e discursos: por um Interacionismo Sociodiscursivo**. Trad. Anna Raquel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 1999.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. / Trad. Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin e Fábio Delano Vidal Carneiro. – 2. ed. – Fortaleza: Parole et vie, 2023.

BUENO, Luzia; BRAGIATTO, Gabriel Aparecido; OLIVEIRA, Camila Regina. Os gêneros orais na BNCC e sua progressão nos anos iniciais do ensino fundamental. In: **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 40, n. 4, p. 202440468793, 2024.

BUENO, Luzia. Gêneros orais: elementos linguísticos e não-linguísticos. In: **I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa**, p. 1-5, 2008.

DOLZ-MESTRE, Joaquim; PASQUIER, Auguste; BRONCKART, Jean-Paul. A Aquisição do discurso: a emergência de uma competência ou aprendizagem de diferentes capacidades de linguagem? In: **Nonada: Letras em Revista**, 2017, n° 28.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.; HALLER, S. 2004. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. In: **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. de Roxane Rojo e Glaís Sales. Campinas: Mercado de Letras, p.149-185.

LUCENA, Luciana Lília Galindo. **Oralidade e ensino: uma proposta metodológica a partir do gênero exposição oral em seminário**. 2020. 157 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

PARAHYBA, F. D.; SILVA, M. C. da. A sequência didática: ampliando a reflexão sobre este dispositivo. In: **Calidoscópio** - v. 21, n. 1, janeiro - abril 2023.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

ZANI, Juliana Bacan; BUENO, Luzia; DOLZ, Joaquim. As dimensões ensináveis do gênero textual “a comunicação oral em eventos científicos”. In: **Revista Letras, Santa Maria, v. Especial**, n. 01, p. 349-368, 2020.